



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Ana Paula Moreira dos Santos

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM UMA ESCOLA CLASSE DE SÃO
SEBASTIÃO/DF DURANTE E APÓS A PANDEMIA DE COVID-19**

Brasília
2024

Ana Paula Moreira dos Santos

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM UMA ESCOLA CLASSE DE SÃO
SEBASTIÃO/DF DURANTE E APÓS A PANDEMIA DE COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação
da Universidade de Brasília como
requisito para obtenção do título de
licenciado em Pedagogia.

Nome do orientador

**Prof. Dr. Paulo Henrique Pereira Silva
de Felipe**

Nome do coorientador

Prof. Dr. Adriano Senkevics

CIP - Catalogação na Publicação

Moreira dos Santos, Ana Paula.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM UMA ESCOLA CLASSE DE SÃO
SEBASTIÃO/DF DURANTE E APÓS A PANDEMIA DE COVID-19 / Ana

Paula Moreira dos Santos; orientador Paulo Henrique Pereira
Silva de Felipe; co-orientador Adriano Senkevics. -- Brasília,
2024.

63 p.

1. Pandemia. 2. Alfabetização. 3. Práticas Docentes. 4.
Desigualdades. 5. Estratégias. I. Pereira Silva de Felipe,
Paulo Henrique , orient. II. Senkevics, Adriano, co-orient.

III. Título.

DEDICATÓRIA

“Ler a palavra e aprender como escrever a palavra, de modo que alguém possa lê-la depois, são precedidos do aprender como “escrever” o mundo, isto é, ter a experiência de mudar o mundo e de estar em contato com o mundo”.

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força e persistência que me impulsionam a lutar todos os dias, aos meus familiares pelo apoio e carinho, ao professor Paulo Henrique de Felipe pelo auxílio fundamental durante todo o processo, pela paciência, pela atenção e por acreditar em meu potencial, sempre me incentivando a superar desafios. E ao meu mestre, professor Adriano Senkevics, pelas valiosas orientações e por confiar em meu potencial como futura pedagoga.

MEMORIAL

Meu nome é Ana Paula Moreira dos Santos, tenho 26 anos e sou estudante de Pedagogia na Universidade de Brasília. Minha trajetória de vida é marcada por desafios que enfrentei ao longo da minha formação acadêmica, repleta de experiências e superações, além do envolvimento em projetos escolares. Após concluir o ensino médio, meu foco era passar na UnB para cursar Psicologia, mas não obtive sucesso. Durante esse período, conheci, por meio de um familiar, o curso de Pedagogia, que me despertou interesse. Após várias tentativas e cursinhos, finalmente fui aprovada em Pedagogia na UnB.

Desde o início do curso, consegui desconstruir muitos preconceitos que tinha sobre o curso. Compreendi melhor o papel do pedagogo tanto nas instituições de ensino quanto em outras áreas de atuação. Minha visão da profissão se transforma à medida que aprendo, integrando teoria e prática, e entendendo os objetivos e finalidades que ela propõe.

Ao longo do curso de Pedagogia, tive a oportunidade de refletir sobre os temas relacionados à área da educação nos quais poderia me aprofundar e pesquisar. Assim, surgiu o tema 'Alfabetização e Letramento em uma Escola Classe de São Sebastião/DF durante e após a pandemia'. Esse tema me permitiu compreender as ações rompidas durante e após a pandemia na escola onde fui aluna e, posteriormente, atuei como pesquisadora.

O curso de Pedagogia nos proporciona a oportunidade de chegar a diferentes lugares, tornando o conhecimento acessível para todos por meio de ações, ideias e colaboração.

RESUMO

Este trabalho investiga os impactos da pandemia de Covid-19 no processo de alfabetização nas séries iniciais do ensino fundamental em uma escola de São Sebastião/DF, analisando as práticas docentes adotadas durante e após o ensino remoto. A pandemia gerou uma reorganização social que afetou profundamente o sistema educacional brasileiro, destacando as desigualdades preexistentes, como a falta de recursos tecnológicos nas escolas públicas, em contraste com as privadas. A pesquisa, de caráter qualitativo, utilizou entrevistas semiestruturadas com professoras do 1º ao 3º ano do ensino fundamental para compreender os desafios enfrentados no período de ensino remoto e as estratégias adotadas no retorno às aulas presenciais. Os principais resultados mostram que a defasagem de aprendizagem, a falta de socialização dos alunos, as salas superlotadas e a ausência de monitores para alunos com deficiência foram problemas recorrentes. As professoras adotaram estratégias como reforço escolar, reagrupamento de alunos e projetos de acolhimento emocional para mitigar os impactos negativos. Conclui-se que, embora os esforços tenham sido significativos, a pandemia exacerbou as desigualdades educacionais, evidenciando a necessidade de políticas públicas mais eficazes para garantir a equidade no acesso à educação de qualidade.

Palavras-chave: pandemia; alfabetização; práticas docentes; desigualdades; estratégias.

ABSTRACT

This work investigates the impacts of the Covid-19 pandemics on the literacy process in the initial grades of elementary school at a school in São Sebastião/DF, analyzing the teaching practices adopted during and after remote teaching. The pandemics generated a social reorganization that profoundly affected the Brazilian educational system, highlighting pre-existing inequalities, such as the lack of technological resources in public schools, in contrast to private ones. The qualitative research used semi-structured interviews with teachers from the 1st to 3rd year of elementary school to understand the challenges faced during the remote teaching period and the strategies adopted when returning to in-person classes. The main results show that the learning gap, the lack of socialization of students, overcrowded classrooms and the absence of monitors for students with disabilities were recurring problems. The teachers adopted strategies such as tutoring, student regrouping and emotional support projects to mitigate negative impacts. It is concluded that, although the efforts were significant, the pandemic exacerbated educational inequalities, highlighting the need for more effective public policies to guarantee equity in access to quality education.

Keywords: pandemic; literacy; teaching practices; inequalities; strategies.

LISTA DE GRÁFICOS

FIGURA 1- 3.1.1: DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR FAIXAS DE IDADE E SEXO	24
FIGURA 2 - 3.1. 2: DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR ARRANJOS DOMICILIARES	25
FIGURA 3 - 3.1.3: DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR SEXO	26
FIGURA 4 - 3.1.5: DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR RAÇA/ COR DA PELE	27
FIGURA 5 - 3.1.6: DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR ESTADO CIVIL	27
FIGURA 6- 3.2.1: PRINCIPAIS ESTADOS DE NASCIMENTO DAS PESSOAS QUE VIERAM DE FORA DO DF	28
FIGURA 7- 3.2.2: DISTRIBUIÇÃO DA MOTIVAÇÃO DO RESPONSÁVEL DO DOMICILIO A MUDAR E/OU RETORNAR À CAPITAL FEDERAL	29
FIGURA 8 - 3.2.3: INTENÇÃO E LOCALIDADE PARA CONSTITUIÇÃO DE NOVO DOMICILIO NOS PROXIMOS 12 MESES DAS PESSOAS DE 14 ANOS OU MAIS	29
FIGURA 9 - 3.4.1: POSSE DE CELULAR E TABLET PARA USO PESSOAL	30
FIGURA 10 - 3.4.2: POSSE DE LINHA PRÉ-PAGA E PÓS-PAGA PARA USO PESSOAL	31
FIGURA 11 - 3.4.3: ACESSO À INTERNET E MEIOS DE ACESSO NOS ÚLTIMOS TRÊS MESES	31
FIGURA 12 - 3.5.1: POPULAÇÃO COM SEIS ANOS OU MAIS DE IDADE QUE DECLARARAM SABER LER E ESCREVER	32

FIGURA 13 - 3.5.2: DISTRIBUIÇÃO DA FREQUÊNCIA ESCOLAR DA POPULAÇÃO ENTRE 4 E 24 ANOS
33

FIGURA 14 - 3.5.3: DISTRIBUIÇÃO DA MODALIDADE DE ENSINO DE TODOS OS ESTUDANTES
34

FIGURA 15- 3.5.4: DISTRIBUIÇÃO DO TURNO DE ESTUDO DE TODOS OS ESTUDANTES
34

FIGURA 16 - 3.5.5: DISTRIBUIÇÃO DA FREQUÊNCIA ESCOLAR POR FAIXAS DE IDADE
35

FIGURA 17- 3.5.6: REGIÃO ADMINISTRATIVA/ MUNICÍPIO DA UNIDADE DE ESTUDO
36

FIGURA 18 - 3.5.7: PRINCIPAL MEIO DE TRANSPORTE DA CASA ATÉ A ESCOLA DE TODOS OS ESTUDANTES
36

FIGURA 19 - 3.5.8: TEMPO DE DESLOCAMENTO DA CASA ATÉ A ESCOLA DE TODOS OS ESTUDANTES
37

FIGURA 20 - 3.5.9: ESCOLARIDADE DA POPULAÇÃO COM 25 ANOS OU MAIS
37

SUMÁRIO

RESUMO	7
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO	13
1. DIREITO À EDUCAÇÃO E DESAFIOS PARA SUA EFETIVAÇÃO	13
2. ALFABETIZAÇÃO COMO ETAPA DE ENSINO	15
3. USO DAS TICS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	17
4. ALFABETIZAR EM TEMPOS DE PANDEMIA	18
CAPITULO 2: TRABALHO DE CAMPO	21
1. MÉTODOS E TÉCNICAS	22
2. Breve Histórico da Cidade de São Sebastião	23
3. CONDUÇÃO DAS ENTREVISTAS	38
4. MÉTODO DE ANÁLISES DAS ENTREVISTAS	39
5. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	40
6. CARACTERIZAÇÃO DAS ENTREVISTADAS	41
CAPITULO 3: RESULTADOS E DISCUSSÕES	45
1. DURANTE A PANDEMIA	45
2. APÓS A PANDEMIA	52
CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
APÊNDICE: QUESTIONÁRIO	61
ANEXOS	62

INTRODUÇÃO

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o contágio pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2) – agente etiológico da doença da Covid-19 – como uma pandemia global, logo anunciada como a maior crise sanitária já vivida pela humanidade. Diante desse cenário, foi imperativo que a sociedade se reorganizasse para atender às novas recomendações sanitárias, entre as quais citamos o distanciamento físico, as quais motivaram a suspensão temporária do funcionamento de estabelecimentos coletivos. Assim, inúmeras instituições precisaram adaptar seu funcionamento para oferecer serviços remotos.

A pandemia de Covid-19 provocou mudanças substanciais nos sistemas de ensino em todo o mundo, incluindo o Brasil. A necessidade de suspender as aulas presenciais levou escolas e redes de ensino a buscar alternativas para continuar o processo educativo, resultando em respostas variadas entre as diferentes regiões do país. Essa situação exacerbou as desigualdades educacionais existentes, destacando as diferenças já significativas em termos de infraestrutura, recursos e qualidade do corpo docente que impactam os resultados educacionais dos estudantes (para uma revisão, ver (SENKEVICS; ALCÂNTARA, 2023).

Desde a deflagração da crise sanitária, o ano letivo de 2020 teve atividades presenciais suspensas em praticamente todas as escolas públicas e privadas do Brasil, afetando profundamente a educação básica. Segundo dados do Inep, mais de 99% das escolas interromperam o ensino presencial, com a grande maioria adotando formas de ensino-aprendizagem remotas (SENKEVICS; BOF, 2022). Esse período desafiador iluminou as discrepâncias já existentes no sistema educacional brasileiro, exacerbando as desigualdades em termos de acesso e qualidade da educação.

A migração para o ensino remoto acarretou perdas significativas no aprendizado, como destaca o Fundo das Nações Unidas para a Infância

(Unicef), que evidenciou que a maioria das crianças do 2º ano do ensino fundamental estava abaixo dos padrões almejados de proficiência em leitura – uma piora significativa em comparação ao período pré-pandêmico. Além da queda no aprendizado, foram identificados aumentos nas desigualdades educacionais, na taxa de abandono escolar e nos efeitos adversos na saúde mental e no bem-estar de alunos e professores (LICHAND; CHRISTEN; VAN EGERAAT, 2022). Fora da sala de aula, estudantes se viram mais dependentes do apoio familiar para prosseguir com o ensino remoto, exacerbando as disparidades, principalmente entre os mais desfavorecidos que carecem de recursos para estudos em casa (KOSLINSKI; BARTHOLO, 2022).

Crianças em estágios iniciais de escolarização no Brasil são altamente dependentes da orientação escolar e, por isso, enfrentaram riscos significativos de atrasos educacionais (NERI; OSORIO, 2022). Estudos mostram que a educação infantil e os primeiros anos do ensino fundamental no país sofreram com altas taxas de abandono e redução no tempo de estudo, além de declínio acentuado em competências educacionais (BOF; BASSO; SANTOS, 2022; BOF; MORAES, 2022; SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO, 2021) . A situação é especialmente preocupante dada a importância dessas fases para o desenvolvimento cognitivo e social.

Em adição aos impactos da pandemia sobre o alunado, Freitas, Almeida e Fontenele (2021) destacam que o ensino a distância representou uma transformação significativa na prática docente, desafiando os educadores a adaptarem-se à interação digital. É crucial entender os impactos do ensino remoto sobre a alfabetização e o letramento, avaliando as estratégias adotadas pelos educadores para superar desafios no retorno ao ensino presencial. Isso inclui analisar a eficácia das práticas de leitura e escrita a distância, identificar benefícios e desafios das tecnologias educacionais, verificar o nível de alfabetização pós-isolamento e as medidas adotadas para mitigar dificuldades de aprendizado.

É nesse horizonte que se enquadra este texto. A pesquisa ora realizada tem o objetivo de investigar as práticas docentes de alfabetização adotadas durante e após a pandemia de Covid-19 em uma escola de São Sebastião/DF, com foco nas estratégias utilizadas para mitigar os impactos da migração para o ensino remoto e os desafios enfrentados no retorno ao ensino presencial. Busca-se compreender como os educadores adaptaram seus métodos de ensino à realidade digital e quais medidas foram implementadas para recuperar a perda de aprendizagem, especialmente nos primeiros anos do ensino fundamental.

CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO

1. DIREITO À EDUCAÇÃO E DESAFIOS PARA SUA EFETIVAÇÃO

De acordo com a Constituição Federal de 1988, a educação no Brasil é um direito universal. No entanto, esse direito não é plenamente respeitado ou garantido para toda a população, sendo a educação de qualidade acessível apenas a uma parcela privilegiada.

Magda Soares (2021) aponta que, nas últimas décadas, a maior parte das crianças das camadas populares conquistou seu lugar nas salas de aula, e o acesso ao ensino médio e à educação infantil vem crescendo. Contudo, qualitativamente, “ainda é negado a crianças e jovens o direito de aprender, finalidade primordial da escola, imprescindível à conquista da cidadania plena” (SOARES, 2021, p. 10).

Segundo a autora, as escolas têm se mostrado ineficazes na educação das camadas populares, o que resulta em fracasso escolar. Esse fracasso não apenas acentua as desigualdades sociais, mas também as legitima. A pesquisa Alfabetiza Brasil, do Ministério da Educação (MEC), revela que, em 2021, 56,4% dos estudantes do 2º ano do ensino fundamental da rede pública não atingiram o nível esperado de alfabetização (ALMEIDA, 2023). Esses dados evidenciam um número significativo de alunos que frequentam a escola sem dominar leitura e escrita.

A situação, que já era preocupante antes da pandemia de Covid-19, se agravou durante o período pandêmico. Em 2019, 39,7% das crianças não estavam alfabetizadas no 2º ano do ensino fundamental na rede pública, com um aumento de 16,7% no percentual de não alfabetizados em 2021 (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2024).

Mônica Dias Pinto, chefe de Educação do Unicef no Brasil, enfatiza que ciclos de alfabetização incompletos têm um impacto profundo na trajetória escolar de crianças e adolescentes, resultando em reprovações e abandono escolar (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2024). A

ausência de habilidades em leitura e escrita dificulta o aprendizado e o acompanhamento das atividades escolares. Quando enfrentam repetidas reprovações, muitos estudantes abandonam a escola e, mesmo que tentem retornar, acumulam atrasos acadêmicos. A falta de oportunidades adequadas de aprendizado se torna um fator crucial para a evasão escolar definitiva (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2024).

Nesse sentido, Ferreiro e Teberosky (1999) questionam se repetir o ciclo escolar, sem suporte adequado, é realmente benéfico para as crianças, pois a repetição de um processo de insucesso sem as condições necessárias pode gerar desmotivação e, eventualmente, a evasão escolar.

Diante dessa problemática, o Unicef propõe duas estratégias urgentes que devem ser implementadas simultaneamente. A primeira é o investimento em práticas pedagógicas de qualidade, para garantir que as crianças, ao iniciarem o ensino fundamental, aprendam a ler e escrever na idade correta. A segunda é a implementação de programas de recomposição de aprendizagem, voltados para os alunos que não alcançaram os níveis esperados de alfabetização até o 2º ano, oferecendo apoio específico para recuperar o aprendizado e avançar (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2024).

Além das dificuldades pedagógicas, as crianças das camadas populares enfrentam desafios que extrapolam os limites da escola. Ferreiro e Teberosky (1999) identificam fatores que dificultam o acesso e a permanência dessas crianças, como a falta de transporte escolar, agravada por questões climáticas e longas distâncias, especialmente em áreas rurais, além do trabalho infantil.

Soares (2021) observa que a escola, ao adotar o discurso de “igualdade de oportunidades”, coloca a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso escolar nos indivíduos, ignorando problemas estruturais que influenciam os pontos de partida. Para a autora, essa ideologia sustenta uma divisão de oportunidades dentro das próprias instituições, considerando “justo” que a escola selecione os “mais capazes” (através de

provas de seleção) e hierarquize os alunos em turmas “fortes” e “fracas” (SOARES, 2021, p. 18).

Ferreiro e Teberosky (1999) argumentam que o fracasso escolar é mais uma questão social do que individual. O acesso à educação de qualidade depende de condições socioeconômicas, e “a desigualdade social e econômica se manifesta também na distribuição desigual das oportunidades educacionais” (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p. 20). Aqueles com melhores condições socioeconômicas garantem uma educação contínua e de qualidade, enquanto os menos favorecidos muitas vezes não alcançam as mesmas oportunidades, perpetuando a desigualdade educacional que deveria ser combatida.

2. ALFABETIZAÇÃO COMO ETAPA DE ENSINO

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada em 2017, é um documento normativo e referência obrigatória para a elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas para a educação básica em instituições públicas e privadas no Brasil. Ela estabelece que a alfabetização deve ocorrer no primeiro ciclo do Ensino Fundamental, especificamente nos anos iniciais (1º e 2º anos). Nesse contexto, a alfabetização e o letramento desempenham um papel central na formação de cidadãos críticos e conscientes, sendo práticas essenciais nos primeiros anos da educação básica.

A BNCC antecipou o prazo de alfabetização para o 2º ano, diferente do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic), que estipulava o 3º ano como prazo-limite. No entanto, no 3º ano, o foco é reforçado, direcionado para o aprimoramento da ortografia e consolidação do processo iniciado nos anos anteriores. O documento afirma que, embora a criança participe de práticas letradas desde o nascimento, é nos anos iniciais que se espera sua alfabetização formal, quando deve desenvolver a capacidade de codificar e decodificar sons em letras, um processo fundamental para a leitura e escrita (BNCC, 2018).

A discussão sobre alfabetização e letramento tem como referência autores importantes, como Soares (2009), Freire (2000; 2005), Ferreiro e Teberosky (1985), e Mortatti (2019). Segundo Soares (2009), alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever, enquanto letramento refere-se às práticas sociais de leitura e escrita que se desenvolvem a partir da alfabetização. Soares também faz uma distinção clara entre analfabetismo, que é a ausência do conhecimento do alfabeto, e alfabetização, que é o processo de capacitação para a leitura e escrita.

Paulo Freire (2000) entende a alfabetização como um processo de conscientização, em que o ato de ler e escrever vai além da simples decodificação de palavras, sendo um caminho para a leitura crítica do mundo. Nesse sentido, a alfabetização está profundamente relacionada à emancipação do indivíduo e à sua participação ativa na sociedade.

Ferreiro e Teberosky (1985), por sua vez, destacam que a alfabetização é um processo construtivista, no qual as crianças constroem o conhecimento sobre a escrita com base em suas interações com o mundo ao redor. Para elas, o processo de alfabetização envolve não apenas o aprendizado técnico de leitura e escrita, mas também a compreensão das funções sociais da linguagem escrita.

Mortatti (2010) complementa essa visão ao afirmar que a alfabetização é um processo crucial para a formação do cidadão, e que demanda tanto ações pedagógicas quanto políticas, uma vez que é um direito constitucional garantido pelo Estado. Segundo a autora, nas sociedades contemporâneas, a inclusão dos não alfabetizados requer esforços que vão além do âmbito educacional, exigindo políticas públicas que promovam a igualdade de oportunidades.

O ensino remoto durante a pandemia de Covid-19 trouxe à tona reflexões importantes sobre o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem. As lacunas abertas, especialmente em relação à mediação pedagógica e ao uso de ferramentas tecnológicas, evidenciaram as desigualdades no acesso à educação de qualidade. Essas dificuldades reforçaram a necessidade de uma formação docente robusta, capaz de

lidar com os desafios de um ensino híbrido e com as demandas por uma alfabetização efetiva.

Dessa forma, a BNCC, ao antecipar o tempo de alfabetização, reforça a importância de garantir que todas as crianças, independentemente de sua condição social, tenham acesso a práticas pedagógicas que assegurem o direito de aprender a ler e escrever nos primeiros anos de escolarização. Contudo, como apontam Mortatti (2010) e outros autores, esse processo exige uma articulação entre escola, políticas públicas e a sociedade, para que o direito à educação seja plenamente efetivado.

3. USO DAS TICS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no processo de ensino-aprendizagem vem se consolidando como uma ferramenta essencial para a educação, principalmente após a pandemia de Covid-19. Durante esse período, a necessidade de continuidade do ensino, mesmo à distância, acelerou a incorporação de recursos digitais, que se tornaram fundamentais para viabilizar o acesso ao conhecimento. No entanto, o cenário evidenciou profundas desigualdades no acesso a essas tecnologias, revelando desafios tanto para professores quanto para estudantes.

As TICs têm o potencial de transformar a educação ao ampliar o alcance e a diversidade de materiais pedagógicos, permitindo novas formas de interação entre alunos e educadores. Contudo, sua efetividade depende de políticas públicas que garantam a infraestrutura necessária, como o acesso à internet e dispositivos eletrônicos, especialmente para populações mais vulneráveis. Nesse sentido, a pandemia serviu como um ponto de inflexão, destacando a urgência de integrar as TICs de maneira equitativa ao sistema educacional brasileiro, promovendo a inclusão digital e garantindo que todos tenham as mesmas oportunidades de aprendizado.

4. ALFABETIZAR EM TEMPOS DE PANDEMIA

Um número significativo de estudos realizados durante e após a pandemia investigaram os impactos da crise sanitária sobre a educação e, em particular, a alfabetização, além de revelarem variações significativas na maneira como diferentes redes de ensino responderam à crise. Relatórios como o da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) apontaram que enquanto algumas redes conseguiram implementar estratégias eficazes de ensino remoto, outras enfrentaram dificuldades significativas, principalmente em regiões menos favorecidas economicamente.

Além disso, estudos focados nas desigualdades educacionais demonstraram que as diferenças de acesso à internet e recursos tecnológicos entre alunos de diferentes perfis socioeconômicos agravaram as desigualdades. Por exemplo, pesquisas mostraram que alunos de regiões mais pobres e com menor infraestrutura educacional enfrentaram maiores barreiras no acesso ao ensino remoto, prejudicando seu desempenho educacional e ampliando o fosso educacional existente (BOF; MORAES, 2022).

A pandemia de Covid-19 marcou a maior crise educacional da história recente, gerando perdas significativas nas habilidades dos estudantes. De acordo com a revisão sistemática de König e Frey (2022), houve uma redução média de 0,18 desvios-padrão (d.p.) nas habilidades dos alunos em oito países, enquanto Storey e Zhang (2021) observaram uma queda média de 0,20 d.p. em dez países. Esses estudos também notaram que as crianças mais novas foram desproporcionalmente afetadas, com perdas comparáveis às observadas durante as férias de verão, ilustrando a desconexão entre os alunos e as instituições educacionais durante o surto pandêmico.

Betthäuser et al. (2023) reportaram uma queda média de 0,14 d.p. e destacaram um aumento das desigualdades socioeconômicas de aprendizagem durante a pandemia. A análise mostrou que países de alta

renda tiveram menor queda e variabilidade nos efeitos (queda mediana de 0,12 d.p.), ao contrário dos países de renda média, onde a queda e a variabilidade foram maiores (queda mediana de 0,37 d.p.). Di Pietro (2023) encontrou um efeito médio de 0,19 d.p. em dezenove países, dois terços dos quais eram de baixa renda, e confirmou maior variabilidade nos países de renda média. Essas meta-análises convergem ao ressaltar o impacto substancial da pandemia no aprendizado, particularmente entre os mais pobres e comparativamente maior do que o de desastres naturais, posicionando a pandemia como a pior crise educacional já registrada em escala global.

No Brasil, segundo o suplemento da pesquisa Resposta Educacional à Pandemia de Covid-19 realizado pelo Inep, as escolas demoraram cerca de 41 dias para adaptar-se pedagogicamente à suspensão das aulas em 2020, com a maioria permanecendo fechada durante o ano letivo. Em 2021, o ensino ocorreu majoritariamente em formatos remoto e híbrido. Cerca de 97,9% das escolas públicas adotaram estratégias de ensino-aprendizagem remoto, utilizando principalmente materiais impressos e digitais, mas poucas realizaram aulas interativas ao vivo pela internet.

Para analisar a variabilidade das respostas educacionais, Senkevics e Bof (2022) desenvolveram o Índice de Resposta Educacional à Pandemia (IRP), revelando uma forte associação entre o IRP e fatores como a dependência administrativa, localização, nível socioeconômico familiar e qualidade prévia da escola. As análises indicam que as políticas implementadas durante a pandemia não conseguiram mitigar de maneira eficaz o impacto do fechamento das escolas sobre as populações mais vulneráveis, necessitando de estudos futuros para aprimorar as estratégias de intervenção educacional e melhor compreender as desigualdades que se aprofundaram durante esse período crítico.

Costa e Brandão (2022) construíram um índice para avaliar a resposta dos municípios brasileiros à pandemia, concluindo que a variação nas respostas das redes de ensino reflete diferenças estruturais

significativas, ligadas à capacidade institucional e à qualidade da oferta educacional. Os estudos conduzidos por Barberia et al. (2021) codificaram as respostas das unidades federativas e capitais brasileiras à crise educacional causada pela pandemia, desenvolvendo indicadores para medir a velocidade e abrangência das políticas implementadas. Suas descobertas ressaltam a disparidade na qualidade e eficácia das respostas, muitas das quais foram implementadas sem consideração suficiente para garantir acesso equitativo ou supervisão adequada. Os autores observaram que as intervenções frequentemente falharam em mitigar os impactos negativos do fechamento das escolas, especialmente para as populações mais vulneráveis.

Além disso, a análise da percepção de famílias e professores, conduzida por Koslinski et al. (2022), revelou que, embora houvesse uma comunicação otimista entre os níveis da administração escolar, persistia uma grande desconfiança quanto à adequação dos materiais e ao apoio fornecido às famílias. As escolas enfrentaram desafios significativos para adaptar as diretrizes de políticas à realidade local, especialmente em termos de acessar recursos tecnológicos e apoiar o aprendizado dos alunos em casa.

Essas descobertas são cruciais para a compreensão do impacto prolongado da pandemia na educação e destacam a necessidade urgente de estratégias governamentais que não apenas respondam às crises, mas também fortaleçam a resiliência do sistema educacional contra futuras perturbações. Este conjunto de evidências fornece uma base importante para futuras pesquisas e desenvolvimento de políticas, visando minimizar desigualdades educacionais e melhorar a qualidade da educação em todos os contextos brasileiros.

CAPÍTULO 2: TRABALHO DE CAMPO

A pesquisa é de natureza qualitativa, fundamentada em autores como Soares (2009), Freire (2000; 2005), Ferreiro e Teberosky (1985) e Mortatti (2019). A principal técnica foram as entrevistas, cujo objetivo é obter informações a partir de um roteiro pré-elaborado (ZAGO, 2011). É essencial ter em mente que diversos fatores influenciam a realização de entrevistas, uma vez que a relação estabelecida com os participantes é crucial para construir confiança e possibilitar respostas claras e objetivas, conforme Ludke e André (1986, p. 33) destacam: “na entrevista, a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde”.

Essa interação ao longo do processo de produção dos dados é fundamental, pois esses dependem da dinâmica entre entrevistador e entrevistado. Uma vantagem da entrevista, segundo os autores, reside na possibilidade de captar informações de forma imediata e direta. As entrevistas propiciam a geração de um conhecimento diversificado sobre a temática, abrangendo questões não previstas inicialmente, além de oferecerem oportunidades de reflexão sobre outros estudos.

O roteiro, construído de forma semiestruturada, permite explorar novos pontos durante a conversa, expandindo as questões abordadas com os participantes. Como Zago (2011) ressalta, a escolha por um tipo de entrevista, assim como outros instrumentos de coleta de dados, não é neutra, mas determinada pela necessidade decorrente do problema de pesquisa.

Contudo, é importante reconhecer as limitações dos métodos qualitativos, que buscam mais compreender do que medir ou descrever sistematicamente. Zago (2011), citando Kaufmann (1996, p. 30), alerta para os cuidados com o alcance desses métodos: “não se deve, pois, procurar fazer com que eles digam mais do que podem sobre um campo que não é o seu” (p. 298).

1. MÉTODOS E TÉCNICAS

Uma vez que a pesquisa adotou a técnica de entrevistas semiestruturadas, o roteiro de entrevista configura-se como o principal instrumento para a coleta de dados. As entrevistas foram gravadas em áudio utilizando-se um celular. O roteiro permitiu abordar questões além do objetivo inicial, incluindo problemáticas que surgiram durante as entrevistas, relacionadas tanto ao uso das ferramentas tecnológicas durante o período pandêmico quanto ao retorno das aulas presenciais.

As etapas de coleta de dados e a seleção dos participantes foram pensadas em conjunto com o orientador, baseando-se na questão central da pesquisa: entender as práticas docentes, com ênfase no uso da tecnologia no ensino, durante a pandemia e após o retorno às atividades presenciais. Durante esse período, conversei com o orientador sobre os objetivos da pesquisa e apresentei as questões inicialmente formuladas, recebendo orientações para aprimorá-las e ajustá-las ao objeto de estudo.

Após a reformulação do roteiro de entrevistas, fui à escola apresentar a carta de apresentação e explicar os objetivos da pesquisa ao coordenador pedagógico. Ele me orientou a participar de uma reunião pedagógica com os professores, onde pude, ao final da sessão, apresentar a finalidade e a importância da pesquisa para a minha formação.

Na reunião, os professores discutiram os avanços e desafios do processo de ensino-aprendizagem, especialmente no que se referia à interação com os alunos. A psicopedagoga da escola também compartilhou ideias sobre o uso de materiais recicláveis para enriquecer o aprendizado. Após essa apresentação, aproveitei o intervalo para me apresentar aos professores e detalhar o tema e os objetivos da pesquisa. Descobri que os professores presentes eram do turno vespertino, e a psicopedagoga me acompanhou até as salas de aula das professoras do turno matutino, com quem estabeleci contato para agendar visitas e acompanhar suas rotinas.

O roteiro de entrevistas, desenvolvido em conjunto com o orientador, começou com questões sobre a trajetória pessoal e profissional das professoras, buscando entender suas vivências durante a pandemia. Foram discutidas estratégias de ensino utilizadas para enfrentar o ensino remoto, assim como as dificuldades encontradas devido à falta de recursos tecnológicos para professores e famílias.

Outro foco foi explorar os resultados obtidos com o uso das ferramentas tecnológicas durante o ensino remoto e as medidas adotadas após o retorno presencial. As percepções das professoras sobre o comportamento, socialização e aprendizado dos alunos após o retorno às aulas presenciais foram particularmente relevantes. O roteiro completo das entrevistas está disponível no Anexo.

A escolha da instituição de ensino para a realização da pesquisa foi motivada por uma ligação afetiva. Tive a oportunidade de estudar nessa escola, depois de realizar o estágio obrigatório e, por fim, conduzir a pesquisa com um novo foco e perspectiva.

A escolha das professoras alfabetizadoras dos anos iniciais se deu por dois motivos principais: o acompanhamento em sala de aula, que permitiu observar a rotina escolar, e a disponibilidade de tempo para participar da pesquisa. Após conversas e observações, respondi às professoras que estavam dispostas a colaborar, ajustando os dias e horários para a realização das entrevistas.

2. BREVE HISTÓRICO DA CIDADE DE SÃO SEBASTIÃO

Conforme a PDAD 2021 (p.13, 2022), (...)” O histórico da cidade de São Sebastião revela que as terras específicas para RA resultaram da desapropriação das fazendas Taboquinha, Papuda e Cachoeirinha, no início das obras de construção de Brasília. Essas terras foram posteriormente alugadas pela Fundação Zoobotânica do Distrito Federal, e a ocupação da área foi inicialmente impulsionada pela extração de areia e

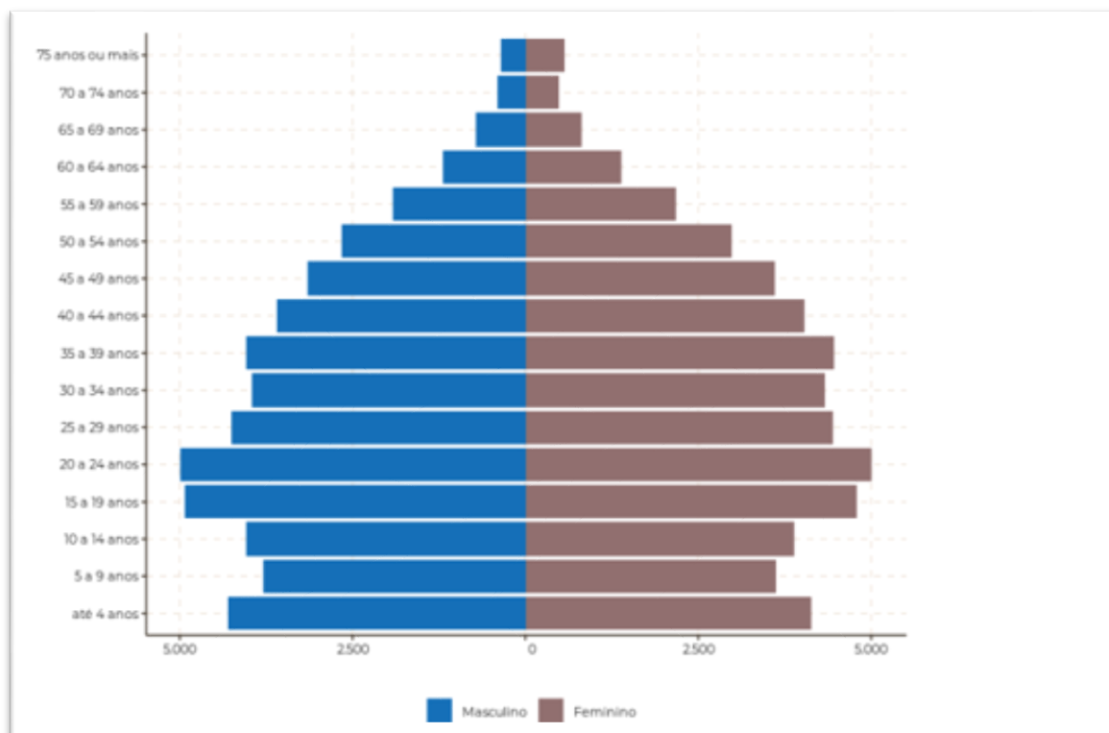
pela exploração de olarias e cerâmicas, que atenderam à demanda da construção civil durante a edificação do Plano Piloto. Com a finalização das obras do Plano Piloto e a abertura de novas estradas que facilitaram a chegada de materiais industrializados em larga escala, a necessidade de materiais locais distantes. Com o término dos contratos de locação, um núcleo urbano foi se estruturando gradualmente ao longo dos córregos Mato Grande e Ribeirão Santo Antônio da Papuda, fruto do parcelamento irregular do solo. ”

A PDAD 2021 (p.14, 2022) menciona que o nome “São Sebastião” foi dado em homenagem a Sebastião de Azevedo Rodrigues, conhecido como Tião Areia, um dos primeiros comerciantes a chegar à região. Tião Areia se locomoveu nas terras desapropriadas da fazenda Taboquinha e passou a retirar areia ao longo do rio São Bartolomeu.

O documento da PDAD 2021 (p. 16, 2022), aponta que a população urbana da localidade São Sebastião – Consolidado era de 98.992 pessoas, sendo 51,2% do sexo de nascimento feminino; a idade média era de 29,6 anos. Conforme pirâmide abaixo.

Vejamos:

FIGURA 1- 3.1.1: DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR FAIXAS DE IDADE E SEXO, SÃO SEBASTIÃO- CONSOLIDADO, 2021.

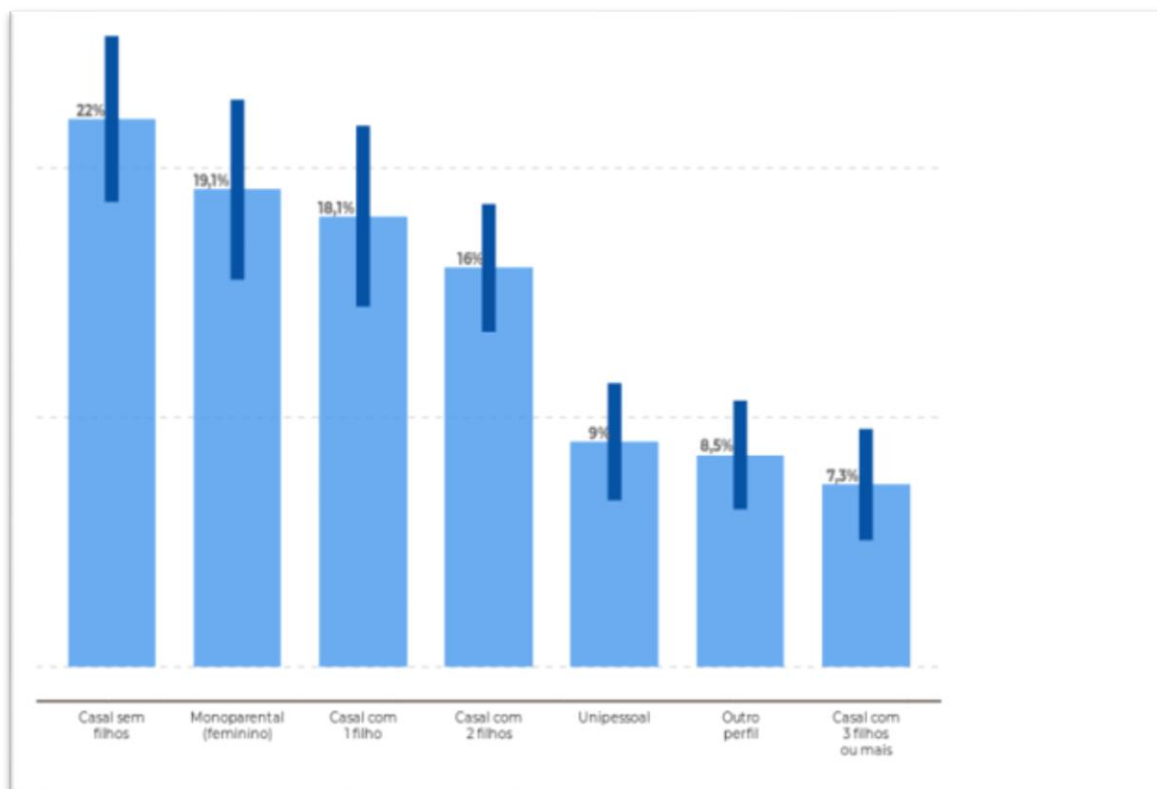


FONTE: CODEPLAN/ DIEPS/GEREPS/PDAD 2021

A PDAD 2021 (p.16, 2022) apresenta a partir de outros dados a organização das pessoas dentro dos domicílios por arranjos: unipessoal, monoparental feminino, casais sem filho, casais com um filho, casais com dois filhos, casais com três ou mais filhos e outros.

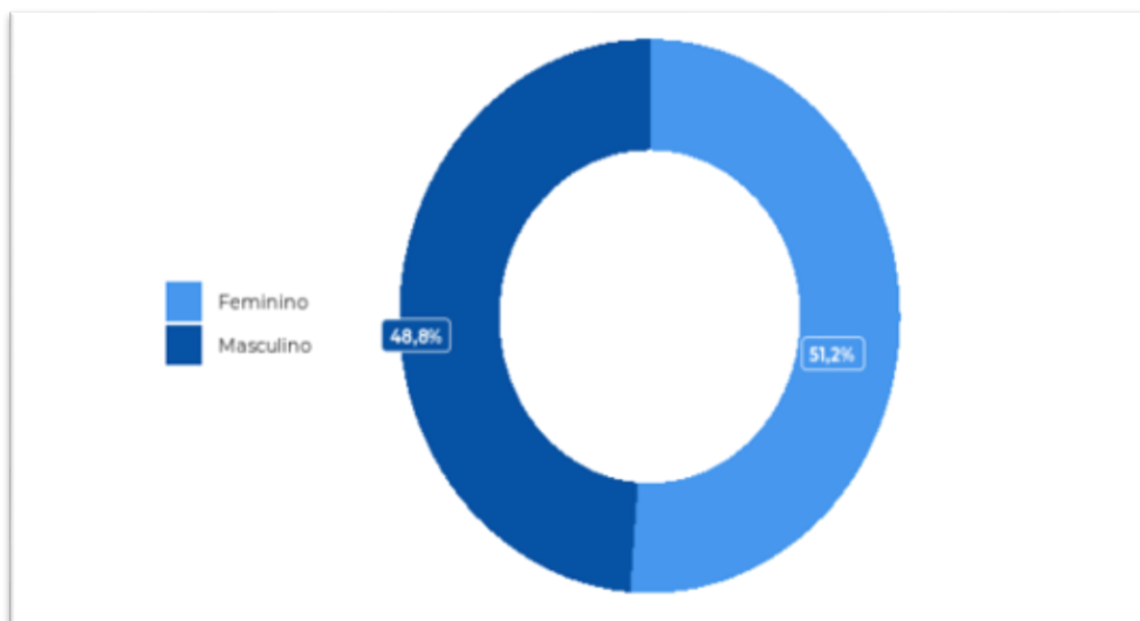
Vejamos:

FIGURA 2- 3.1. 2: DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR ARRANJOS DOMICILIARES, SÃO SEBASTIÃO-CONSOLIDADO, 2021



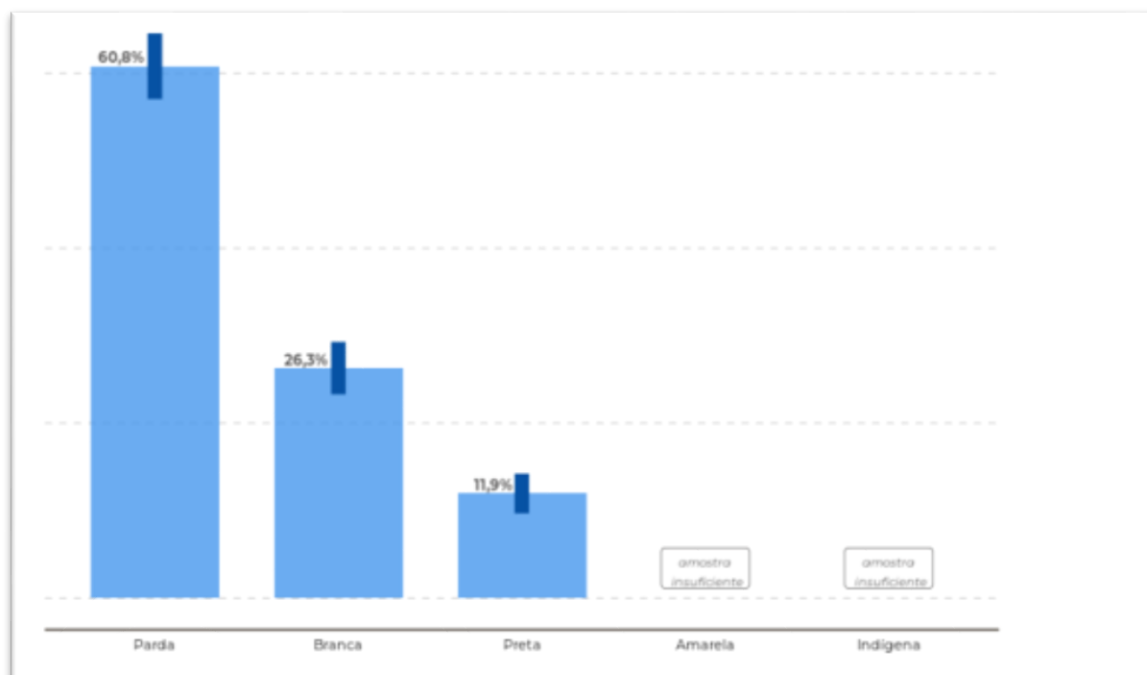
FONTE: CODEPLAN/DIEPS/ GEREPS/ PDAD 2021

FIGURA 3- 3.1.3: DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR SEXO, SÃO SEBASTIÃO CONSOLIDADO, 2021



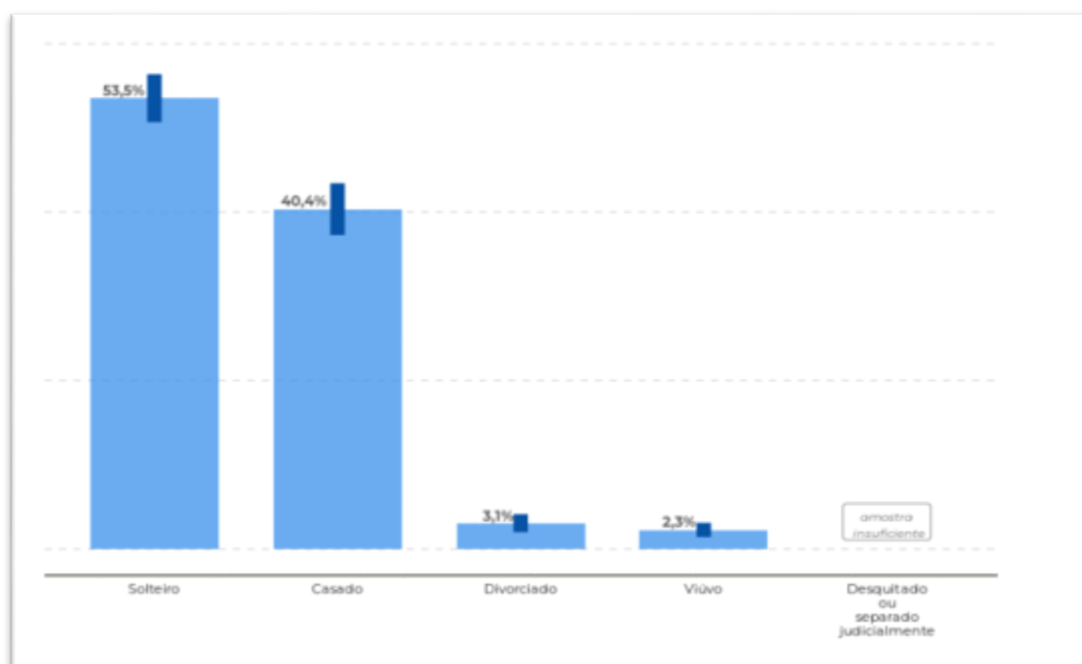
FONTE: CODEPLAN/DIEPS/ GEREPS/ PDAD 2021

FIGURA 4-3.1.5: DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR RAÇA/ COR DA PELE, SÃO SEBASTIÃO- CONSOLIDADO, 2021



FONTE: CODEPLAN/DIEPS/ GEREPS/ PDAD 2021

FIGURA 5 - 3.1.6: DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR ESTADO CIVIL (14 ANOS OU MAIS), SÃO SEBASTIÃO- CONSOLIDADO, 2021



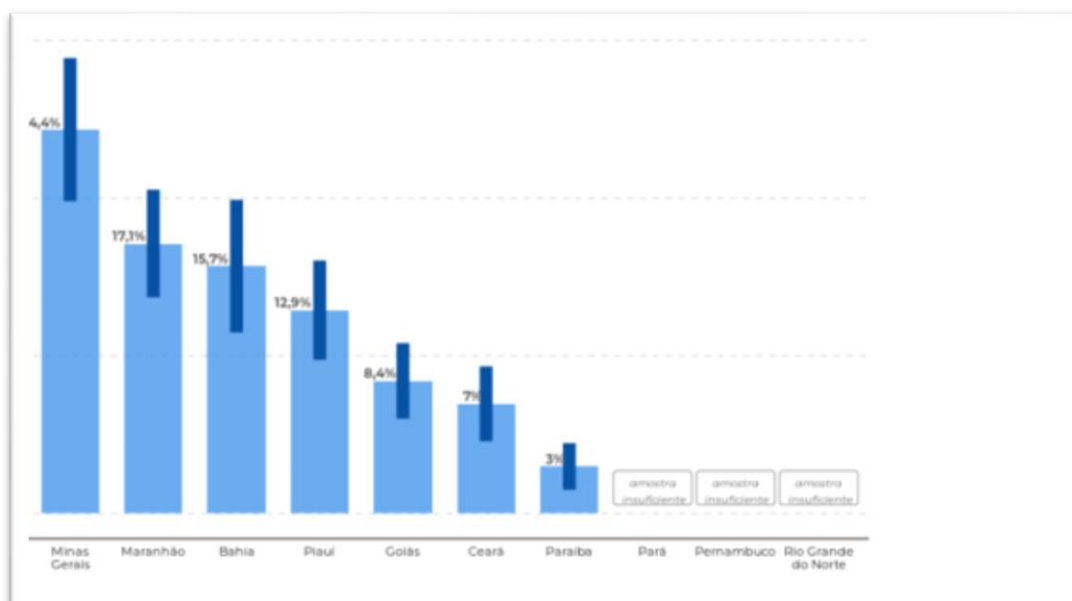
FONTE: CODEPLAN/DIEPS/ GEREPS/ PDAD 2021

Segundo a PDAD 2021 (p.22, 2022):

“Quanto à origem dos moradores, 51,6% informaram ter nascido fora do DF. Para os que não nasceram no DF, o estado mais reportado foi Minas Gerais, segundo 24,4% dos entrevistados. Para todos os moradores do DF, o tempo médio de moradia na capital federal é de 19,5 anos, enquanto o tempo médio de moradia da RA é de 14,2 anos. Sobre aqueles que vieram para o DF ou que deixaram o território, mas retornaram posteriormente, foi questionada a motivação que os levou a fazer isso. Para 32,4% dos responsáveis dos domicílios, acompanhar parentes ou reunião familiar foi a principal razão da movimentação”. (CODEPLAN, 2022, p. 22).

Vejamos:

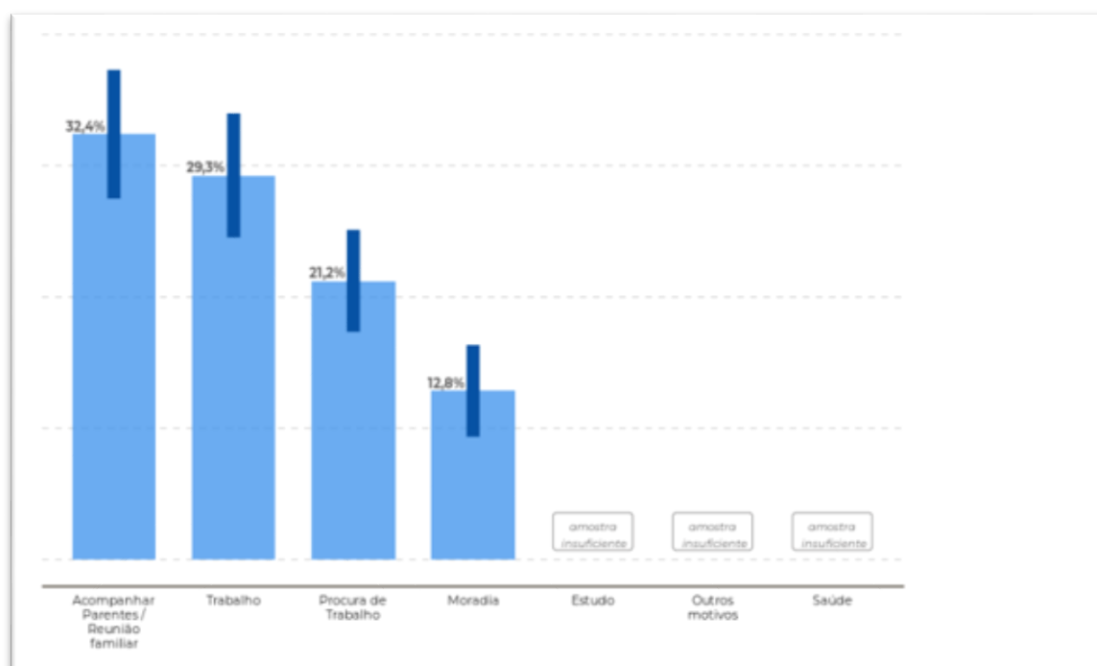
FIGURA 6 - 3.2.1: PRINCIPAIS ESTADOS DE NASCIMENTO DAS PESSOAS QUE VIERAM DE FORA DO DF, SÃO SEBASTIÃO- CONSOLIDADO, 2021



FONTE: CODEPLAN/DIEPS/ GEREPS/ PDAD 2021

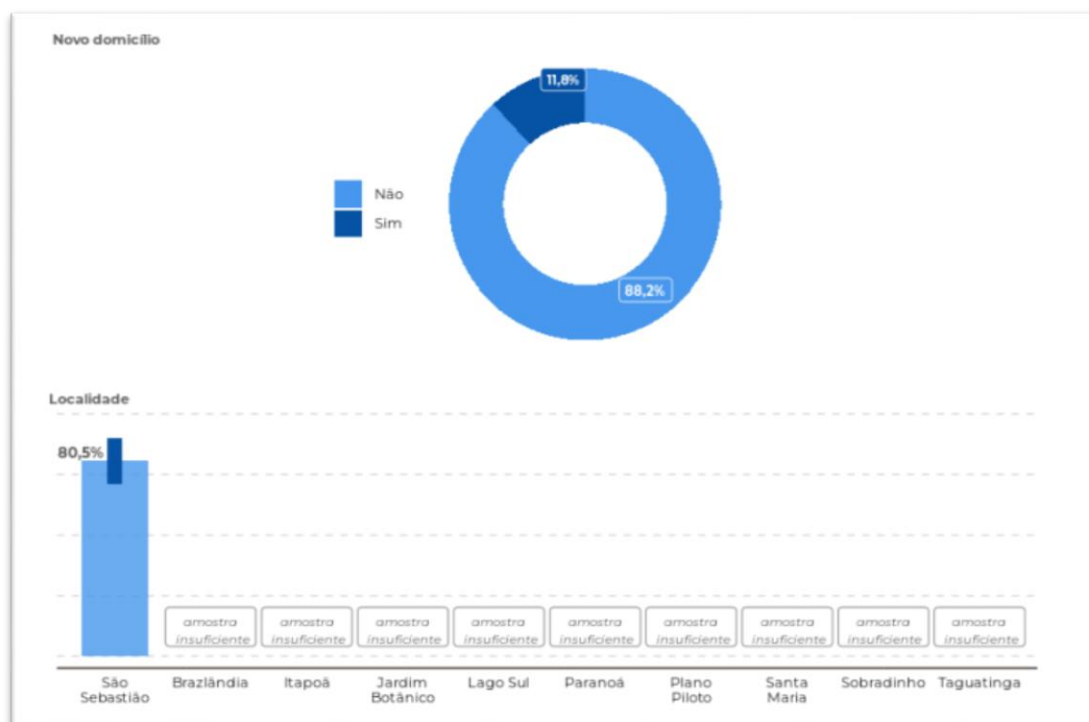
OBS.: SÃO REPORTADAS ATÉ O LIMITE DAS DEZ MAIORES CATEGORIAS.

FIGURA 7- 3.2.2: DISTRIBUIÇÃO DA MOTIVAÇÃO DO RESPONSÁVEL DO DOMICILIO A MUDAR E/OU RETORNAR À CAPITAL FEDERAL, SÃO SEBASTIÃO-CONSOLIDADO, 2021



FONTE: CODEPLAN/ DIEPS/ GEREPS/ PDAD 2021.

FIGURA 8- 3.2.3: INTENÇÃO E LOCALIDADE PARA CONSTITUIÇÃO DE NOVO DOMICILIO NOS PROXIMOS 12 MESES DAS PESSOAS DE 14 ANOS OU MAIS, SÃO SEBASTIAO-CONSOLIDADO, 2021



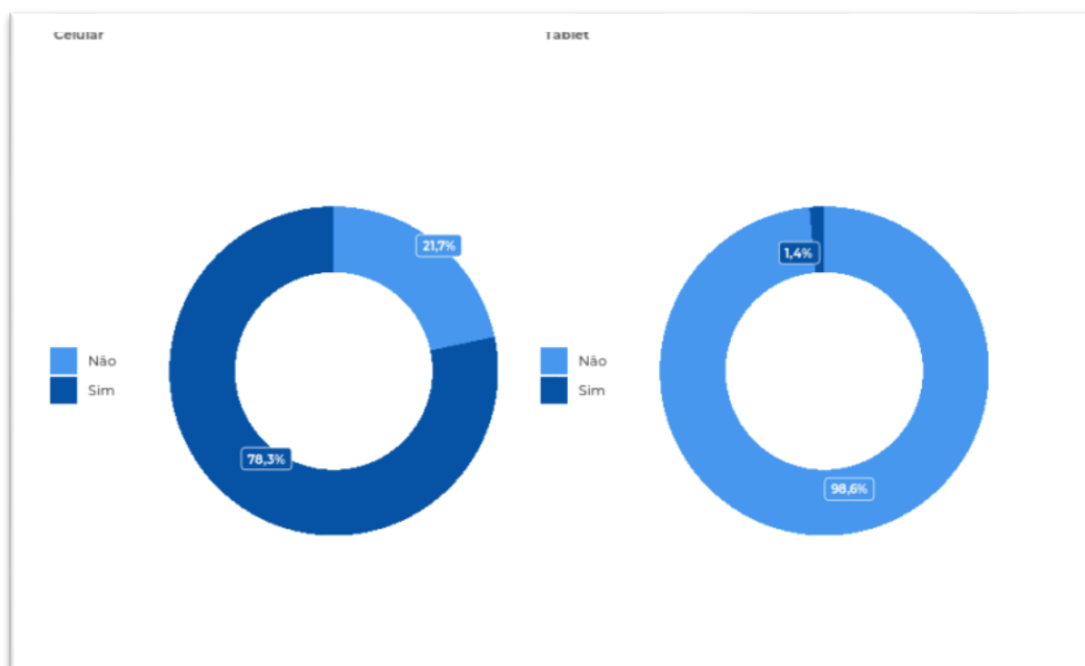
FONTE: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/ PDAD 2021

Conforme a PDAD 2021:

“Sobre o acesso à comunicação, 78,3% dos entrevistados declararam possuir ao menos um celular para uso pessoal, enquanto 1,4% declararam possuir ao menos um tablet. Quanto ao tipo de linha, 57,5% afirmaram utilizar pré-paga e 20,2% pós-paga”. (CODEPLAN, 2022, p. 31).

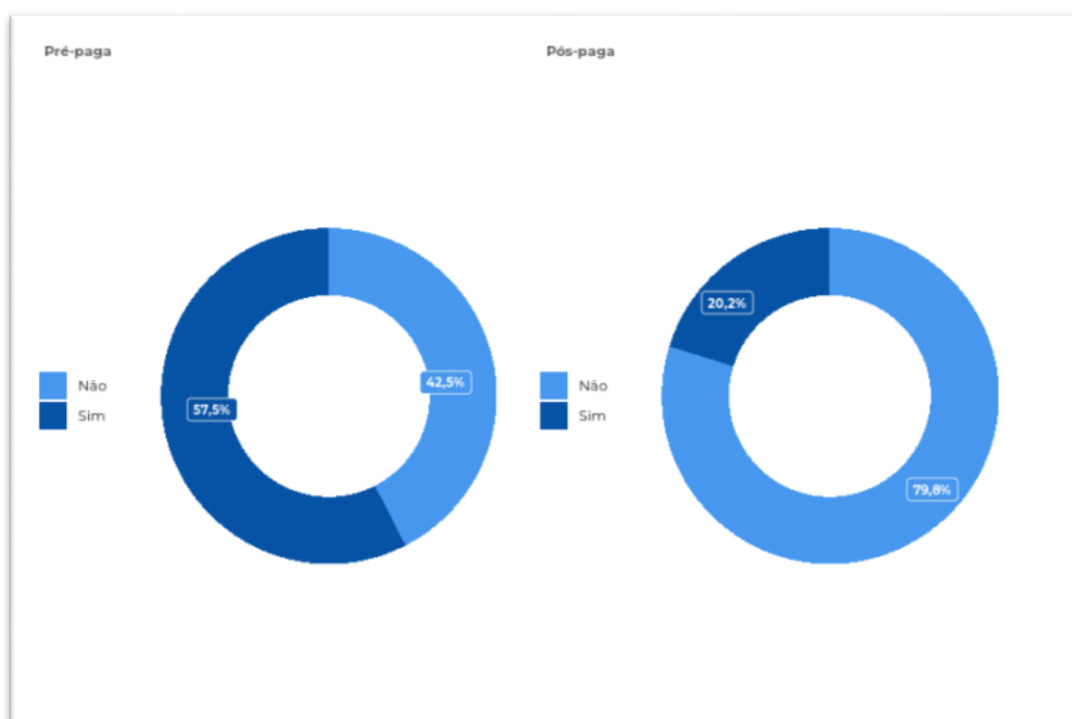
Vejamos:

FIGURA 9- 3.4.1: POSSE DE CELULAR E TABLET PARA USO PESSOAL, SÃO SEBASTIÃO- CONSOLIDADO, 2021



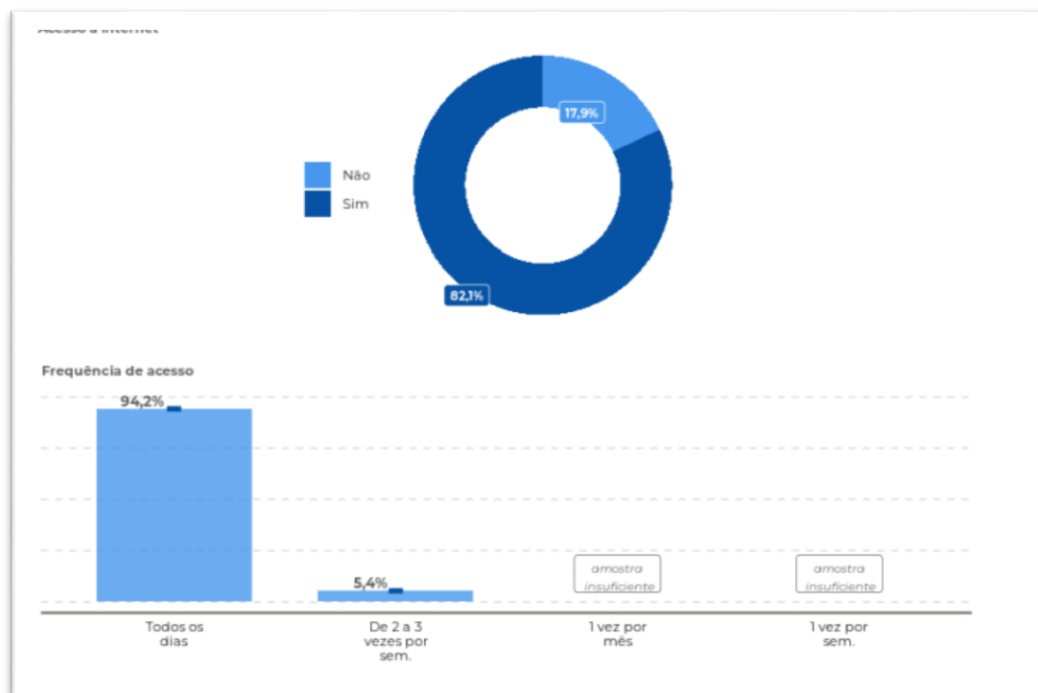
FONTE: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/ PDAD 2021

FIGURA 10- 3.4.2: POSSE DE LINHA PRÉ-PAGA E PÓS-PAGA PARA USO PESSOAL, SÃO SEBASTIÃO- CONSOLIDADO, 2021



FONTE: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/ PDAD 2021

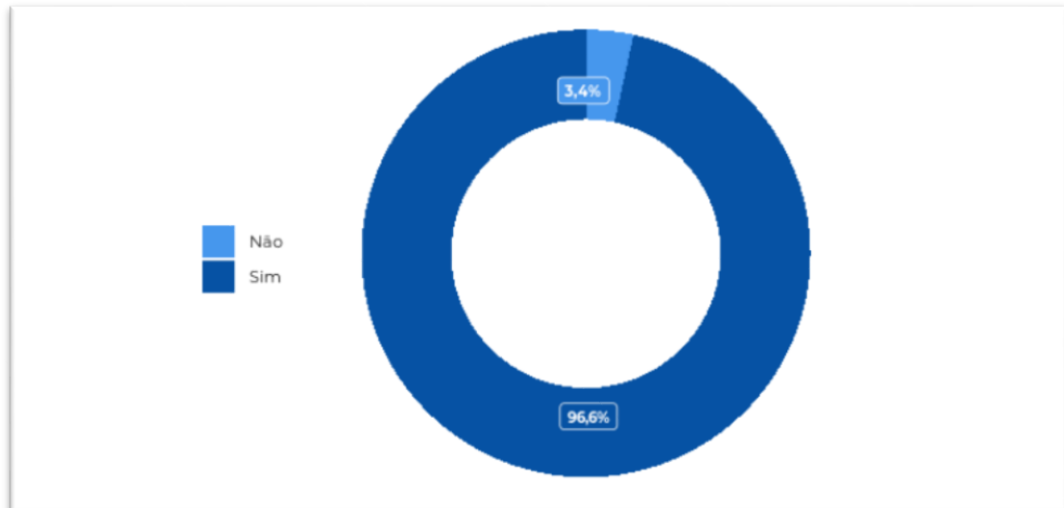
FIGURA 11- 3.4.3: ACESSO À INTERNET E MEIOS DE ACESSO NOS ÚLTIMOS TRÊS MESES, SÃO SEBASTIÃO – CONSOLIDADO, 2021



FONTE: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/ PDAD 2021

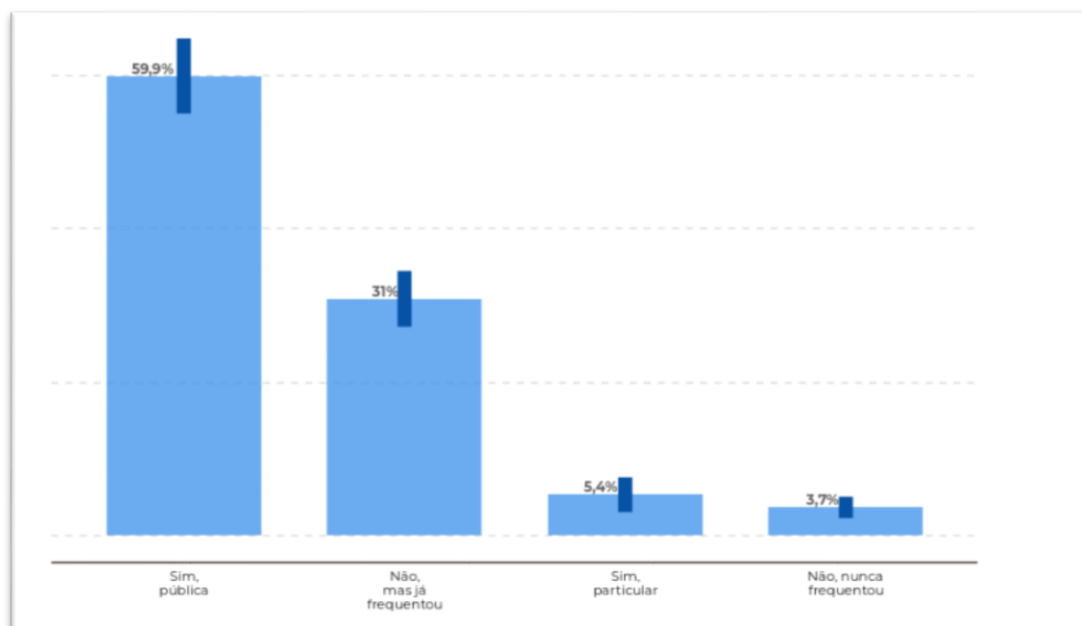
Referente ao documento PDAD 2021 (p. 36, 2022) relata que: “ A escolaridade, 96,6% dos moradores com seis anos ou mais de idade declararam saber ler e escrever. Para as pessoas entre 4 e 24 anos, 59,9% reportaram frequentar escola pública. Considerando-se os estudantes de todas as idades, a modalidade predominante era presencial, para 78,5% dos respondentes, e o turno predominante era matutino (46,1%)”. Vejamos:

FIGURA 12- 3.5.1: POPULAÇÃO COM SEIS ANOS OU MAIS DE IDADE QUE DECLARARAM SABER LER E ESCREVER, SÃO SEBASTIÃO-CONSOLIDADO, 2021



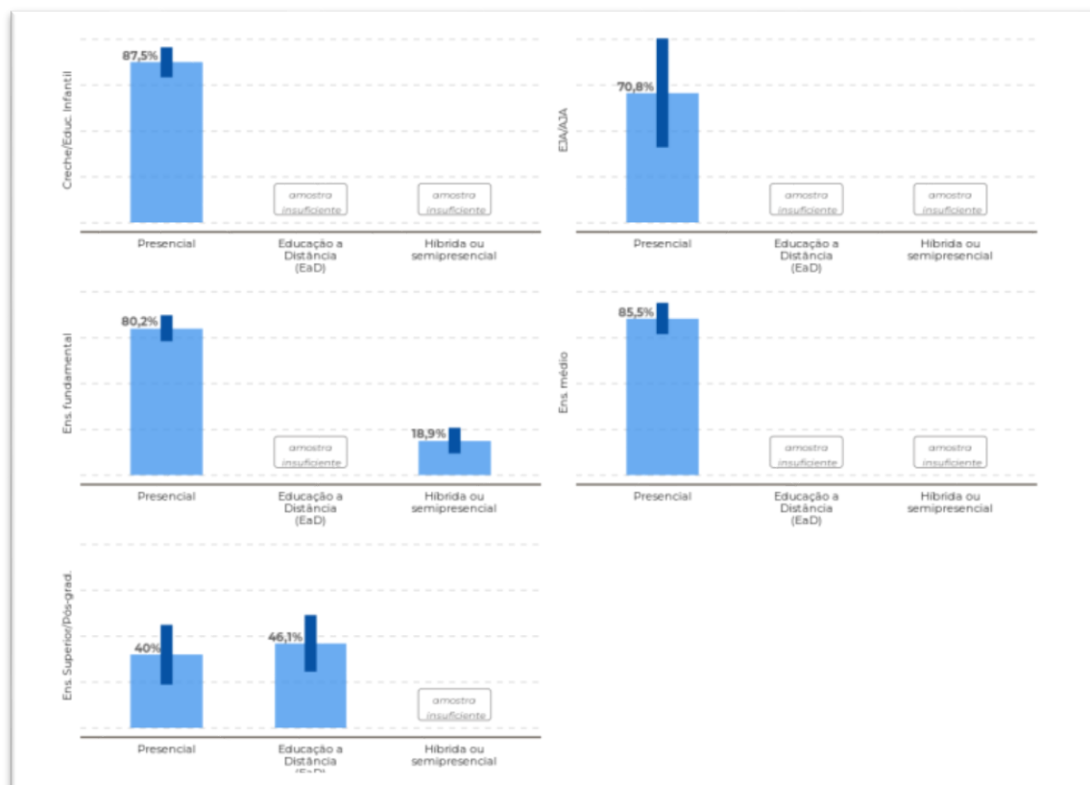
FONTE: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/ PDAD 2021

FIGURA 13- 3.5.2: DISTRIBUIÇÃO DA FREQUÊNCIA ESCOLAR DA POPULAÇÃO ENTRE 4 E 24 ANOS, SÃO SEBASTIÃO-CONSOLIDADO, 2021



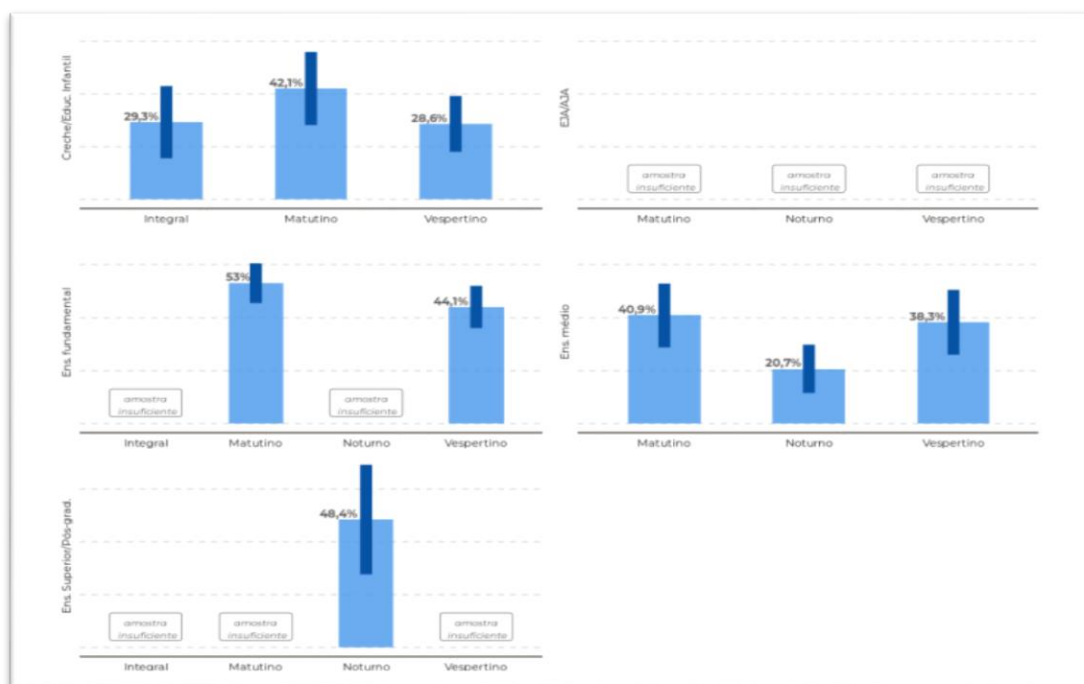
FONTE: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/ PDAD 2021

FIGURA 14 - 3.5.3: DISTRIBUIÇÃO DA MODALIDADE DE ENSINO DE TODOS OS ESTUDANTES, SÃO SEBASTIÃO- CONSOLIDADO, 2021



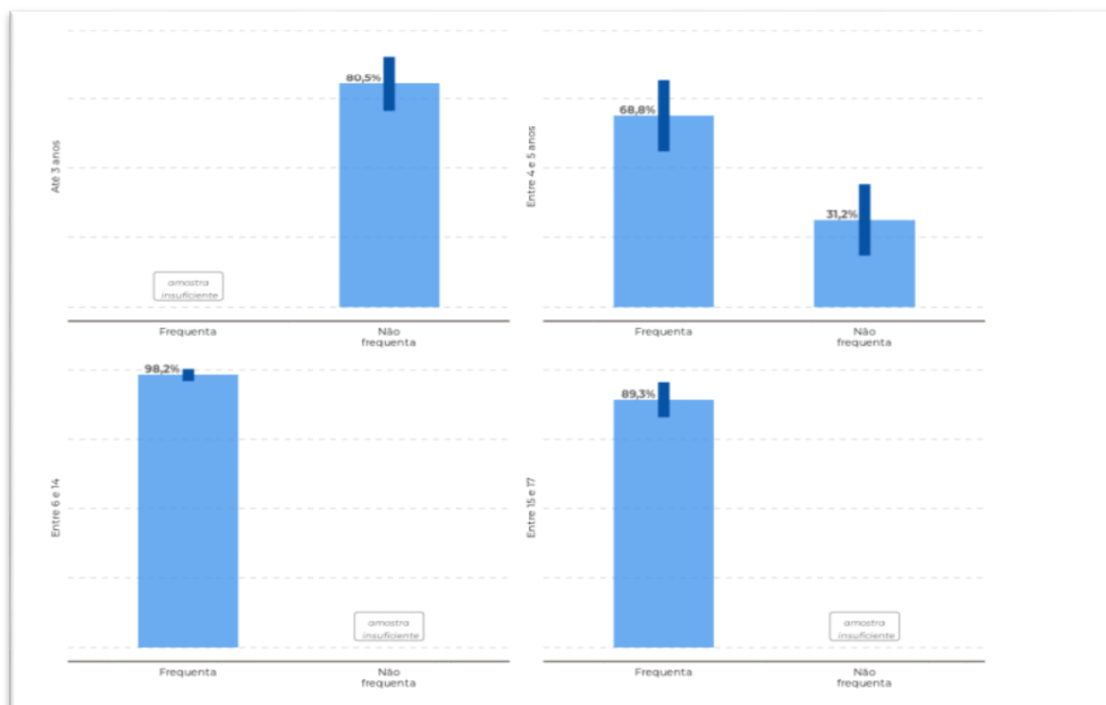
FONTE: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/ PDAD 2021

FIGURA 15 - 3.5.4: DISTRIBUIÇÃO DO TURNO DE ESTUDO DE TODOS OS ESTUDANTES, SÃO SEBASTIÃO- CONSOLIDADO, 2021



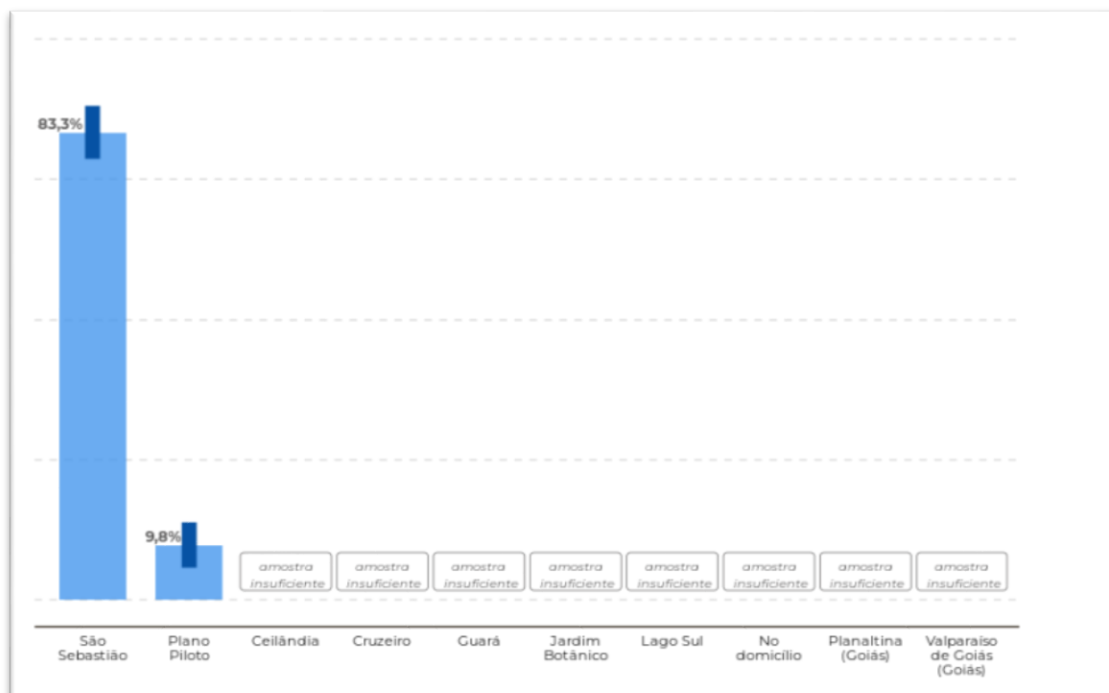
FONTE: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/ PDAD 2021

FIGURA 16- 3.5.5: DISTRIBUIÇÃO DA FREQUÊNCIA ESCOLAR POR FAIXAS DE IDADE, SÃO SEBASTIÃO- CONSOLIDADO, 2021



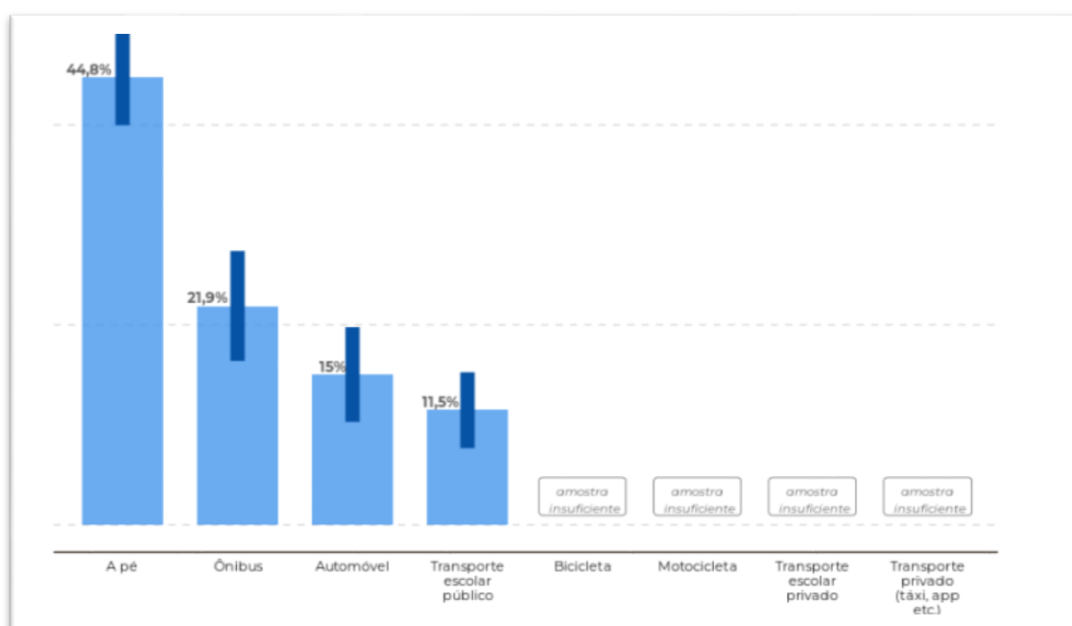
FONTE: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/ PDAD 2021

FIGURA 17- 3.5.6: REGIÃO ADMINISTRATIVA/ MUNICÍPIO DA UNIDADE DE ESTUDO, SÃO SEBASTIÃO- CONSOLIDADO, 2021



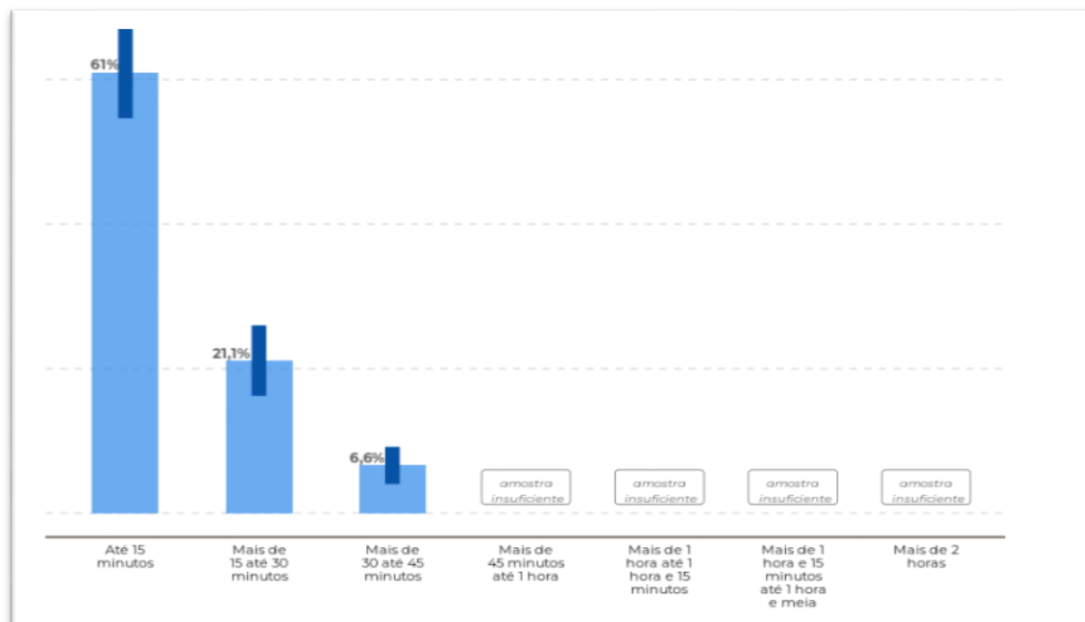
FONTE: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/ PDAD 2021

FIGURA 18- 3.5.7: PRINCIPAL MEIO DE TRANSPORTE DA CASA ATÉ A ESCOLA DE TODOS OS ESTUDANTES, SÃO SEBASTIÃO- CONSOLIDADO, 2021



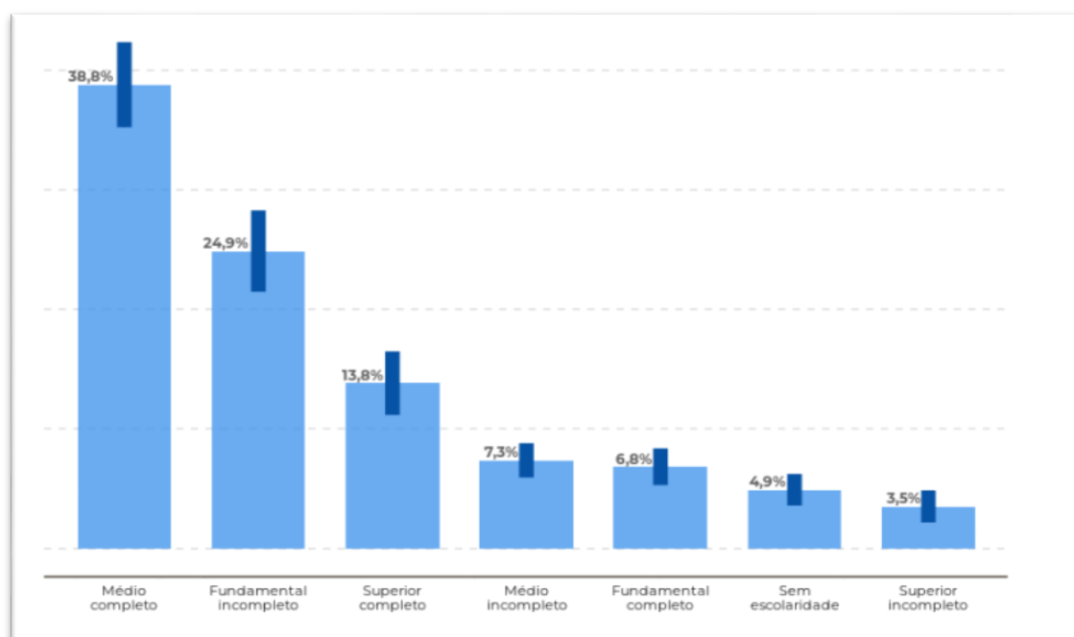
FONTE: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/ PDAD 2021

FIGURA 19- 3.5.8: TEMPO DE DESLOCAMENTO DA CASA ATÉ A ESCOLA DE TODOS OS ESTUDANTES, SÃO SEBASTIÃO- CONSOLIDADO, 2021



FONTE: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/ PDAD 2021

FIGURA 20 - 3.5.9: ESCOLARIDADE DA POPULAÇÃO COM 25 ANOS OU MAIS, SÃO SEBASTIÃO- CONSOLIDADO, 2021



FONTE: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/ PDAD 2021

3. CONDUÇÃO DAS ENTREVISTAS

Informamos que, para garantir a proteção dos dados pessoais sensíveis das entrevistadas, os nomes utilizados neste contexto são fictícios.

A primeira entrevista foi realizada com a professora Valéria, do 1º ano, em 19 de abril de 2023, pela manhã, na sala dos professores. A gravação do áudio foi feita com um celular e teve duração de 21 minutos e 18 segundos. Antes de iniciar, apresentei o Termo de Consentimento para que ela assinasse, explicando os objetivos e a importância da pesquisa. A professora solicitou ver o roteiro da entrevista para entender as perguntas antes de começar, o que foi prontamente atendido. Durante a gravação, observei que a professora respondia de forma direta e breve, mas também compartilhava relatos e experiências significativas de sua trajetória profissional durante a pandemia.

A segunda entrevista, com a professora Rafaela, também do 1º ano, ocorreu no mesmo dia, dentro da sala de aula, pela manhã, e teve duração de 13 minutos e 14 segundos. Assim como na primeira entrevista, apresentei o Termo de Consentimento e expliquei os objetivos da pesquisa, obtendo sua assinatura e autorização para a gravação. Notei que a professora respondeu às perguntas de maneira objetiva, mas, em alguns momentos, demorava a concluir suas respostas, pois relatava suas vivências em sala de aula e as dificuldades enfrentadas durante o período pandêmico.

A terceira entrevista foi realizada com a professora Gabrielle, do 2º ano, em 27 de abril de 2023, fora da sala de aula, em um espaço com cadeiras e mesa. A gravação, com duração de 19 minutos e 23 segundos, ocorreu pela manhã. Novamente, apresentei o Termo de Consentimento e os objetivos da pesquisa, que foram aceitos pela professora, e obtive sua autorização para a gravação. Durante a entrevista, Gabrielle foi objetiva em suas respostas, mas também trouxe seus pontos de vista baseados em suas experiências e vivências em sala de aula, refletindo sobre o processo de ensino-aprendizagem.

A quarta entrevista, com a professora Flávia, do 2º ano, foi realizada na sala de aula, pela manhã, com uma gravação de aproximadamente 49 minutos e 6 segundos. Após apresentar o tema da pesquisa e sua relevância, Flávia assinou o Termo de Consentimento e a gravação foi iniciada. Durante a entrevista, a professora respondeu às perguntas de forma objetiva, complementando suas respostas com relatos de suas experiências e vivências no ensino.

A quinta e última entrevista foi com a professora Isabel, do 3º ano, realizada dentro da sala de aula, também pela manhã, com duração de 23 minutos e 41 segundos. Antes de iniciar, solicitei sua autorização para a gravação, que foi concedida. Durante a entrevista, Isabel buscou responder de maneira objetiva a todas as questões apresentadas.

Em todas as entrevistas, os docentes receberam o Termo de Consentimento, juntamente com explicações detalhadas sobre o tema, os objetivos e a importância da pesquisa. Cada professora assinou o Termo em duas vias, sendo uma delas entregue à participante. As vias assinadas estão anexadas a este relatório.

4. MÉTODO DE ANÁLISES DAS ENTREVISTAS

As entrevistas foram analisadas com base na metodologia de análise de conteúdo, conforme descrito por Franco (2008) e Bardin (2011), que busca captar os significados e sentidos das mensagens dos participantes, considerando aspectos como o contexto econômico e sociocultural. A análise seguiu três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

Na pré-análise, organizou-se o material de campo e se fez uma leitura inicial para familiarização. Em seguida, foram formuladas hipóteses e elaborados indicadores para facilitar a análise. A exploração do material envolveu codificação e categorização dos dados, destacando temas, falas repetidas e questões latentes. As categorias empíricas foram confrontadas com as categorias iniciais, baseadas nos roteiros de entrevistas. Na última

etapa, tratamento dos resultados, as interpretações foram organizadas em função das categorias identificadas, explorando desde aspectos concretos até inferências abstratas. A redação foi parte integral da análise, permitindo a organização dos resultados e a construção de inferências, ligando descrição e interpretação dos dados.

5. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

Segundo o Projeto Político Pedagógico (2022), a unidade de ensino possui quatorze salas de aula, atendendo a 28 turmas regulares dos anos iniciais do ensino fundamental.

De acordo com o Censo Escolar de 2023, a escola atende a 703 estudantes, sendo 26 em educação especial. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) da escola, em 2023, foi 6,5, seguindo uma tendência crescente desde 2007.¹

O espaço é constituído por uma pequena sala utilizada pela professora da Sala de Recursos, com atendimento nos turnos matutino e vespertino; sete banheiros, sendo um destinado a alunos com necessidades especiais; mecanografia; uma sala para o Serviço de Orientação Educacional (SOE); uma sala de leitura; uma sala da direção e supervisão; uma sala para secretaria e supervisão administrativa; uma sala dos professores; uma pequena sala para refeitório; um almoxarifado; uma sala para depósito de materiais pedagógicos, de limpeza e arquivo de documentos; uma pequena sala para arquivo de documentos referentes aos diários de classe; uma cantina para preparação da merenda escolar com um depósito de lanches; um pátio externo; um pequeno espaço usado para atividades físicas e um estacionamento.

O mesmo documento argumenta que essas dependências são pequenas e insuficientes para atender à grande demanda de estudantes, a despeito das reformas. De acordo com a escola, eles não têm um espaço

¹ Dados do Censo Escolar e do Ideb extraídos do Portal QEdU. Disponível em: <<https://gedu.org.br/>>. Acesso em: 23 set. 2024.

adequado para momentos de recreação, e no local não há quadra, parquinho ou outro espaço semelhante para que as crianças possam brincar à vontade.

6. CARACTERIZAÇÃO DAS ENTREVISTADAS

As cinco entrevistadas são docentes da rede pública de ensino, todas formadas em Pedagogia e, em alguns casos, outras áreas. Elas atuam na alfabetização e letramento dos alunos nos anos iniciais (do 1º ao 3º ano). O Quadro 1 sintetiza as principais informações de cada docente,

Quadro 1: Informações sintéticas das cinco professoras entrevistadas

Nome	Idade	Origem Regional	Formação	Experiência Docente
Valéria	37 anos	Unaí (MG)	Pedagogia e Administração de Empresas	12 anos
Rafaela	41 anos	Planaltina (DF)	Pedagogia	15 anos
Gabrielle	33 anos	Unaí (MG)	Pedagogia e pós-graduação em gestão de pessoas.	12 anos
Flávia	38 anos	Juazeiro do Norte (CE)	Letras (Português) e Pedagogia	6 anos
Isabel	54 anos	Taguatinga (DF)	Pedagogia e Turismo	11 anos

A participante Valéria, natural de Unaí (MG), é formada em Pedagogia e Administração de Empresas, possui 12 anos de experiência e é professora efetiva na educação básica. Ela iniciou sua trajetória na educação, atuando por seis anos com contrato temporário nas áreas específicas e de matemática. Também trabalhou três anos no ensino médio em Unaí. Valéria teve experiências em diversos segmentos de ensino: Educação Infantil, Alfabetização nos Anos Iniciais, Ensino Médio e Anos

Finais. Durante a pandemia, atuava na zona rural de Unaí, trabalhava na educação básica, nos anos finais do 6º ao 9º ano, onde poucos alunos tinham acesso a tecnologias digitais. Muitos não tinham internet ou equipamentos adequados, o que levou os professores a enviar materiais impressos, embora nem todos chegassem aos alunos. Para aqueles que tinham acesso à tecnologia, o contato era mantido por meio de ligações. Valéria não teve dificuldade em se adaptar às ferramentas tecnológicas, mas o principal problema foi a falta de acesso dos alunos à internet e equipamentos.

Quando questionada sobre a preparação dada pela escola para lidar com o ensino remoto, Valéria relatou que recebeu orientações sobre o uso de plataformas, mas não houve instrução formal, e cada professor teve que se adaptar às novas ferramentas.

A participante Rafaela, de Planaltina (DF), é formada em Pedagogia, possui 15 anos de experiência, professora temporária, dos quais seis foram dedicados ao 1º ano do ensino fundamental. Durante a pandemia, lecionava no Caic Unesco, nos anos iniciais de alfabetização e letramento. Uma escola localizada em São Sebastião (DF). Ela observou que, após a pandemia, os alunos voltaram mais agressivos, agitados e com menos vontade de realizar as atividades propostas. Rafaela também relatou que a Secretaria de Educação ofereceu um curso de formação, e os professores mantinham contato com as famílias via ferramentas tecnológicas. No entanto, muitos alunos não tinham acesso à plataforma Google Meet, e, para alcançar todos, os professores dividiram as atividades em materiais impressos para aqueles sem internet, plataformas digitais para os que tinham acesso e WhatsApp para envio de atividades.

Durante a entrevista, Rafaela foi objetiva, mas demonstrou descontentamento em relação à sobrecarga de trabalho, à falta de suporte para alunos com deficiências e à quantidade excessiva de estudantes por turma.

A participante Gabrielle, também de Unaí (MG), é formada em Pedagogia e pós-graduada em Gestão Educacional, com

aproximadamente 12 anos de experiência e professora temporária da educação básica. Ela trabalhou sete anos com Educação Infantil em uma escola particular de Minas Gerais e, em 2017, mudou-se para Brasília, onde atuou em São Sebastião com a Educação Infantil e Anos Iniciais. Durante a pandemia, a professora Gabrielle estava atuando com os anos iniciais de alfabetização e letramento. A participante Gabrielle relatou que a pandemia trouxe prejuízos para a alfabetização, pois muitos alunos que chegaram ao 1º ano não foram alfabetizados devido à falta de suporte em casa. A Secretaria de Educação ofereceu um curso de formação, mas o principal meio de alcançar os alunos foi por meio da plataforma digital e materiais impressos.

A participante Flávia, natural de Juazeiro do Norte (CE), é formada em Letras (Português) e Pedagogia, com seis anos de experiência na educação básica sendo professora com contrato temporário. Ela se destacou ao relatar sua trajetória, incluindo a conquista de uma vaga no Instituto Federal de Brasília (IFB), e a paixão que desenvolveu pela educação ao trabalhar com Educação de Jovens e Adultos (EJA). Flávia também tem experiência em Educação Infantil, Anos Iniciais, Anos Finais e Ensino Médio. Durante a pandemia, Flávia lecionava no ensino médio, atendendo as turmas do 1º ao 3º ano, os Anos Finais, e mencionou que professores e alunos precisaram se readaptar ao ensino remoto. Para os alunos sem acesso à internet, os professores elaboravam atividades impressas que eram retiradas e devolvidas na escola para correção. Ela destacou as dificuldades de adaptação às plataformas digitais e os esforços dos professores para superar essas barreiras.

A participante Isabel, de Taguatinga (DF), é formada em Pedagogia e Turismo, com 11 anos de experiência docente, atuando como professora temporária na Secretaria de Educação. Isabel mencionou que, apesar de sua formação em Turismo, não atuou na área, optando por seguir na educação devido à sua experiência com o magistério. Durante a pandemia, a participante Isabel, não informou durante a entrevista em qual segmento estava atuando no período pandêmico.

Isabel enfrentou desafios com a falta de acesso à internet e ferramentas tecnológicas por parte das famílias e alunos. Ela contou que, embora o governo tenha prometido acesso à internet para os alunos, muitos não foram beneficiados. Isabel, que buscou apoio em sua família para lidar com a tecnologia, afirmou que, embora nem todos os alunos tenham sido alcançados, a maioria foi atendida. Sobre a preparação oferecida pela instituição, Isabel relatou que foram oferecidos minicursos, e os professores que conseguiram se adaptar colocaram o que aprenderam em prática, enquanto outros precisaram se esforçar mais para acompanhar.

CAPÍTULO 3: RESULTADOS E DISCUSSÕES

1. DURANTE A PANDEMIA

A desigualdade educacional no Brasil, já alarmante, foi agravada com a chegada da Covid-19, uma infecção respiratória que exigiu medidas de distanciamento social para conter a propagação. Empresas, instituições e escolas precisaram adaptar-se ao modelo remoto de trabalho e ensino. Nas escolas públicas, as dificuldades foram especialmente evidentes, pois, ao contrário das instituições privadas, faltaram recursos tecnológicos para dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem.

Entre as principais dificuldades relatadas pelas professoras estavam a falta de comunicação com alunos e famílias, o acesso limitado à internet e ferramentas tecnológicas, a ausência de apoio familiar e a evasão escolar.

Em entrevista, a professora Valéria relatou que muitos alunos não tinham acesso à internet ou celulares, sendo necessário o envio de material impresso, que muitas vezes não chegava aos destinatários. A comunicação com esses alunos foi, portanto, bastante limitada. Uma das dificuldades apresentadas no depoimento da professora Valéria foi que a comunicação com os alunos foi, muitas vezes, impossibilitada pela ausência dos aparelhos eletrônicos e de internet. Em parte, esse problema se relaciona com a situação financeira das famílias. Muitas delas, devido à baixa renda, não tinham condições de adquirir os equipamentos necessários para acompanhar as aulas. Em muitos casos, os alunos precisavam compartilhar um único celular com outros membros da família, e a falta de computadores também era comum.

As professoras também mencionaram a dificuldade de manter contato com as famílias, já que a mudança frequente de números de telefone dificultava a comunicação. Para contornar esses obstáculos, as escolas começaram a enviar materiais impressos para os alunos sem acesso às plataformas digitais, embora o contato com essas famílias muitas

vezes fosse complicado. Logo, até mesmo para o envio de materiais impressos houve complicações.

A professora Gabrielle relatou que muitas famílias não conseguiam acompanhar as crianças nas atividades remotas, seja por falta de conhecimento, tempo ou paciência – afinal, muitas mães e pais não dispunham de experiência para o manuseio de equipamentos eletrônicos com os fins pedagógicos desejados. Além disso, algumas famílias não tinham sido alfabetizadas, o que impedia que ajudassem no processo de ensino dos filhos. A professora Isabel observou que a rotina das famílias mudou drasticamente, e muitos pais não estavam em casa no horário das aulas online, isso porque muitas famílias, que não tinham condições de acompanhar os filhos durante as aulas, estavam frequentemente no horário de trabalho, devido à necessidade de garantir o sustento da casa. Esse contexto dificultava o suporte e o acompanhamento das atividades escolares durante o período da pandemia. Para esses alunos, as aulas eram gravadas, e os exercícios eram feitos apenas à noite, quando os pais retornavam.

A ausência de acompanhamento familiar durante o ensino remoto pode ter desmotivado muitos alunos, resultando em evasão escolar. As professoras entrevistadas relataram que, durante o período da pandemia, os alunos se sentiam desmotivados devido à falta de acompanhamento familiar e dentre outros problemas. Algumas mencionaram também que, para muitas famílias, aquele período foi visto como um tempo de férias, o que resultou no abandono de várias instituições de ensino por parte dos alunos, devido aos acontecimentos daquele período.

O distanciamento social, as perdas de familiares e os impactos emocionais causados pela pandemia afetaram o comportamento dos estudantes, que ficaram desmotivados e sem apoio adequado para continuar os estudos.

A professora Valéria destacou a falta de disciplina dos alunos em casa, o que teria dificultado o progresso. Em suas palavras:

Nem todos [os alunos] tinham recursos e também a disciplina. Porque os alunos não têm a disciplina de estar em casa. Estar estudando, eles não têm. Eles não têm essa rotina de estudo em casa.

A evasão escolar também foi um problema sério, com muitos alunos desistindo dos estudos por desânimo, insegurança e a necessidade de trabalhar. O distanciamento social e a necessidade de manter-se em isolamento devido a propagação do coronavírus é agravado pelas perdas (ou medo da perda) de familiares, por questões psicológicas e emocionais dos alunos nesse período, pela ausência de sociabilidade. Esses fatores influenciam negativamente a forma de agir e pensar dos alunos que já estavam passando por um período difícil e sem o acompanhamento necessário das famílias.

A professora Flávia relatou que, apesar das dificuldades, alguns alunos conseguiram desenvolver maior autonomia e maturidade durante o ensino remoto. Ela se esforçou para criar aulas mais dinâmicas e interessantes, tentando motivar os alunos a continuar participando. Segundo ela: “Eu conseguir me adaptar. Conseguir organizar umas aulas um pouco mais interessantes para cativar os alunos e, para que também sentissem vontade de assistir às aulas. Porque a dificuldade nesse sentido para os estudantes foi o desânimo. ”

Inicialmente, um dos principais problemas foi em relação ao que seria feito para que fosse possível alcançar a todos os alunos; a necessidade de compra de equipamentos; o aprendizado com essas ferramentas; a ausência de acesso a plataforma disponibilizada e recursos; acesso limitado à internet; a sobrecarga de trabalho. Todos esses fatores apresentados foram desafiadores tanto para os professores que estavam trabalhando além do horário de trabalho quanto para as instituições de ensino.

De acordo com a professora Valéria:

Não teve preparação nenhuma. Não teve nem tempo para isso para se preparar. Eu acho que cada um, cada

profissional buscou uma forma mais fácil para se adaptar às tecnologias com esse ensino remoto.

O que se depreende a partir da fala dessa professora é que cada profissional buscou uma forma diferente para lidar com o ensino remoto, cada profissional ali presente teve que equacionar o que seria melhor para si e para a turma que estava acompanhando. A despeito de uma preparação, cada professor buscou as ferramentas e adaptação para lidar com as dificuldades mediante o ensino remoto.

Cada professor entrevistado relatou que durante a pandemia foi implementado uma estratégia de capacitação profissional diferente para que os mesmos pudessem se preparar para lidar com o ensino remoto. Por exemplo, a professora Valéria expôs que os poucos espaços de compartilhamento de experiência ocorriam durante os períodos de orientação pedagógica entre os docentes. Já a professora Gabrielle informou que a instituição onde estava ofertou aos professores cursos da EAPE (Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação): “Tivemos o curso preparatório pela EAPE, só que mesmo assim foi muito, foi tudo assim, muito corrido, muito depressa, porque precisava naquele momento, urgente.”

A professora Flávia comentou que, durante a pandemia, houve instrução por meio de encontros virtuais de gestão que direcionava para a realização do trabalho. Já a professora Isabel informou que a instituição onde estava ofertou minicursos para que os professores pudessem colocar em prática o que aprenderam. Finalmente, a professora Rafaela informou sobre um curso de formação que havia sido ofertado.

As principais ferramentas tecnológicas utilizadas durante a pandemia incluíram videochamadas, ligações telefônicas, WhatsApp, Google Classroom e materiais impressos. Embora essas tecnologias tenham aproximado alunos e professores em meio ao distanciamento social, nem todos os alunos conseguiram acessá-las. Para esses casos, as escolas adotaram o envio de materiais impressos, e alguns professores se

uniram para doar equipamentos aos alunos mais necessitados, garantindo que pudessem acompanhar as aulas remotas.

Vale ressaltar que, durante a pandemia, as professoras responsáveis pela alfabetização foram Rafaela e Gabrielle. As demais participantes, por sua vez, estavam atuando em outros níveis de ensino: Valéria trabalhava na educação básica, nos anos finais do 6º ao 9º ano; Flávia lecionava no ensino médio, atendendo as turmas do 1º ao 3º ano; e a última participante, Isabel, não informou durante a entrevista em qual segmento estava atuando no período pandêmico.

Outro ponto importante a ser destacado é que, durante as entrevistas com as participantes, ao serem questionadas sobre os resultados alcançados com o uso das tecnologias no processo de alfabetização e letramento, bem como sobre as ações adotadas para facilitar o trabalho docente, como respostas apresentaram diferentes pontos de vista. Os participantes não forneceram respostas claras referentes a pergunta 5 do questionário sobre as práticas de alfabetização durante a pandemia.

Em relação à pergunta 5 do questionário sobre formação e orientação apresentado às participantes, elas relataram ter recebido orientação e cursos de formação oferecidos pela Secretaria de Educação.

Conforme SEEDF (2021, p. 5):

“No dia 22 de junho de 2020, foi lançada a Plataforma Escola em Casa DF- Google Classroom, que apresenta diversas ferramentas para as aprendizagens, transformando as Unidades Escolares Físicas em Unidades Escolares virtuais, com suas respectivas turmas sob gestão do corpo docente, em organização que espelha o ensino presencial”.

Para garantir a continuidade da educação básica no período pandêmico a SEEDF lançou a plataforma escola em casa para que pudesse retomar o ensino aprendizagem dos alunos.

O Ministério da Educação implementou ações para mitigar os impactos da pandemia na educação, conforme Parecer CNE/CP nº 5 / 2020, aprovado em 28 de abril de 2020.

Vejamos:

- Criação do Comitê Operativo de Emergência (COE);
- Implantação de sistema de monitoramento de casos de coronavírus nas instituições de ensino;
- • Destinação dos alimentos da merenda escolar diretamente aos pais ou responsáveis dos estudantes;
- Disponibilização de cursos formação de professores e profissionais da educação por meio da plataforma AVAMEC – Ambiente Virtual de Aprendizagem do Ministério da Educação;
- Disponibilização de curso on-line para alfabetizadores dentro do programa Tempo de Aprender;
- Reforço em materiais de higiene nas escolas por meio de recursos do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) para as escolas públicas a serem utilizados na volta às aulas;
- Concessão de bolsas da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para estudos de prevenção e combate a pandemias, como o coronavírus;
- Ampliação de recursos tecnológicos para EaD em universidades e institutos federais;
- Ampliação das vagas em cursos de educação profissional e tecnológica na modalidade EaD pelo programa Novos Caminhos; e

- Autorização para que defesas de teses e dissertações de Mestrado e Doutorado sejam realizadas por meio virtual. (Parecer CNE/CP nº 05/ 2020).

2. APÓS A PANDEMIA

A pandemia nos revelou a incrível capacidade humana de adaptação e reinvenção em meio a cenários desafiadores. A educação, como muitas outras áreas, sofreu mudanças drásticas, e, mesmo com o retorno à "nova normalidade", as transformações vividas durante esse período continuam a moldar a sociedade. Na educação, o esforço, a criatividade e a capacidade de adaptação foram fundamentais para enfrentar as dificuldades trazidas pela Covid-19. O distanciamento social, o isolamento e a necessidade de reestruturar o ensino exigiram respostas rápidas de instituições e educadores.

As entrevistas realizadas com professoras dos anos iniciais (1º ao 3º ano) evidenciam os impactos do período pandêmico na aprendizagem e socialização dos alunos. Entre os desafios identificados, destacam-se a defasagem de aprendizagem, dificuldades de socialização, turmas superlotadas com crianças com deficiências, falta de monitores em sala e insuficiência de recursos humanos e materiais.

As professoras relataram que, após o retorno às aulas presenciais, muitos alunos apresentavam grandes defasagens no aprendizado, resultado de fatores como o apoio familiar insuficiente e as condições desiguais de ensino durante a pandemia. A professora Valéria, por exemplo, relatou:

Quando voltamos ao ensino presencial, quem estava no 8º ano não podia receber conteúdo do 8º ano. Eu tinha que revisar o 6º e 7º anos, e uma revisão bem profunda, porque eles não sabiam o conteúdo.

Embora a defasagem de aprendizagem não tenha começado com a pandemia, ela foi significativamente agravada pelo período. Fatores como condições socioeconômicas desfavoráveis, desvalorização dos professores e dificuldades de leitura e escrita contribuíram para os problemas educacionais.

A desigualdade educacional foi outro ponto destacado. Durante a pandemia, o ensino remoto nas escolas públicas não foi equivalente ao das escolas privadas, expondo ainda mais as disparidades. Além disso, a desvalorização dos professores, refletida em questões como baixos salários, falta de investimentos e a violência nas escolas, contribui para a escassez de profissionais qualificados.

As dificuldades de socialização dos alunos no retorno às aulas presenciais foram atribuídas ao isolamento social, que enfraqueceu suas habilidades de interação. A professora Rafaela relatou que os alunos voltaram mais agressivos e agitados, sem interesse em realizar as atividades propostas. A falta de convivência presencial e o distanciamento dos colegas contribuíram para esse comportamento.

Outro grande desafio enfrentado pelos professores foi o aumento no número de alunos por sala, sobrecarregando-os, especialmente em turmas com crianças com deficiências, que necessitam de monitores para auxiliar no processo de aprendizagem. A ausência desse suporte dificulta ainda mais o trabalho dos professores.

Para enfrentar essas dificuldades, as professoras adotaram diversas estratégias, como acompanhamento individual, reforço escolar, reagrupamento de turmas e a implementação do Projeto Tempo de Aprender. O acompanhamento individual, por exemplo, tem sido uma importante ferramenta para auxiliar alunos com defasagens no aprendizado. A professora Valéria relatou: “Nós estamos fazendo acompanhamento individual desses alunos, com reforço no turno e extraturno.”

Outra estratégia mencionada foi o reagrupamento de alunos, onde estudantes de diferentes níveis de aprendizagem colaboram entre si, ajudando uns aos outros no processo. A professora Gabriele destacou a importância de trabalhar com materiais concretos para auxiliar na recuperação da aprendizagem:

Nós estamos sempre fazendo esses reagrupamentos, trabalhando o reforço, usando material concreto e

diversificado para tentar colocar os alunos no mesmo nível.

A professora Isabel, por sua vez, utilizou o Projeto Interventivo, focado nas dificuldades de alfabetização causadas pela pandemia. Em relação aos resultados dessas medidas, as professoras observaram avanços em alguns alunos, mas enfrentam desafios como a falta de monitores e a necessidade de maior envolvimento das famílias.

A professora Valéria enfatizou a importância do reforço escolar:

O reforço escolar ajuda muito, porque, muitas vezes, o aluno dentro da sala não consegue desenvolver o esperado. Quando você o traz para o individual, ele desenvolve.

A professora Flávia destacou o acolhimento emocional dos alunos no retorno às aulas presenciais, com projetos como o "Projeto das Emoções" e o "Projeto Cultura de Paz", que ajudaram a trabalhar questões de violência e sentimentos. Ela observou que esses projetos trouxeram melhorias no comportamento dos alunos: "O comportamento melhorou e a agressividade diminuiu. Os alunos começaram a se tornar menos agressivos, mais empáticos."

Por fim, a professora Isabel sugeriu que a escola oferecesse o ensino remoto como uma complementação do estudo, ajudando os alunos a acompanharem o ensino também em casa. Essa proposta, segundo Isabel, poderia contribuir significativamente para identificar as dificuldades de aprendizagem e oferecer atividades adicionais para superá-las.

Em suma, o impacto da pandemia sobre a educação foi profundo, e o retorno às aulas presenciais trouxe desafios adicionais. No entanto, com criatividade e adaptação, os professores continuam a buscar formas de garantir o aprendizado e o desenvolvimento de seus alunos, mesmo em meio às adversidades.

CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo investigar as práticas docentes de alfabetização adotadas durante e após a pandemia de Covid-19 em uma escola de São Sebastião/DF, focando nas estratégias utilizadas para mitigar os impactos do ensino remoto e os desafios enfrentados no retorno ao ensino presencial. A pandemia revelou profundas desigualdades educacionais, especialmente entre as escolas públicas, que enfrentaram grandes dificuldades no acesso à tecnologia e na adaptação ao ensino remoto. Diante disso, compreendeu-se que o ensino remoto, longe de ser uma solução equitativa, ampliou as disparidades de aprendizagem e impôs desafios ainda maiores para os professores e alunos.

As entrevistas com as professoras mostraram que o retorno ao ensino presencial foi marcado por defasagens significativas de aprendizagem, dificuldades de socialização e uma sobrecarga nas salas de aula, especialmente com a inclusão de alunos com deficiências, mas sem o suporte adequado de monitores. As estratégias adotadas, como o acompanhamento individual, reforço escolar e projetos voltados ao acolhimento emocional, revelaram-se fundamentais para tentar minimizar os prejuízos causados pelo longo período de ensino remoto. No entanto, apesar desses esforços, os professores enfrentaram limitações que dificultaram uma recuperação plena dos alunos, evidenciando a necessidade de mais investimentos em recursos humanos e materiais, além de uma maior participação das famílias no processo educacional.

Em termos de futuro, os resultados deste estudo apontam para a importância de continuar investindo em programas de recuperação de aprendizagem, com foco especial nos anos iniciais da educação básica, onde as consequências da pandemia foram mais severas. Também é necessário que as políticas educacionais futuras considerem não apenas a inclusão tecnológica nas escolas, mas também um suporte contínuo para os professores, garantindo formações adequadas e o apoio necessário para que possam lidar com os desafios de uma educação híbrida e digital. A integração das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) de

maneira eficaz e equitativa continua sendo uma das grandes barreiras a superar.

Este trabalho, embora tenha fornecido reflexões sobre as práticas docentes durante e após a pandemia, apresenta algumas limitações. A pesquisa se concentrou em uma única escola e grupo de professoras, o que limita a generalização dos resultados para outras regiões ou realidades educacionais. Além disso, não houve uma análise direta dos resultados educacionais dos alunos, o que poderia complementar a compreensão dos impactos do ensino remoto sobre a alfabetização. Futuras pesquisas poderiam ampliar a investigação para outras escolas, bem como incluir uma análise comparativa do desempenho dos estudantes em diferentes contextos socioeconômicos. Mesmo assim, este estudo reforça a necessidade urgente de políticas públicas que abordem as desigualdades educacionais de maneira mais eficaz, garantindo que todas as crianças, independentemente de sua condição socioeconômica, tenham acesso a uma educação de qualidade.

Ao realizar este trabalho, concentrei-me no que é necessário fazer para garantir que a educação seja eficaz e igualitária, mesmo em contextos de crise. Sabemos que é preciso adotar diferentes medidas para garantir que a educação continue acontecendo. Refletir sobre os possíveis cenários de crise nos próximos anos nos leva a compensar o que podemos melhorar e o que devemos deixar de fazer, de modo a estarmos mais preparados para lidar com os desafios que possam surgir.

Por fim, é fundamental compreender o papel essencial dos professores em diversos níveis de ensino. Isso nos leva a refletir sobre as ações adotadas pelos órgãos responsáveis e pela sociedade para enfrentar os desafios do processo de alfabetização e letramento, cujas respostas e resultados variaram ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Daniela. MEC: 56,4% dos alunos do 2º ano não estão alfabetizados. *Agência Brasil*, Brasília, 31 maio 2023. Disponível em: [https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-05/mec-diz-564-dos-alunos-do-2o-ano-nao-estao-alfabetizados#:~:text=Os%20resultados%20da%20pesquisa%20Alfabetiza,da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica%20\(Saeb\).](https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-05/mec-diz-564-dos-alunos-do-2o-ano-nao-estao-alfabetizados#:~:text=Os%20resultados%20da%20pesquisa%20Alfabetiza,da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica%20(Saeb).)

Acesso em: 01 maio 2024.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011.

BOF, A. M.; BASSO, F. V.; SANTOS, R. Impactos da pandemia na alfabetização das crianças brasileiras. In: **MORAES, G. H.; ALBUQUERQUE, A. E. M.; SANTOS, R.** (Eds.). *Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais*. Brasília: Inep, 2022. v. 7, p. 241–275.

BOF, A. M.; MORAES, G. H. Impactos da pandemia no aprendizado dos estudantes brasileiros. In: **MORAES, G. H.; ALBUQUERQUE, A. E. M.; SANTOS, R.** (Eds.). *Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais*. Brasília: Inep, 2022. v. 7, p. 277–306.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 21 out. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988**. Brasília, DF: Presidente da República,. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 21 out. 2023.

BRASIL. PARECER CNE/CP N. 5 / 2020- Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília: MEC, 2020. **BRASIL.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 14 nov. 2024.

FRANCO, M. L. P. B. Análise de conteúdo. 3. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

FREITAS, A. C. S.; ALMEIDA, N. R. O. de; FONTENELE, I. S. Fazer docente em tempos de ensino remoto. *Ensino em Perspectivas*, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 1-11, 2021. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6068/5697>. Acesso em: 21 out. 2023.

FERREIRO, Emília. Psicogênese da língua escrita. Com Ana Teberoski; tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999. 304 p.; 23 cm.

FREIRE, Paulo. Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra. Com Donaldo Macedo; tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 6).

ITINERÁRIOS DE PESQUISA: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Nadir Zago, Marília Pinto de Carvalho, Rita Amélia Teixeira Vilela (Orgs.). 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

KOSLINSKI, M. C.; BARTHOLO, T. L. Nota técnica: impactos da pandemia na educação brasileira. [s.l.] Dados para um Debate Democrático na Educação, 2022.

LICHAND, G.; CHRISTEN, J.; VAN EGERAAT, E. Neglecting students' socio-emotional skills magnified learning losses during the pandemic: experimental evidence from Brazil. SSRN Scholarly Paper, 2022. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/abstract=3724386>. Acesso em: 21 dez. 2022.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados. *Revista Brasileira de Educação*, v. 15, n. 44, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/gg3SdLpVLM8bJ7bJ84cD8zh/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 21 set. 2023.

MEC e Inep divulgam os resultados da pesquisa Alfabetiza Brasil. GOV.BR, 2023 Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/mec-e-inep-divulgam-os-resultados-da-pesquisa-alfabetiza-brasil>. Acesso em: 01 maio 2024.

NERI, M.; OSORIO, M. C. Retorno para escola, jornada e pandemia. Rio de Janeiro: FGV Social, 2022.

ONU NEWS. Brasil: 56% das crianças do 2º ano do Ensino Fundamental não aprenderam a ler e escrever. 01 Fev. 2024 Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2024/02/1827087#:~:text=Segundo%20o%20recente%20Sistema%20Nacional,dominar%20a%20leitura%20e%20escrita>. Acesso em: 01 maio 2024.

OPAS. Histórico da Pandemia de Covid-19. OPAS. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 15 set. 2023.

LUDKE, M.; ANDRE, M. E.D.A. PESQUISA EM EDUCAÇÃO: Abordagens qualitativas. São Paulo, EPU, 1986

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escola Classe Cerâmica da Benção, São Sebastião/DF, 2022.

Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD 2021, CODEPLAN, Companhia de Planejamento do Distrito Federal. Disponível em: https://www.ipe.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/05/Sao_Sebastiao_-_consolidado-2021.pdf. Acesso: nov. 2024.

SEEDF. Parâmetros para a retomada das atividades presenciais nas unidades escolares da rede pública de ensino do Distrito Federal. Julho de 2021. Link: https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2021/07/parametros_volta_as_aulas_presenciais_17ago2021.pdf. Acesso em nov. 2024

SOARES, Magda. Linguagem e escola: uma perspectiva social. 18. ed., 3^o reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021. 160 p.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 128 p.

SOARES, Magda. Alfabetização: a questão dos métodos. 1. ed., 5^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021. 384 p.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO. O impacto da pandemia na educação: avaliação amostral da aprendizagem dos estudantes. São Paulo, 2021.

SENKEVICS, A. S.; ALCÂNTARA, V. G. Nivelando por baixo: impactos da pandemia na queda de aprendizado no 5^o ano do ensino fundamental brasileiro. *ScieloPreprints*, 2023. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/6574>. Acesso em: 14 ago. 2023.

SENKEVICS, A. S.; BOF, A. M. Desigualdades educacionais na pandemia: análise das respostas das escolas brasileiras à suspensão das atividades presenciais em 2020. In: **MORAES, G. H.; ALBUQUERQUE, A. E. M.; SANTOS, R.** (Eds.). *Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais*. Brasília: Inep, 2022. v. 7, p. 173–209.

UNESCO. A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19. Paris: Unesco, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>. Acesso em: 14 jul. 2022.

UNESCO. Situação da educação no Brasil (por região/estado - nov. 2021). 25 nov. 2021. Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/covid-19-education-Brazil>. Acesso em: 13 out. 2022.

UNICEF. Perdas de aprendizagem com a covid-19 podem custar a esta geração de estudantes quase US\$17 trilhões em ganhos durante a vida. Washington: Unicef, 06 dez. 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/perdas-de-aprendizagem-com-covid-19-podem-custar-a-esta-geracao-de-estudantes-ganhos-durante-a-vida>. Acesso em: 14 jul. 2022.

UNICEF. Covid-19: extensão da perda na educação no mundo é grave, e é preciso agir para garantir o direito à educação. 24 jan. 2022. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-extensao-da-perda-na-educacao-no-mundo-e-grave#:~:text=Comunicado%20de%20imprensa,Covid%2D19%3A%20Extens%C3%A3o%20da%20perda%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20no%20mundo%20%C3%A9,direito%20%C3%A0%20Educa%C3%A7%C3%A3o%2C%20alerta%20UNICEF&text=Nova%20lorque%2C%2024%20de%20janeiro,total%20ou%20parcial%20das%20escolas>. Acesso em: 13 out. 2022.

ZAGO, N. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: **ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T.** (Eds.). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. p. 287–309.

APÊNDICE: QUESTIONÁRIO

- 1- Conte um pouco da sua trajetória pessoal e profissional: onde nasceu e cresceu? Onde se formou? Realizou algum outro curso? Em quais escolas trabalhou? Com quais séries/anos? Há quanto tempo trabalha nesta escola?
- 2- Quais foram as principais consequências que a pandemia trouxe para o trabalho docente?
- 3- Quais foram os desafios enfrentados para lidar com o ensino remoto? Como foi o período de adaptação?
- 4- Quais foram as dificuldades enfrentadas para lidar com o processo de ensino aprendizagem no ensino remoto em relação aos alunos e em relação as famílias? Essas dificuldades foram sanadas ao longo do tempo?
- 5- Quais foram os resultados alcançados a partir do uso das tecnologias (ex.: computadores, celulares, tablets e outros) no processo de alfabetização e letramento? Que tecnologias foram mobilizadas? Como foi o uso delas: houve formação ou orientação por parte da escola ou da rede?
- 6- Quais medidas estão sendo adotadas para superação das dificuldades no retorno ao ensino presencial? Essa medida tem sido bem-sucedidas? Como você avalia as estratégias de recuperação das aprendizagens após o retorno?
- 7- O que o senhor (a) enquanto educador observou durante o ensino remoto em relação a participação dos alunos nas aulas e do apoio das famílias para que fosse efetivo o processo de ensino aprendizagem? Houve afastamento ou aumento no número de alunos quanto ao ensino remoto? E, no retorno ao ensino presencial como isso pode ser observado?
- 8- Existe algum comentário final, não coberto pela entrevista, que o senhor (a) gostaria de abordar?

Transcrição de Entrevista 1-19/04/2023

Participantes:

Estudante: Ana Paula M. dos Santos

Professora: Valéria **Turma:** 1º ano

(Min.0:00 a 0:06) (Ana Paula): Primeiramente, bom dia para a senhora! Eu gostaria de pedir para a senhora se apresentar.

(Min.0:07 a 0:30) Valéria: Bom dia! Eu me chamo Valquíria, eu trabalho na rede do DF esse é o oitavo ano. Porque eu trabalhei 6 anos como contrato temporário, mas eu era da área de específica e trabalhava com matemática. Agora é o segundo ano que eu estou na alfabetização com o 1º ano.

(Min.0:30 a 0:34) (Ana Paula): Certo! E onde a senhora (...) em relação a sua trajetória pessoal, onde a senhora nasceu, cresceu.

(Min.0:35 a 01:07) Valéria: Eu sou de Unai. Eu ainda moro em Unai. Eu vou e volto todos os dias. E cresci lá em Unai, me formei lá na Faculdade Siamec em Unai também. Comecei a minha trajetória em Unai como específico com matemática. Eu dava aula de Matemática. Trabalhei lá por 3 anos com ensino médio. O meu primeiro trabalho foi na educação com o ensino médio.

(Min.01:07 a 01:12) (Ana Paula): Entendo. A senhora realizou algum outro curso de graduação ou só da área de educação mesmo?

(Min.01:13 a 01:23) Valéria: Sim! Eu fiz administração de empresas, foi a minha primeira formação.

(Min. 01:24 a 01:26) (Ana Paula): E quanto tempo de experiência docente a senhora tem na área da educação?

(Min.01:26 a 01:32) Valéria: Esse ano vai fazer 12 anos que eu estou.

(Min.01:33 a 01:38) (Ana Paula): 12 anos? Entendi. E em quais escolas a senhora trabalhou durante todo esse período?

(Min.01:39 a 02:51) Valéria: Eu comecei em Unai. Trabalhei em 3 escolas. Uma delas eu trabalhei porque lá não é igual aqui no DF. Lá nós trabalhamos 20 horas. Então você pega um segundo turno que vai para outra escola. Lá eu trabalhei no Delvito. Trabalhei na zona rural, que é uma extensão do Delvito também na zona rural, em Minas, pela prefeitura que eu trabalhei pelo Estado e pelo Município. Eu estava concursada pelo Município. Lá quando eu vim agora em 2019 e 2020 eu estava concursada lá pelo Município, mas em específica não nos anos iniciais. Aqui em Brasília eu trabalhei no Bosque, por 4 anos seguido de contrato temporário. No Miguel Arcanjo e no São José. E quando eu tomei posse eu fui para os Ipês que é infantil. Trabalho infantil. E depois da educação infantil, na verdade, vim para cá o ano passado em janeiro para a cerâmica da benção.

(Min.02:52) (Ana Paula): Desde então, a senhora está (...)

(Min.02:53) Valéria: Sim. Lá era educação infantil no parque dos Ipês e, aí eu vim para cá para trabalhar com alfabetização. No ano passado, eu trabalhei com 1º ano e, esse ano também.

(Min.03:03 a 03:09) (Ana Paula): E quais séries a senhora trabalhou durante todo esse processo de aprendizado?

(Min.03:09 a 03:32) Valéria: Então como é específica do 6º ao 9º trabalhei esse último ano de 2019/2020. Eu trabalhei do 6º ao 9º porque era município. No município trabalha 6º ao 9º específica. Trabalhei no 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental e agora com o 1º ano.

(Min.03:32) (Ana Paula): E, agora 1º ano!**(Min.03:32) Valéria:** Sim!

(Min.03:33 a 03:49) (Ana Paula): E diante da pandemia, de todo esse processo que a gente viveu esses dois anos, por que houve a necessidade de haver esse distanciamento do ensino presencial e quais foram as consequências que a pandemia trouxe para o trabalho docente para o professor?

(Min.03:50 a 05:05) Valéria: Então durante a pandemia foi um desafio (conversa ao fundo) assim muito grande para o professor. Porque para nós alcançarmos esses alunos foi difícil. Foram poucos os que nós conseguimos alcançar o objetivo. Nem todos tinham a tecnologia na minha época da pandemia. Eu estava com específica trabalhando na zona rural. Os meus alunos eram da zona rural. Eles não tinham internet, não tinham acesso. Muitos não tinham acesso à internet e ao celular. Então nós tínhamos que mandar material impresso ainda para eles. Esse material muitas vezes não chegava. Nós não tínhamos contato com esse aluno. E para ter contato, a tecnologia ajudou através da ligação. Porque a internet infelizmente teve esse distanciamento porque quem tinha recurso teve o acesso, quem não tinha ficou sem o acesso esses dois anos. O recurso é pouco na pandemia. Então distanciou mais os alunos e o aprendizado caiu muito mesmo.

(Min. 05:05 a 05:06) (Ana Paula): A pandemia parece que escancarou mais ainda todo esse processo, certo?

(Min.05:06 a 05:24) Valéria: Sim! Quem se mostrou realmente que tinha interesse e quem não tinha. E quem tem os recursos limitados infelizmente mesmo que tivesse interesse não conseguiu ficou prejudicado.

(Min. 05:25 a 05:31) (Ana Paula): E, em relação aos desafios enfrentados para lidar com o ensino remoto. Como foi o período de adaptação às tecnologias?

(Min. 05:31 a 06:12) Valéria: Eu falo que para os professores, alguns tiveram essa dificuldade porque não tinha tanto assim, não usavam tanto. No meu caso não tive essa dificuldade de usar, trabalhar, dar aula remota. Mas a dificuldade maior que eu encontrei nesse período da pandemia foi os alunos. Porque pensamos que os adolescentes teriam a facilidade de acesso mais fácil e não tiveram. Então a barreira maior no meu caso não foi eu professor e, sim os alunos porque eles não tinham esse acesso a tecnologia.

(Min.06:13 a 06:16) (Ana Paula): Entendi. Então essa questão de acesso a senhora não teve dificuldade e a senhora já tinha o acesso?

(Min. 06:17 a 06:40) Valéria: Sim. Eu não tive dificuldade para trabalhar no ensino remoto por causa das ferramentas e das tecnologias não. Eu não tive dificuldade. A dificuldade enfrentada na pandemia foi alcançar esses alunos. Levar até eles essa informação que, muitas vezes, não chegava por falta de recursos.

(Min.06:40) (Ana Paula): Com certeza!

(Min. 06:41 a 06:46) (Ana Paula): Sim, com certeza. E as dificuldades enfrentadas para lidar com o processo de ensino aprendizagem no ensino remoto em relação aos alunos?

(Min. 06:47 a 08:03) Valéria: Pois é, como eu já falei a dificuldade foi essa. Foi realmente a falta de recursos porque os alunos não tinham recursos. Nem todos tinham recursos e, também, a disciplina. Porque os alunos não têm a disciplina de estar em casa. Estar estudando eles não têm. Eles não têm essa rotina de estudo em casa. Então como eles estão em casa e, no uso das telas não usam essas telas para estudo. Então mesmo os que tinham acesso , muitas vezes, não acessava porque acessavam outras coisas no momento da aula. Essa foi a dificuldade. Os alunos não tem uma rotina e não tem um acompanhamento familiar ali que precisa, porque as escolas só funcionam. A Educação, a escola não. A educação e aprendizado do aluno. Nós só conseguimos o objetivo se nós tivermos uma parceria, escola, professor e família. Se a família não tiver ali disposta, o aluno não vai porque só o horário da aula não é o suficiente.

(Min. 08:04 a 08:16) (Ana Paula): E desses dois anos de pandemia o que a senhora viu das famílias, buscando colaborar com o aprendizado das crianças mesmo à distância ou as famílias, muitas delas, não puderam acompanhar durante esse processo?

(Min. 08:17 a 09:02) Valéria: Foram poucas pelo número de alunos. Porque eu trabalhava com várias séries na pandemia. Eu trabalhava do 6º ao 9º ano. Então uma turma era 30% dos alunos que eu conseguia atender mesmo eu ligando, perguntando: E aí qual a dificuldade? Porque não tinha acesso a internet ou ligava para dar esse suporte. E infelizmente nem todos os pais davam essa atenção e, às vezes também eles não conseguiam, porque para os pais é novo. Foi novo também. E, eles não conseguiam dar esse suporte, muitas das vezes. De outros era porque não se importavam mesmo.

(Min. 09:03 a 09:06) (Ana Paula): Compreendo. E essas dificuldades foram sanadas ao longo do tempo?

(Min. 09:08) Valéria: Da Pandemia?

(Min.09:17) (Ana Paula): Isso! No processo de alfabetização e letramento, no processo de ensino e aprendizagem. A senhora percebeu essas dificuldades superadas?

(Min. 09:18) Valéria: As dificuldades só aumentaram. Nós vemos a defasagem dos alunos agora. Então as dificuldades dos alunos só aumentaram. Alunos que estavam no 7º eles sabiam o conteúdo do 6º, porque do 7ºano em diante foi todo na pandemia. Então foi 2 anos de atraso. Esses alunos tiveram 2 anos de atraso. Quando voltamos ao ensino presencial quem estava no 8º ano não podia dar conteúdo do 8º. Eu tinha que ir lá no 6º e 7º ano e revisar tudo, mas uma revisão bem profunda porque eles não sabiam o conteúdo. Então a defasagem de aprendizagem foi muito grande.

(Min.10:02 a 10:10) (Ana Paula): Com Certeza! E a senhora viu algum resultado alcançado a partir do uso das tecnologias no processo de alfabetização e letramento voltado para os anos iniciais?

(Min. 10:11 a 10:41) Valéria: Sim! Eu utilizo todos os dias. Eu utilizo a TV com o uso da internet, auxilia muito na alfabetização porque naquele momento o aluno está visualizando. E, com a visualização, eles memorizam. O aprendizado fica mais consolidado. Me ajuda muito. Eu utilizo essa tecnologia da internet e TV todos os dias na Alfabetização.

(Min. 10:43 a 11:00) (Ana Paula): E a senhora, o que achou do uso das tecnologias? Houve alguma formação ou orientação por parte da escola ou da rede voltando para a pandemia durante esse período que a senhora precisou utilizar as tecnologias ?

(Min. 11:01 a 11:11) Valéria: Não. Eu acredito que foi algo inesperado, ninguém estava esperando. Uma coisa que aconteceu, “ Ah, amanhã não pode mais para escola”. Então não teve preparação.

(Min.11:12) (Ana Paula):Nada?

(Min.11:13) Valéria: Não teve preparação nenhuma. Não teve nem tempo para isso para se preparar. Eu acho que cada um, cada profissional buscou uma forma mais fácil para se adaptar às tecnologias com esse ensino remoto.

(Min. 11:28) (Ana Paula): Mas em relação à escola eles orientaram sobre quais plataformas de acesso?

(Min.11:35) Valéria: Sim. Não, eles orientavam, sim. Eles informavam sobre a plataforma. Formação, não. Orientação de como fazer sim, mas, formação não. Nós entendemos que orientação não é formação. Então nós tivemos que procurar um meio de se adaptar a essas plataformas.

(Min.11:57) (Ana Paula): Sim. Quais foram as plataformas que vocês utilizaram durante esse período?

(Min. 11:59 a 13:34) Valéria:Lá em Minas Gerais como era em zona rural nós não usavamos a plataforma do Município, porque não funcionava. Ficava congestionada. Qual foi o meio que eu utilizei? Foi a videochamada para alcançar esses alunos. A ligação foi um meio que eu utilizei, porque as plataformas não alcançavam os alunos. Porque não tinha internet e, se não tinha internet, não tinha como eu dar aula ali na plataforma do Município. Então a única forma que eu encontrei nesse período para dar aula aos alunos foi pelo Whatsapp mesmo. Eles mandavam as dúvidas e, eu gravava vídeo e, enviava para eles respondendo as questões, explicando as questões. Como eu fazia para responder aquelas questões? Fazia um vídeo explicativo e, mandava, muitas vezes, eu mandava o vídeo explicativo de cada questão de forma individual, para cada um e, para aqueles que não tinha acesso ao Whatsapp, eu ligava e perguntava: Qual era a dúvida? E explicava o conteúdo por telefone, que é muito difícil e nós sabemos que o aluno ali presencial tem muita dúvida, ainda mais pelo telefone. Às vezes, o aluno fica disperso, não tá prestando atenção e, ali só estou falando. Então o que eu utilizei foi o Whatsapp mesmo.

(Min. 13:35) (Ana Paula): Whatsapp mesmo! Compreendo. E voltando ao ensino presencial. Quais foram as medidas adotadas para a superação das dificuldades no ensino presencial?

(Min. 13:47 a 14:56) Valéria: Depois da pandemia vimos que os alunos estavam com atraso bem significativo. Nós estamos fazendo acompanhamento individual desses alunos, está tendo projeto de reforço no turno, no extraturno. Nós estamos trazendo esses alunos para o reforço também. Eu trago esses alunos para o reforço para sanar essas dificuldades deles. E a escola não tem muitos recursos para isso. Nós fazemos o que está ao nosso alcance que é na sala. Eu faço o reagrupamento com os alunos para ver se sana aquelas dificuldades. Aqui na escola tem o tempo de aprender que é um recurso que no turno em que esses alunos ficam 01h30 com a professora de reforço e, depois retorna para a sala. E, nós professores atendemos à tarde. Por exemplo, eu dou aula no matutino e no extraturno à tarde para esses alunos que também estão com dificuldade.

(Min. 14:56) (Ana Paula): Entendo. E a senhora acredita que as medidas têm sido bem sucedidas durante esse retorno presencial?

(Min. 15:03 a 15:23) Valéria: Sim! O reforço escolar ajuda muito porque, muitas vezes, o aluno ali dentro da sala não consegue desenvolver. O desenvolvimento esperado. Quando você traz ele para o individual ali, você e o aluno, ele desenvolve.

(Min. 15:24) (Ana Paula): Então a senhora ver esse avanço a partir do(...)

(Min. 15:25) Valéria: Sim, eu vejo esse avanço.

(Min. 15:29 a 15:38) (Ana Paula): Como a senhora avalia a estratégia de recuperação das aprendizagens após o retorno? Como a senhora tem avaliado todas essas medidas que estão sendo adotadas pela escola e pelos professores?

(Min.15:40 a 16:12) Valéria: Essas medidas são positivas, por que é uma forma. Nós precisávamos de mais tempo? Sim, nós precisávamos. Mas tem como? Infelizmente não. Nós não conseguimos fazer mais do que isso, porque o nosso tempo também é limitado e as salas são superlotadas, o que atrapalha também esse atendimento para os alunos, mas essas medidas estão dando resultados positivos..

(Min. 16:13) (Ana Paula): Trouxe resultados então?

(Min.16:14) Valéria: Sim.

(Min. 16:15 a 16:33) (Ana Paula): E a senhora enquanto educadora, o que a senhora observou durante o ensino remoto em relação a participação dos alunos nas aulas e do apoio das famílias para que fosse possível o processo de ensino aprendizagem daqueles que puderam participar desse processo?

(Min. 16:34 a 17:07) Valéria: Então como eu disse foi algo novo, nem os pais estavam preparados, nem os alunos e nem nós professores. Teve participação dos pais. Alguns mas poucos. A participação familiar foi baixa. Então por isso que nós vemos esse atraso na aprendizagem dos alunos. Foi por falta sim do apoio também, da conscientização dos pais, das famílias que foi reduzida, faltou.

(Min. 17:08) (Ana Paula): Dos que tiveram essa participação?

(Min.17:10 a 17:57) Valéria: Mesmo daqueles que tiveram participação. Ali participava muitos porque os alunos tinham interesse. Porque os pais estavam com a consciência de que os alunos não estavam estudando. Era tido como um período de férias dos pais. O que era mais fácil. Para a família é mais fácil considerar que é férias e que não tem o trabalho porque você manda apostila, você tem a aula preparada. Então para os pais acompanhar em casa foi difícil. Muitas vezes, eles não estão em casa, porque muitos não pararam de trabalhar. Continuaram trabalhando. Foram poucos os que ficaram em casa nesse período. Então acompanhar esses alunos não teve esse retorno igual nós esperávamos.

(Min. 17:58) (Ana Paula): Dos que não tinham acesso a tecnologia é (...) vieram às escolas para buscar as atividades tiveram essa conscientização de vim buscar?

(Min.18:06 a 19:06) Valéria: Não é que vieram. Nós mandamos pelo ônibus. Lá é zona rural, os alunos vão de ônibus. As escolas são distantes. O que a gente fazia para que esse aluno tivesse acesso a internet, ao material? Nós separamos por cada linha de ônibus e, mandava para os pais e ligava:“Olha pode buscar no ponto tal hora”, que é a apostila do aluno foi. Nós ligamos ali “Ah são quantos alunos daquela linha ali?”, quais séries? Nós mandamos e, o motorista e a prefeitura, disponibilizaram, que essa linha fizesse isso. Muitas vezes, a diretora foi até a casa para levar o material, os que não iriam não foram buscar. A maioria a diretora foi levar na zona rural, por que não tinha como ir. Eles foram, todos tiveram acesso ao material impresso.

(Min.19:07) (Ana Paula): E aqui na benção, a senhora...

(Min. 19:09) Valéria: Eu não trabalhei na pandemia na Benção.

(Min. 19:10) (Ana Paula): A senhora não...

(Min. 19:12 a 19:29) Valéria: Quando eu tomei posse já tinha acabado a pandemia, já tinha voltado às aulas presenciais. Então não sei falar da pandemia do DF porque eu não peguei essa etapa.

(Conversa na sala dos professores)

(Min.19:30 a 19:49) (Ana Paula) Em relação aos alunos durante a pandemia. A senhora observando em sala e observando o ensino remoto, houve afastamento no número de alunos em relação ao ensino remoto ou houve aumento diante desse processo?

(Min. 19:50 a 20:36) Valéria: Não. Aumento não. Na verdade, aumentou o desinteresse dos alunos. Essa questão do Ensino Fundamental II que eu estava trabalhando teve muito abandono. O abandono da escola foi grande. Nós fomos atrás porque como é zona rural, eles trabalham. E, para eles, muitas vezes, falaram que era melhor trabalhar do que estudar. Então ficou esses 2 anos sem ir para a escola. Para retornar com esses alunos foi difícil, porque eles já não queriam voltar. Então muitos nós não conseguimos. Teve um abandono muito grande. A evasão escolar foi grande.

(Min. 20:37) (Ana Paula): Então no ensino presencial isso se agravou mais ainda?

(Min. 20:39 a 21:06) Valéria: Sim. A evasão desses alunos. Por que esses alunos, na maioria das vezes, já não estão com a idade adequada para determinada série. Então como já não é obrigatório, aí fica mais difícil do que quando é obrigatório. Você vai atrás dos pais. Você vai com os recursos necessários.

(Min. 21:08) (Ana Paula): Com certeza! Existe algum comentário final que não foi abordado nas perguntas que a senhora gostaria também de trazer para a entrevista?

(Min.21:14) Valéria: Não.

(Min.21:17) (Ana Paula): Agradeço a participação da senhora.

Transcrição de Entrevista 2-1 ° ano

Participantes:

Estudante: Ana Paula

Professora: Rafaela **Turma:** 1º ano

(Min.0:00)(Ana Paula): Primeiramente, bom dia! Eu queria pedir que a senhora se apresentasse.

(Min.0:09)(Rafaela): Eu sou a professora Raquel do 1º ano B. Formada em pedagogia também e quinze anos de sala de aula. Sendo seis de 1º ano.

(Min.0:22)(Ana Paula): Onde a senhora nasceu e cresceu?

(Min.0:25)(Rafaela): Eu nasci em Planaltina DF e cresci em Formosa. Moro em Formosa.

(Min.0:31)(Ana Paula): E em relação ao curso de graduação a senhora fez só na área da educação ou tem outro curso?

(Min.0:38)(Rafaela): E só na educação mesmo.

(Min.0:40)(Ana Paula): E em relação ao trabalho docente quanto tempo de sala de aula a senhora tem?

(Min.0:50)(Rafaela): Docente? Eu tenho quinze anos.

(Min.01:00)(Ana Paula): E em qual faculdade a senhora realizou o curso?

(Min.01:03)(Rafaela): Em Formosa na faculdade ESO.

(Min.01:06)(Ana Paula): Em quais escolas a senhora trabalhou?

(Min.01:08)(Rafaela): Quais escolas? Eu trabalhei no Paranoá na Escola Classe 01. Trabalhei em Formosa no Colégio IESC. Trabalhei em duas escolas do município lá e, depois, eu vim para São Sebastião em 2010/2011. Aqui eu trabalhei em quase todas as escolas, colégio 03, Caic, Centrinho, Agrovila, Bela Vista.

(Min.01:44)(Ana Paula): E quais as séries?

(Min. 01:46)(Rafaela): Do 1º ao 5º ano. Educação Infantil ao 5º ano. No ano passado, eu estava com o primeiro período, trabalhei com educação infantil até o fim do ano.

(Min.01:57)(Ana Paula): E quais foram as consequências que a pandemia trouxe para você?

(Min.02:20)(Rafaela): No retorno ao presencial parece que eles voltaram mais agressivos, mais agitados, sem vontade de fazer atividade. Nós temos que ficar acompanhando de perto e, muitas vezes, assistindo e sem o apoio da família. E assim, igual a turma do primeiro ano, geralmente na educação infantil eles começam a aprender o prenome. E quando começou a pandemia, a minha filha estava na educação infantil. E quando os alunos chegaram aqui no primeiro ano, chegaram sem saber o prenome. Então tudo começou a dificultar no aprendizado dos alunos, pois, não reconheciam letras, vogais e não sabiam fazer o prenome. E apresentando agressividade.

(Min.03:22)(Ana Paula): E durante o período de pandemia, vocês fizeram algum curso de formação?

(Min.03:28)(Rafaela): Durante a pandemia? Nós fizemos um curso de formação pela secretaria, e ficamos tendo contato com a família o tempo todo. Muitas crianças não tinham acesso à plataforma do Google Meet e no ano de 2020 que começou a pandemia eu estava no Caic. Então nós dividimos em três grupos: teve aquelas crianças que recebiam atividade

impressa na escola, os pais que iam pegar na escola; tinha outros que entravam na plataforma e outros eu enviava atividade pelo WhatsApp. Então teve aquele grupo distribuído. As aulas no Google Meet nós entrávamos três vezes na semana e era o mínimo de alunos que entravam. Às vezes eu entrava, tinha um aluno, dois alunos e às vezes nenhum. E é isso tudo foi dificultando o aprendizado deles. Em 2020 a 2021 eu estava no Bela Vista nenhum aluno da turma tinha acesso a plataforma, todos pegavam atividades impressas. Então, o meio de comunicação era só pelo WhatsApp. Eles buscavam atividades na escola. Nós gravávamos um vídeo com a explicação daquela atividade e enviava para família. E conhecer mesmo, eu não cheguei a conhecer nenhum aluno pessoalmente no ano de 2021. Porque quando teve o retorno presencial em 2021, eu estava grávida. E eu continuei no remoto.

(Min.05:05)(Ana Paula): Quais foram as dificuldades que a senhora enfrentou no processo de ensino e aprendizagem no ensino remoto em relação aos alunos?

(Min.05:18)(Rafaela): A comunicação. Os alunos entrarem na plataforma para verem as aulas. Por que a parte de Alfabetização se não for realizada pela base, um trabalho em conjunto com os alunos, se torna difícil. Por que os alunos não conseguiam compreender os sons das palavras, das letras, o som das sílabas. E, isso se tornou difícil, pois os alunos não entravam na plataforma para assistir às aulas. Infelizmente era praticamente só o material impresso e um vídeo que eu fazia.

(Min. 05:53)(Ana Paula): E como foi esse apoio das famílias durante o ensino remoto?

(Min.05:58)(Rafaela): Os pais que colaboraram foram poucos. A maioria não entrava nas aulas. A maioria dos responsáveis pelos alunos não respondiam o WhatsApp. E foi esse o suporte, foi o mínimo mesmo. Os professores ligava, mandava mensagem, tentava fazer uma videoconferência individual com alunos.

(Min.06:28)(Ana Paula): E essas dificuldades foram acionadas ao longo do tempo a senhora recebeu que algumas coisas foram superadas e durante o ensino remoto houve mais retrocesso nesse período?

(Min.06:38)(Rafaela): Eu acho que superado só quando as famílias dão apoio. Porque esses alunos que são recebidos na escola são deixados e, não procuram saber se o aluno realmente está entrando na escola pública. Não veem se estão entrando no transporte escolar público. Eu não acho que resolveu não.

(Min.07:02)(Ana Paula): E a senhora viu algum resultado alcançado a partir do uso das tecnologias no processo de alfabetização e letramento?

(Min.07:10)(Rafaela): Sim! Os vídeos educativos ajudaram muito. Os vídeos que nós fazíamos para ajudar nas atividades. Eu, por exemplo, tenho muita dificuldade em fazer um vídeo porque eu não gosto nem de tirar foto. Enfim, mas eu me acostumei. Mas, eu acho que ajudou muito mesmo.

(Min. 07:32)(Ana Paula): E quais as tecnologias que a senhora utilizou durante esse período como, por exemplo, computador, celular, tablet e outras ferramentas ?

(Min.07:40)(Rafaela): Eu usei muito o celular, o computador. E, eu tive que comprar uma webcam para o meu computador, porque não tinha e, foi isso.

(Min. 07:56)(Ana Paula): Em relação à escola, eles buscaram orientar os professores de como utilizar essas tecnologias ou foi curso de formação indicado?

(Min.08:19)(Rafaela): Nós tivemos um curso de formação, pela Secretaria de Educação e assim, o que eu observei? Estava todo mundo na mesma situação. Todo mundo foi aprendendo

junto. Eu não tinha muita facilidade para mexer. Quem me deu o apoio mesmo e que me ajudou foi o meu esposo. Porque ele é técnico nessa parte de informática. Então, assim, eu não procurei ajuda da escola, as minhas dificuldades, eu resolvi com meu marido.

(Min. 08:53)(Ana Paula): E quais medidas voltando ao ensino presencial. Quais são as medidas que estão sendo adotadas para sanar as dificuldades ao ensino presencial, depois desse retorno ao ensino presencial. Quais foram as medidas que a senhora adotou, a escola adotou para superar essas dificuldades que eles estão enfrentando hoje ao ensino presencial?

(Min.09:17)(Rafaela): Atividades diferenciadas, fichas, vídeos educativos nós continuamos trabalhando. Aula de reforço. Há aluno aqui que não tem nem coordenação motora, tem que ajudar, pois, não consegue escrever e conversar com ele. É uma atividade diferenciada mesmo.

(Min.09:34)(Ana Paula): E a senhora tem percebido que essas medidas têm sido bem sucedidas através dessas atividades?

(Min.09:40)(Rafaela): Para alguns alunos. Porque assim, a turma está muito cheia e eu não tenho monitor. Eu tenho quatro alunos aguardando o laudo. O que acontece? Quando o aluno faz uma tarefa de casa e a família colabora ajudando fora da escola é mais sucedida. Só na escola realizando as atividades não é o suficiente, pois, o tempo é mínimo. Então não tem o mesmo desempenho dos alunos que têm o apoio das famílias fora da escola.

(Min.10:15)(Ana Paula): Como a senhora avalia as estratégias de recuperação das aprendizagens após o retorno. A senhora tem percebido que tem sido sucedidos ou ainda falta melhorias para que sejam bem desenvolvidas?

(Min.10:32)(Rafaela): Falta muitas melhorias.

(Min.10:39)(Ana Paula): O que a senhora enquanto educadora observou durante o ensino remoto ou no retorno ao ensino presencial da participação dos alunos, do apoio das famílias para que fosse efetivo esse processo de ensino aprendizagem? O que a senhora observou durante todo esse período da participação dos alunos, das famílias e, se houve alguma participação efetiva durante esse processo?

(Min.11:08)(Rafaela): A minoria das famílias ajudaram, pois, a maioria não colaborava. O que se entendia é que “Ah quem tem que ajudar é o pai, o pai não tem paciência”. “Ah eu também não vou fazer, porque o pai não quer ajudar e eu também não vou chegar a noite e fazer. Eu também estou trabalhando”. Foram poucas famílias que deram esse suporte.

(Min.11:31)(Ana Paula): Em relação a esse ensino remoto diante das aulas e todo esse processo a senhora observou que houve aumento no número de alunos na participação ou mais afastamento, mais abandono da sala de aula? E no retorno ao ensino presencial houve esse momento de retorno à sala de aula. A senhora observou se houve aumento no número de alunos ou afastamento?

(Min.12:02)(Rafaela): Houve aumento no número de alunos. Geralmente no 1º ano nós trabalhávamos com turma de 22 a 23 alunos e, atualmente, nós estamos com uma turma de 30 alunos. Porque eu tinha 30 alunos. Minha turma iniciou com 30 alunos, tendo um aluno laudado e 4 alunos esperando o laudo. E eu não tive monitor nem mesmo para os que tinham laudo. O aluno que tinha laudo foi para outra escola. Porque ele necessitava de um profissional de integração inversa e a mãe conseguiu uma vaga em outra escola. Parece que saiu uma grande maioria das alunos de escolas particulares e vieram para as escolas públicas e aumentou demais a quantidade de alunos.

(Min.12:44)(Ana Paula): Dobrou a quantidade de alunos?

(Min. 12:45)(Rafaela): Dobrou a quantidade de alunos. E até mesmo da educação infantil. No ano passado eu estava no infantil e a turma tinha 32 crianças na educação infantil.

(Min.12:52)(Ana Paula): No retorno ao ensino presencial pode-se perceber esse aumento?

(Min.12:54)(Rafaela): Também.

(Min.12:58)(Ana Paula): Diante de tudo que nós conversamos tem mais alguma coisa que a senhora também gostaria de comentar e que não foi abordado nas questões ?

(Min.13:12)(Rafaela): Não.

(Min.13:13)(Ana Paula): Obrigada, professora.

Transcrição de Entrevista 3- 2º ano

Participantes:

Estudante: Ana Paula

Professora: Gabrielle **Turma:** 2º ano

(Min.0:01)(Ana Paula): Bom dia!

(Min. 0:02) (Gabrielle): Bom dia!

(Min.0:03)(Ana Paula): Eu gostaria de pedir à senhora para se apresentar.

(Min. 0:06) (Gabrielle): Meu nome é Graciele. Eu trabalho com a turma do segundo ano. Na escola Classe Cerâmica da Benção em São Sebastião -Distrito Federal.

(Min.0:14)(Ana Paula): Eu gostaria que a senhora contasse um pouquinho da sua trajetória pessoal, onde nasceu e cresceu?

(Min. 0:20) (Gabrielle): Eu sou natural de Unaí, Minas Gerais. Eu trabalhava lá na escola particular na educação infantil, onde eu fiquei sete anos trabalhando com educação infantil. Depois eu vim para Brasília, na cidade de São Sebastião, onde eu comecei em 2017 e estou até hoje passando por todos os segmentos. Já trabalhei com a educação infantil, com o primeiro ano, segundo ano, quarto ano e quinto ano somente com a turma do terceiro ano que ainda não trabalhei até o momento.

(Min.0:51)(Ana Paula): A senhora tem outro curso de graduação além do curso de Pedagogia?

(Min. 0:56) (Gabrielle): Não. Só especialização. Eu tenho uma pós-graduação em gestão de pessoas. É gestão educacional.

(Min.01:04)(Ana Paula): E, além desses cursos tem mais algum outro?

(Min. 01:07) (Gabrielle): Não, só esses mesmos.

(Min.01:08)(Ana Paula): Onde a senhora se formou?

(Min. 01:11) (Gabrielle): Eu me formei lá na minha cidade em Unaí na faculdade chamada SINESP.

(Min.01:16)(Ana Paula): E quanto tempo de experiência docente a senhora tem na área da educação?

(Min. 01:21) (Gabrielle): Então é mais de dez anos.Comecei em 2009/2013. Em 2009 eu fui monitora. Depois eu comecei como professora em 2013. Então 2013 até 2023, uns dez anos. Há mais de dez anos.

(Min.01:40)(Ana Paula): Além da escola do Unaí que a senhora trabalhou, também teve alguma outra escola que a senhora também ministrou ?

(Min. 01:50) (Gabrielle): Não. Foi só mesmo essa escola particular. Trabalhei alguns meses numa escola pública também municipal lá da minha cidade, mas foi pouco tempo. A experiência foi pouca não deu para ter uma grande experiência nessa questão do município. E escola pública mesmo foi só a maior experiência que eu tive foi aqui no Distrito Federal mesmo.

(Min.02:13)(Ana Paula): E em relação a pandemia, pois, tivemos várias complicações em relação à educação e, uma delas foi o ensino presencial, pois, teve que se reorganizar para voltar

ao ensino remoto e, diante disso, gostaria de saber quais foram as consequências que a pandemia trouxe para o trabalho docente?

(Min. 02:37) (Gabrielle): A pandemia pegou a todos de surpresa. Uma época muito difícil tanto para os professores quanto para os gestores, secretária de educação. Todos ficaram de mãos atadas até ser tomada alguma decisão. As consequências não foram positivas, pois, principalmente a questão da Alfabetização. O ensino fundamental 1 ele está nesse trabalho de alfabetização desde o primeiro ano até o quinto ano nós tivemos que trabalhar essa questão da alfabetização. E a alfabetização remota não teve os mesmos avanços que temos no ensino presencial e, isso é nítido. Tanto é que depois da pandemia, que veio presencial, nós percebemos nitidamente essa defasagem na aprendizagem dos estudantes. Foi muito visível essa dificuldade. Muitos não tiveram contato com a educação infantil, os que chegaram no primeiro ano. Muitos dos alunos do primeiro ano não foram alfabetizados porque não tinham condições nenhuma para isso. Não tinha o suporte em casa, muitas vezes os pais não tinham paciência em ensinar e até também não tinham nem didática. Porque eles são, não são professores, então teve muita defasagem e muita complicação na questão da aprendizagem dos estudantes de forma geral mesmo. Em todos os sentidos, em todos os segmentos. Eu percebi como profissional. Eu percebi essa defasagem mesmo.

(Min.04:18)(Ana Paula): E quais foram os desafios enfrentados para lidar com o ensino remoto? Como foi esse período de adaptação?

(Min. 04:25) (Gabrielle): Foi bem complicado porque nós vimos assim de uma hora para outra nós tivemos que encontrar essas habilidades para mexer com os recursos tecnológicos que não foram poucos. A Secretaria da Educação deu um curso de formação para nós, os profissionais da educação. Tivemos o curso preparatório pela EAP só que mesmo assim foi muito, foi tudo assim muito corrido, muito depressa, porque precisava naquele momento urgente, naquele momento. Foi bem apressado. E foi um período assim até para a questão emocional dos professores também que vimos em um período bem complicado onde as pessoas estavam morrendo com aquela doença. Então pegou em todos os aspectos. Tanto emocional quanto profissional, ficamos ali naquele período sem saber mesmo o que fazer. Mas recebemos esse suporte rápido, mas recebemos esse curso que foi preparado para esta trabalhando com os estudantes de forma remota, onde fazíamos as atividades impressas, mas também usava a plataforma que foi um meio bem eficaz também de estar trabalhando com os estudantes, só que o problema onde falo que teve muita defasagem foi porque os estudantes não têm internet em casa. Então não tem acesso a esses materiais que havíamos enriquecido a plataforma com materiais, em PDF, materiais de vídeos, para o aluno tentar entender melhor o conteúdo. Porém, muitos deles não tiveram acesso a esses conteúdos. Foi um trabalho desafiador mesmo, porque muitos ficaram sem assistir, sem ter acesso a esses materiais, porque nós nos esforçamos ao máximo para tentar colocar materiais de qualidade e materiais bem objetivos na plataforma, do jeito que o aluno compreendesse. E os pais também para poder orientá-los. Porém, a maioria dos alunos da minha turma, por exemplo, quando trabalhei na pandemia não tiveram acesso. Foi só o material impresso. Muitas vezes o material impresso sem aquela didática da explicação não tem a mesma eficácia.

(Min.06:50)(Ana Paula): Com certeza! E o apoio das famílias nesse período teve algum apoio diante desse contexto que foi a pandemia e no ensino remoto? A senhora percebeu esse apoio em relação aos alunos?

(Min. 07:09) (Gabrielle): Quando eu trabalhei na pandemia, eu trabalhei na zona rural. Então por isso foi bem difícil essa questão do acesso à internet. E não tivemos muito apoio dos pais que iam, buscavam as atividades, porém muitos faziam, outros não. Nós tínhamos que ficar nessa busca ativa dos estudantes para poder está fazendo as atividades. Eu percebi porque os pais continuaram a trabalhar. Porque tinham que trabalhar para poder prover a sua família. Então não puderam ficar em casa sem trabalhar. Foi complicado para todos. Eu entendo também o lado dos pais, igual muitas vezes alguns que não tiveram muito acesso a educação. Muitas vezes eles não conseguem nem explicar para o filho o que é para fazer nas atividades. Foi um grande conflito entre família, escola, professor. E muitas vezes não me deram muito apoio nesse sentido, porque deixou muito a desejar também essa participação dos pais, porque era de uma comunidade muito carente. Muitas vezes, eles não tinham muito acesso à educação, muitos não eram nem alfabetizados, então teve essa questão. Não, porque eles não quiseram colaborar, mas por essas questões sociais.

(Min.08:43)(Ana Paula): E quais foram as dificuldades enfrentadas para lidar com o processo de ensino aprendizagem no ensino remoto e, em relação aos alunos e às famílias, quando tinham acesso ao ensino remoto como, por exemplo, se tivesse em uma videoconferência, uma videochamada com os alunos para poder tirar algumas dúvida. Como foi esse conjunto para os alunos e as famílias?

(Min. 09:12) (Gabrielle): Nós fizemos um grupo de WhatsApp mesmo não tendo aquele acesso, o sinal bom da internet. Como eu te falei, no ensino remoto, eu estava na zona rural. Lá não tinha um ponto fixo de uma internet boa. Mas, nós fizemos mesmo assim o grupo de WhatsApp no qual, quando os pais fossem trabalhar na cidade eles tinham esse acesso a internet. Nós explicávamos mais as questões por meio de áudio. Mandava áudio e recebia áudio e nós tirávamos as dúvidas por áudio. Muitas vezes, os pais questionavam como, por exemplo, “Ah, professora, eu não entendi essa atividade” e, aí me mandava foto, me mandava pergunta por áudio e eu respondia por áudio. Quando nós tentávamos fazer uma videoconferência, uma videochamada, quando os pais estavam na cidade, nós conseguimos. E aí eu explicava através de vídeo chamada. Sempre eles me solicitavam, eles me ligaram, nós marcamos também direitinho lá, “oh, professora, vou estar na cidade tal dia, tal hora, tem como a senhora me atender?” Aí a gente marcava e fazia a vídeo chamada assim do centro, a maioria dos pais foram bem flexíveis com relação a isso. Apesar da dificuldade do sinal da internet. Sempre que dava nós fazíamos.

(Min.10:32)(Ana Paula): E quais foram os resultados alcançados a partir do uso das tecnologias e as ferramentas tecnológicas como, por exemplo, os tipo de tecnologias que a senhora usou sendo computador, telefone, tablet, ou outros aparelhos tecnológicos para conseguir trazer esses alunos mais para perto e dar continuidade ao trabalho de vocês?

(Min. 10:50) (Gabrielle): Eu usei muito a questão do telefone mesmo no meu caso WhatsApp e ligações até já fiz ligações também para quem não tinha essa questão do WhatsApp. Hum. Não tinha eu já fiz ligação e já usava mais a minha, a maior nessa questão foi o WhatsApp. Eu mandava videozinhos também que eu fazia, explicando pelo WhatsApp. Então, foi assim, a maioria foi no WhatsApp. Nós tínhamos a plataforma, porém, os alunos não conseguiam acessar a plataforma, foi a maior dificuldade, alguns conseguiam, mas foram assim, minoria mesmo da turma, sabe? Bem a minoria mesmo. A grande parte foi a questão do telefone, do

WhatsApp mesmo, aí mandava vídeo, que eu fazia explicando a matéria, o conteúdo, tudo pelo WhatsApp.

(Min.11:42)(Ana Paula): Essa formação vocês receberam para lidar com o ensino remoto. Quais foram as plataformas, além do WhatsApp que vocês utilizaram para trazer esses alunos mais para perto?

(Min. 11:51) (Gabrielle): Nós usamos o Google. O Google Sala de Aula. Lá tinha o Google Meet. Já fiz algumas reuniões no grupo, mas como eu te falei, a minoria participava. Então não era assim grande parte da turma, era bem pouco eram cinco alunos de uma turma de trinta então assim é bem minoria mesmo. Porque o Google Sala de Aula tem umas ferramentas muito bem legal assim de trabalhar. Só que para quem tem o acesso a internet.

(Min.12:27)(Ana Paula): E a senhora, em relação a escola que a senhora atuou durante o ensino remoto? Período de pandemia. A senhora ouviu mais formação ou orientação por parte de curso ou da escola, mas de outros anos que também é juntamente com as instituições escolares participaram para poder promover essa continuidade no ensino remoto das aulas?

(Min. 12:51) (Gabrielle): Eu vi assim tanto uma orientação da secretaria quanto dos gestores. Eu acho que eles trabalharam em conjunto. Tanto é que eles recebiam essas orientações e repassavam para nós. Eu vi dessa forma. E assim a formação foi só esse curso da EAP para aprender mexer no Google sala de aula e nessas ferramentas novas.

(Min.13:16)(Ana Paula): E quais medidas estão sendo educadas para superação das dificuldades dos alunos e no retorno do ensino remoto e ensino presencial?

(Min. 13:27) (Gabrielle):No retorno nós percebemos essa extrema dificuldade porque todo ano, toda turma nós percebemos, que alguns alunos desenvolvem mais que os outros. Porém depois dessa pandemia nós percebemos que grande parte da turma estava com essa defasagem, com essa questão de perceber mesmo essa dificuldade na aprendizagem. Então que nós fizemos? Nós trabalhamos a questão do reagrupamento, a questão do reforço escolar, nós fazíamos o contraturno que nós temos e nós trabalhávamos à tarde. Nós temos a nossa coordenação à tarde. Então nessa coordenação nós dávamos aula de reforço no contraturno e também fazia os reagrupamentos na sala, trabalhava com material concreto. Nós tivemos que começar do zero mesmo. Trabalhar muito a questão do concreto porque eles não tiveram esse acesso do concreto, porque na pandemia os pais só faziam atividade com eles, muitas vezes, até os pais respondiam essas atividades para se ver livre ganhar a presença. Foi bem complicado. Mas nós conseguimos que grande parte da turma voltasse às aulas presenciais e, tentar amenizar essas dificuldades.. Esse ano já é o segundo ano. Nós estamos sempre fazendo esses reagrupamentos, trabalhando o reforço, trabalhando o material concreto, materiais diversificados para tentar colocar os alunos ali no mesmo seguimento. Ali no mesmo nível.

(Min.15:13)(Ana Paula): Como a senhora avalia as estratégias de recuperação das aprendizagens e na pós pandemia, no ensino presencial, a senhora acredita que essas estratégias que estão sendo adotadas são eficientes para superação das dificuldades dos alunos como, por exemplo, as aulas de reforço e os reagrupamentos?

(Min. 15:41) (Gabrielle): Eu acho que sim. Está sendo muito eficiente. Está tendo resultados significativos. Depois que nós começamos a fazer esses reagrupamentos e esses reforços, porque muitas vezes os pais não correm atrás, não tem uma estrutura familiar e que possa nos auxiliar com essa questão de dever de casa, dando continuidade a esse processo em casa. Muitas

vezes, nós temos que trabalhar aqui na sala mesmo, tentar fazer esse reforço, esse contraturno para sanar essas dificuldades. Eu tenho visto que tem sim dado resultado.

(Min.16:20)(Ana Paula): E o que a senhora, enquanto educadora, observou em relação ao ensino remoto e também do ensino presencial no aumento dos alunos. No ensino remoto a senhora percebeu que houve mais afastamento dos alunos e, não houve tanta participação e a saída de alguns do ensino remoto e do ensino presencial percebeu todo esse aumento ou diminuição no número de alunos na participação durante o ensino?

(Min. 16:51) (Gabrielle): No ensino remoto percebi que muitos alunos se afastaram, porque nós tivemos que está fazendo a busca ativa junto com a orientação educacional. Via que muitos viajaram para casa da avó. Eles ficaram bem dispersos. Eu acho que não dando muita importância para a questão dos estudos e está no ensino presencial. Estamos com salas lotadas. Todas as escolas que for aqui no Distrito Federal estão com 32, 35 e 34 alunos. São salas superlotadas. Um trabalho bem difícil de ser realizado, fazer reagrupamento, fazer aula com reforço na alfabetização, ter uma sala de alfabetização com 32 alunos é bem desgastante para o professor. É bem revoltante para o profissional e está fazendo esse tipo de trabalho com essa sala superlotada e sem apoio. Porque em muitas escolas não temos esse apoio das salas de recurso, muitas salas, muitas escolas igual aqui mesmo não tem uma equipe, porque a pedagoga aposentou e estão sem pedagoga. Tem todas essas faltas de apoio que nos atrapalham e prejudicam. A professora fica exausta. Ela chega em casa já com a cabeça daquele jeito, porque é uma sala superlotada para esta alfabetizando, para está fazendo reforço, para esta desenvolvendo um bom trabalho. É muito desgastante e, isso deveria ser menos alunos para está fazendo um trabalho de qualidade. A escola pública merece um trabalho de qualidade mas, muitas vezes, não é culpa do professor. Muitas vezes é a situação que não colabora para um bom trabalho. Porque o que nós podemos fazer estamos fazendo. Mas não podemos fazer milagres.

(Min.19:02)(Ana Paula): E alguma outra questão aqui que não foi abordada, colocada também além do que nós conversamos.

(Min. 19:02) (Gabrielle): Não.

(Min.19:05)(Ana Paula):Agradeço à senhora pela participação. Muito obrigada.

Transcrição de Entrevista 4- 2º ano

Participantes:

Estudante: Ana Paula

Professora: Flávia **Turma:** 2º ano

(Min.0:01) (Ana Paula): Bom dia, professora! Para começar nossa entrevista, queria que a senhora se apresentasse?

(Min. 0:08) (Flávia): Bom dia! Eu sou a professora Fernanda Carvalho. Eu sou formada em Letras-Português e Pedagogia. Esse ano estou trabalhando com o 2º ano do ensino fundamental na Escola Classe Cerâmica da Benção.

(Min.0:29) (Ana Paula): E onde a senhora cresceu e como foi a trajetória pessoal da senhora?

(Min. 0:35) (Flávia): Eu sou do interior do Ceará. Uma cidadezinha chamada Juazeiro do Norte, foi lá que eu cresci. Quando eu completei 19 anos fiquei um bom tempo. O que aconteceu? Eu fiz a minha educação básica, mas quando chegou no 7º ano tive que parar de estudar. Eu tive alguns problemas com a minha família. O meu pai sofreu um acidente e, eu tive que ficar cuidando dele foi um período bem difícil. E por isso também eu parei os estudos. Retornei um ano e meio depois. Fiz o telecurso. Fiz o 7º e 8º ano em um ano só. Já trabalhava como babá. Trabalhava em casa de família até os 19 anos. A partir dos 19 anos em diante quis mudar de vida e já pensava que não gostaria de continuar da mesma forma. E, nesse sentido, eu resolvi mudar para Brasília. Minha mãe biológica já estava morando aqui e eu vim morar aqui em Brasília com a minha mãe e eu pude retomar os estudos, fazer o ensino médio, pois, até a idade de 19 anos não tinha ensino médio só tinha o ensino fundamental e, por isso eu vim para Brasília em busca desse sonho de retomar os meus estudos. Chegando aqui em Brasília fui morar em Sobradinho, onde fui fazer o ensino médio em uma escola chamada Centro de Ensino Médio 1 de Sobradinho. Na época era conhecido como Ginásio e a escola já tinha uma fama de ser uma escola excelente. Uma escola em que os professores eram exigentes com os alunos. O ensino dessa escola era cansativo e realmente estudando nessa escola a minha forma de pensar se expandiu. Tive muita dificuldade por conta da idade e por ser estudante mais velha por estar fora da faixa etária e comparando aos outros estudantes que ainda estavam na idade dos 14 aos 17 anos. Eu já tinha 19 anos. No meu caso foi difícil, fiz o ensino médio todo na rede pública regular. O 1º, 2º e 3º o qual estudei, realizei no período matutino apesar da desmotivação dos outros em falar: “ Ah você é mais velha. Vai para o noturno” e eu falar “ Ah não, mas o público é diferente. A forma do ensino público é diferente e não é o meu objetivo. O meu objetivo é aqui por ser um ambiente mais exigente e tem um foco maior para entrar na universidade e eu quero continuar aqui”. Eu fiquei até o 3º ano do Ensino Médio. No 3º ano, eu conheci o meu esposo e nos casamos. Na época tinha 21 anos. O meu esposo vem de uma família na qual o pai dele é Médico, a mãe é Administradora, os irmãos estudavam em escola particular, porém, já haviam estudado na rede pública também, mas o lema dentro da casa deles é “estudo”, “você vai vencer na vida por meio dos estudos”. A família dele percebendo que eu era uma pessoa

mais humilde. Uma pessoa que estava ali batalhando, um pouco tarde para os estudos. Os filhos deles já estavam encaminhados. A minha sogra tinha quatro filhos na qual o meu esposo era o caçula. E, nisso todos eles motivaram sempre e, diziam: “Oh Fernanda, você tem que estudar. Nós aqui estudamos e já estamos na Faculdade. Quem não está na Faculdade já está concursado e então, você tem que estudar para passar em um concurso público para ter o foco de se profissionalizar e, vencer na vida por meio dos estudos. Para mim foi muito mais motivador. Se eu já estava motivada, aquilo ali foi muito mais motivador. Eu estava no 3º ano do ensino médio, quando eu engravidei da minha primeira filha. A minha filha hoje está com 15 anos. Ela está no 1º ano do ensino médio e temos esse mesmo discurso para ela. Vamos vencer por meio dos estudos. O meu esposo já era concursado, era técnico de radiologia em dois hospitais. Um no HUB e o outro no hospital do Paranoá. Aí ele falou: “Fernanda, nós vamos ter a nossa filhinha agora, mas você não vai parar de estudar. Você vai se organizar para fazer o curso que você tem vontade de fazer”. Até então não tinha ainda ideia. Tinha vontade de fazer Pedagogia. Vontade de ser professora. Mas, eu estava observando e examinando ainda outras possibilidades. Tinha concurso para a secretaria de saúde e estava estudando para fazer. Tinha outros concursos e estudava para ir fazendo. Quando foi em 2003 conseguimos morar nos Jardins Mangueiral. Construimos a nossa casa lá. Em 2014 inaugurou o campus de São Sebastião onde tinha sido inaugurado o instituto federal. Em 2014 abriu uma seleção como primeiro curso de letras do campus. Os professores da Unb, aqueles que não era doutorado, era doutorando como, por exemplo, a professora Danielle Rosa, Gustavo Armistin, Rafael Batista, todos devem estar lá até hoje. E esses professores se uniram ali, como também a professora Cândida, a Monisa de Sá, a Aline Santana e a Luciana Lira. Eles se reuniram e criaram esse curso. A professora Letícia Érica também se reuniu e colaborou para a criação desse curso no campus de São Sebastião. Estava fazendo o Enem para tentar entrar. Tinha o foco na UnB, mas ainda não era um sonho que eu ainda não havia realizado. Eu consegui entrar no Instituto Federal para mim foi uma vitória. Ainda era Federal, não era Unb, tanto que quando eu comentei e dei a notícia para a minha sogra para a família do meu esposo que havia passado no IFB, ela saiu espalhando para todo o mundo, “A Fernanda passou na UnB” e eu não é UnB, é IFB. Fui fazer o curso de letras lá no ano de 2014 foi incrível aprendi muito. O meu esposo fala: “Fernanda, você é uma pessoa antes da faculdade e depois do curso”. E em 2018 se não me engano. Um ano antes de acabar o curso, eu comecei a fazer a pedagogia também. Eu falei quero também porque o curso de letras em específico só consegue trabalhar a partir do 6º ano e eu falava como eu vou trabalhar com as crianças. Eu também quero atingir esse público. Eu fiz o curso de pedagogia particular. Eu paguei para fazer o curso de pedagogia e fui tentando conciliar o finalzinho de letras com a pedagogia. Eu consegui concluir em 2018. Em 2017 eu terminei o curso de letras e em 2018 consegui concluir o curso de pedagogia. Fui estagiando e quando estava no último ano do curso de letras, consegui passar no processo seletivo temporário aqui em São Sebastião no noturno. Fui trabalhar com EJA e eu me apaixonei pela educação, profissão, sala de aula e vi que era a área que queria. O temporário te dá mais possibilidades, eu acho que o efetivo não é tão diferente. Os professores escolhem para que turma vão trabalhar. Mas o temporário acaba ficando meio jogada à sorte. No fim das contas não foi ruim e sim bom. Porque eu tive experiência com EJA. No ano seguinte, eu fui trabalhar com 9º ano. Depois, fui trabalhar com o ensino médio. Eu consegui passar por várias etapas e vários segmentos. Gosto de dar aula de língua portuguesa porque nós temos que estudar muito, o tempo todo. A

gramática e a literatura, análise do discurso e as possibilidades são infinitas. Eu sinto falta não porque temos que estudar porque precisamos, mas eu sinto muito a falta dentro desse contato com os adolescentes. Em 2021 houve o concurso. Em 2021 conseguir concluir. Quando terminou o contrato temporário que durava 2 anos, eu fiz o contrato temporário novamente. A primeira vez foi em 2017 e 2018. Em 2018 fiz de novo e passei novamente. Fiquei em 2018, 2019 e 2020, só que ele prorrogou por causa da pandemia e em 2021. No final de 2021 fiz de novo mas com foco em fazer atividades. Agora vou experimentar trabalhar com as crianças e conseguir aprovação. Comecei o meu primeiro ano no ano passado. No início do ano, por conta da minha colocação, acabei passando também por algumas turmas diferentes. Fiquei com 3º e 4º. Fiquei também com Educação Infantil, no qual fiquei mais tempo com uma turma de segundo período, que é aquele momento que se prepara a criança e é algo que eu gosto muito na secretária de educação, e que faço com a minha filha da mesma forma. Não alfabetiza criança na Educação Infantil, ela é preparada por meio de outras atividades e, é essa a concepção da secretária. Eu acredito que realmente não precisa pular as etapas. Não precisa apressar as coisas. E naturalmente as crianças vão aprendendo por meio de estímulos e das atividades que damos em sala. Esse ano estou considerando um ano muito importante na minha vida que é esse momento da alfabetização. Estou tendo que estudar sobre Alfabetização, sobre a educação para as pessoas com deficiência. Esses diferentes níveis das crianças de aprendizagem e que nós precisamos organizar para que contemple a todos. Está sendo uma descoberta e é necessário estudar. Neste ano tem processo seletivo de novo. Daqui a pouco estarei na correria. Fiz o concurso para efetivo e não consegui passar para português E nas atividades fiquei com 63 e, a nota de corte foi 71 muito concorrido. É muito professor para fazer e é uma disputa maior. Mas não estou desanimada. Vou continuar fazendo o processo seletivo e, se Deus quiser tendo mais experiências. Como nesta que estou tendo nesse ano está sendo para mim incrível.

(Min.12:17)(Ana Paula): Em quais escolas a senhora atuou durante todo esse período de trabalho docente. Quais escolas a senhora passou?

(Min. 12:26 (Flávia): Trabalhei com o primeiro ano em 2017 na modalidade EJA. Em uma escola chamada São Bartolomeu, na qual é sede, no Centro de educação diversificada-São Bartolomeu, e fiquei também com uma turma de 8º ano. Em 2018 fui para o centrão trabalhar no noturno. Eu trabalhei com turmas de 1º ano e turma de 2º ano, regular no centrão. Em 2019 fiz o processo seletivo para o diurno e consegui. Meu primeiro ano com o diurno foi no CEF do Bosque. No CEF do Bosque eu trabalhei com turmas de 9º ano. Em 2020 voltei para o colégio São Bartolomeu. O São Bartolomeu é diurno com uma turma de 8º ano. Eu tinha 8º ano e 9º ano. Em 2020 veio a pandemia, e nós tivemos que trabalhar online. Foi a partir daí que as coisas começaram a pesar tanto para os estudantes quanto para nós professores. Porque tivemos que nos readaptar e estudar também para esse novo processo como, por exemplo, passar uma atividade online e estudar toda a plataforma Google Classroom. Houve profissionais com mais facilidade para se readaptar a esse processo. Eu considero que tive uma mediana. Eu consegui me organizar, fazer os formulários bem organizados, conseguir fazer bastante coisa. Alguns professores tinham mais dificuldade, reclamavam que era bem complicado para conseguir acessar a plataforma, enviar as atividades, preparar os formulários, pois era mais difícil. Em 2021 fui para o Centrão com turmas de 1º, 2º e 3º ano foi um ano difícil com três planejamentos diferentes e foi bem mais difícil.

(Min.14:47)(Ana Paula): Aproveitando que a senhora está comentando sobre essa questão da pandemia. Além dessas consequências ocasionadas pela pandemia, como ficou o trabalho docente depois disso? Por que parece que escancarou mais ainda todas as dificuldades enfrentadas por todos e inclusive os professores. Como é que foi esse apoio tanto da escola quanto dos professores? Como foi esse período de trabalho em conjunto para que fosse possível a realização desse ensino remoto?

(Min.15:14) (Flávia): É aqueles professores e, principalmente os coordenadores que tinham um pouco mais de facilidade e, estavam fazendo os cursos também para nos auxiliar. Eles fizeram uma organização muito interessante. Nós tínhamos oficinas. Os encontros nos quais tínhamos coordenação geralmente eram direcionados para nos auxiliar a fazer o trabalho remoto. Nós tínhamos desde o preenchimento de folha de ponto, tudo remoto também. As atividades para os alunos que não tinham internet que nós tínhamos que preparar uma atividade. E essas atividades eram impressas na escola. O estudante tinha que ir buscar essa atividade e levar para casa e, depois, nós buscávamos na escola e trazia para a nossa casa e corrigia em casa. Tudo isso fomos organizando e os coordenadores e outros professores que também tinham mais facilidade com a informática ajudava. O que acontece eles nos auxiliavam a nos organizar, como postar atividade, o passo a passo. No centrão, por exemplo, em 2021, o nosso coordenador por exemplo, fez vários vídeos e esses vídeos ficavam disponíveis na plataforma para que nós sempre que tivesse dúvida pudesse acessá-los e ir revendo e reaprendendo. Os professores que tinham mais facilidade e o nosso coordenador nos auxiliaram dessa forma, fazendo os vídeos, deixando e, fazendo oficinas específicas para isso. Como nós tínhamos aquela impossibilidade de sair de casa por causa do vírus estava bem complicado. Nós tínhamos a correção das atividades e, depois do período que as atividades eram devolvidas nós buscávamos essas atividades e trazia para casa para a correção. A devolutiva para aqueles alunos que estavam na plataforma era mais fácil porque nós gravamos o vídeo online e marcávamos os encontros com os alunos. Todos abriam o Google Meet e nós conseguíamos dar aula, explicava conteúdo, trabalhava on-line e as atividades do formulário nós também conseguimos fazer a correção e os alunos tinham o feedback. Para aqueles que não tinham internet em casa foi mais difícil. Eu acabei percebendo que os estudantes que não tinham acesso a internet e faziam as atividades remotas, ficaram mais prejudicados. A diferença de acesso ao conteúdo, as explicações do professor e poder tirar suas dúvidas. Para esses alunos era mais difícil porque na plataforma, era colocado o vídeo. Nós fazíamos a gravação da explicação de um conteúdo e postava. Os alunos perguntavam na plataforma e respondíamos os estudantes. Das atividades impressas não lembro como era chamado. Esses estudantes que faziam essas atividades e remotas sem ser pelo (...). Para esses estudantes era mais difícil não tinham como tirar dúvidas. As atividades acabavam sendo assim muito engessadas. O impacto para os estudantes foi maior. Acredito que os professores do fundamental também tiveram esse impacto semelhante. Para aqueles que estavam no online um pouco menos. E para quem não tinha acesso e que estava recebendo as atividades impressas foi mais complicado para alcançarmos.

(Min. 18:04)(Ana Paula): E quais foram as dificuldades enfrentadas para lidar com o ensino remoto e em relação às famílias, aos alunos e também aos professores?

(Min.18:14) (Flávia): Primeiramente essa dificuldade dos professores que tinham muitos anos já em sala de aula de utilizar as ferramentas tecnológicas e tinham dificuldade para se adaptar. Para esses professores trabalhar com as aulas online e, nesse formato, foi um pouco mais difícil.

Eu consegui me adaptar. Consegui organizar umas aulas um pouco mais interessantes para cativar os alunos e, para que também sentissem vontade de assistir às aulas. Porque a dificuldade nesse sentido para os estudantes foi o desânimo. E nós tínhamos turmas de quarenta alunos. No momento de fazer a aula online tinham dez alunos, cinco alunos, e eu já tive aula online que tinha um aluno, dois alunos. Isso dificultava, e as famílias não tinham como dar esse suporte para as crianças. O estudante terminava a aula online e precisava fazer a atividade e realizar as avaliações não tinha auxílio em casa. Isso para eles foi muito mais difícil, principalmente para aqueles que tinham mais dificuldade e não tinham como acessar o professor. Ter o auxílio das famílias em casa era difícil e nós tivemos uma evasão muito grande. Muitos pais precisavam, por exemplo, se adaptar em casa com um celular para três ou quatro filhos que mal assistiram e fazer suas atividades online. Isso também foi difícil para as famílias. Acredito que não intencional, a família se pudesse apoiaria mais. Nesse sentido para as famílias foi muito difícil porque impactava também nas condições financeiras. Aqueles que diziam ter melhores condições financeiras conseguia organizar melhor o espaço em casa para os filhos acessarem a aula através do notebook, o computador ou mesmo o celular. Muitos professores se reuniram, fizeram vaquinha e apoiando uns aos outros para comprar celular para os alunos. Um celular em casa que não estava sendo utilizado, levavam para doação. Tiveram muitas doações de celulares, de notebooks e assim nessa corrente do bem fomos ajudando e ali tentando auxiliar da maneira que podemos. Mas no geral os alunos ficaram com bastante desânimo. As aulas para eles não eram muito interessantes. Umas mais, outras menos ainda. Então foi muito difícil. Para aqueles alunos que tinham essa consciência de que precisavam estudar de forma autônoma mesmo faziam. Eu fui tentando fazer essa conscientização neles. Já fazíamos, mas, fomos fazendo uma conscientização muito maior. “Está vendo, pessoal, a importância da autonomia dos estudos. De você saber que você tem que se organizar, tem que estudar”. O professor cada vez mais está ganhando esse espaço de mediador. O aluno precisa do amadurecimento para o estudo. Por um lado foi interessante porque foi fortalecendo nos estudantes essa autonomia. Nós sabemos que para alguns essa autonomia, esse amadurecimento, realmente está presente desde criança. Já percebe que esse aluno vai ser um aluno com compromisso e que vai estudar de verdade. Por outro lado, sabemos também que tem estudantes que estão ali na infância, na adolescência e vai ter muito mais dificuldade de se organizar e ter autonomia. Para os alunos que estavam principalmente em turma de terceiro ano que eu dei aula, aqueles que já desde o início do ensino médio já iam ali direcionados a entrar no UNB, conseguiam e entraram, mas aqueles que desanimaram no meio do caminho, ficaram desmotivados e, nesse caso, o impacto da pandemia foi maior. E realmente nós tivemos um apoio dos pais que perceberam a importância da escola. Nós professores conseguimos fazer com que os estudantes também tivessem essa noção do ambiente escolar, ele não é apenas para aprender conteúdos, ele vai além disso. Da construção moral, construção emocional dos estudantes e, tanto que depois disso a própria UNB começou a ter aulas sobre a felicidade, sobre trabalhar, a questão dos sentimentos com os estudantes. Nós tivemos muitas perdas, mas eu considero que também tivemos alguns ganhos.

(Min. 23:45)(Ana Paula): E quais foram os resultados alcançados a partir do uso das tecnologias? Que tipos de tecnologias foram utilizadas? Por exemplo, computador, celular, tablet ou outras que possam ter sido mediadores também para promover esse processo de apropriação.

(Min. 24: 20(Flávia): Eu precisei me adaptar também. O meu computador lá em casa estava com problemas. Com o celular mais antigo, um computadorzinho mais velhinho. Então tivemos que nos organizar financeiramente, adquirir um novo computador, adquirir notebook, adquirir celular. Eu precisei me apropriar desses conhecimentos de Google Classroom, Google Meet e, eu sempre gostei muito de trabalhar com aulas com slide. Eu conheci o Canva, fui me apropriando ali de como trabalhar melhor com Canva, preparar slides visualmente atraentes para os meus alunos. Tinha algumas atividades que os alunos iam fazer, eu observava que não tinha nem colorido, não tinha nada. Eu deixava bem organizado, colorido, no final de cada formulário sempre colocava uma frase motivadora para os estudantes, alguns reconheciam e diziam “ nossa professora que legal! Eu estava precisando daquela frase que você colocou no final do formulário. Eu estava precisando daquilo ali”. Reconhecia o esforço de se aprimorar. Foi muito desafiador porque nós já tínhamos essa noção de que ter os conhecimentos em relação a tecnologia eram importantes, mas quando precisamos trabalhar com ela, precisa realmente entender como funciona. E nós sentimos que estamos precisando de uma reciclagem, precisando estudar mais. Foi muito relevante para nós mesmo com a pandemia. Essa fase é difícil e, nós continuamos precisando usar esses recursos da tecnologia. Isso trouxe também essa dimensão de que alcançar o aluno é por meio da tecnologia também. Se faz necessário para os professores. É uma coisa que os professores foram meio que forçados a fazer, mas que antes eu já tinha essa concepção e dizia: “Eu não posso só usar o quadro. Eu não posso só ligar um vídeo. Eu preciso fazer alguma coisa a mais”. Quando eu levava as minhas aulas com slides, colocava Gif, colocava meme, tudo que eu sabia que os alunos iam sentir-se mais próximos, e, se aproximar mais. Como estamos nesse mundo tecnológico, o celular está na mão dos alunos e tem tudo. Eles fazem vídeos super elaborados. Você pede para fazer um seminário, eles vem apresentar com o slide e, fazem slides legais e trazem vídeos. Quando eu trabalhei com os meninos no bosque em 2019, eu pedi para eles fazerem vários vídeos sobre a sua comunidade, onde eles moravam. Eles fizeram vídeos incríveis e pedi para fazerem paródias. Eles cantaram essas paródias, fizeram clipes. Ver que o seu estudante tem um conhecimento muito grande da tecnologia também e quando você entende você se aproxima dele. Isso para mim foi muito importante, poder me aproximar dos estudantes, adquirindo esse conhecimento que até então não tivemos e que com um pouco de dificuldade em relação a tecnologia principalmente esses meios mais modernos nós não tínhamos condições, mas aquilo que deu para ter condições foi feito. Eu morria de rir às vezes nas coordenações, tinha professor que já é efetivo e, brincava assim: “ Ah porque a secretaria não me deu notebook e, eu não vou preparar aula não. Não vou dar aula. Eu não vou trabalhar”. Nós temos que nos virar, temos que fazer a nossa parte para alcançar os estudantes. O trabalho do professor passa muito por isso. De nos doarmos, de fazermos o que está fora do nosso alcance, e o que está ao nosso alcance também para poder atingi-las.

(Min. 30:10)(Ana Paula): E como a escola se propôs a ajudar os professores como, por exemplo, houve alguma formação ou orientação por parte da escola durante esse período do ensino remoto?

(Min. 30:23(Flávia): Sim! Eu realmente não tenho muito acesso em relação aos meus colegas do ensino fundamental um. Já dos meus colegas do fundamental dois e ensino médio, tivemos muito apoio através de oficinas e cursos. Fizemos cursos pela plataforma Google Classroom. Tínhamos os vídeos gravados para auxiliar. Os professores que tinham mais facilidade e

coordenadores estavam ali para esclarecer as dúvidas e auxiliar. Nesse sentido não senti dificuldade, mas eram muitas questões envolvendo o ensino remoto. Depois avaliamos e vemos o que deu certo e o que não deu. O que precisa melhorar e precisa ser corrigido. Infelizmente tivemos que ir num caminho que era desconhecido ainda. Tínhamos muitos feedback dos nossos coordenadores e dos gestores nas nossas coordenações, que é aberta a discussão em relação às melhorias do que não estava bom. Os professores realmente têm muito esse espaço de fala.

(Min. 32:22)(Ana Paula): E quais foram as medidas adotadas para superar as dificuldades durante o retorno ao ensino presencial. Depois que terminou esse ensino remoto e voltaram para sala de aula?

(Min. 32: 51)(Flávia): A princípio o que eu posso dizer foi a atenção e acolhimento que tivemos até uma cartilha se não me engano, elaborada pela secretaria, bem explicativa e, orientando os professores. Nesse momento de acolhimento aos estudantes ao retorno presencial, ficou claro para todos de que era um momento muito sensível e de que esse retorno precisava ter essa sensibilidade de acolhimento aos estudantes e tivemos essa discussão e estratégia. O primeiro momento é o acolhimento dos estudantes, que estão passando por muitos momentos difíceis. Alguns passaram por questões de morte na família, tiveram a própria doença, estão com medo da doença. E o retorno foi muito apreensivo. Todos amedrontados, com medo da doença. Em primeiro momento era essa questão do acolhimento. E além disso, devido às próprias medidas de cuidados que tivemos de prevenção contra o coronavírus, tivemos algumas limitações, por exemplo, o estudante não podia mais sair da sala de aula, era todo mundo na sua sala e, isso para mim que gostava de trabalhar com o uso da tecnologia que aprendemos tanto no ensino remoto ficou inviável para o ensino presencial, porque não tinha como montar um data show na sala de aula, e eu comprei o meu próprio datashow e caixa de som, já tinha providenciado todas as minhas coisas desde o início que eu comecei a trabalhar e, vi a necessidade de adquirir, de não depender da escola. Mas não tinha possibilidade de usar, porque não tinha como ligar em toda a sala que fosse, cada aula de cinquenta minutos não tinha condições. E a aula voltou a ser aquela aula no quadro expositiva e isso também foi algo que desmotivou os alunos também. Eles perceberam essa diferença. E era muito tempo dentro da sala e na verdade não foi uma iniciativa que a escola teve assim. Imposta porque tinha outras possibilidades. Porque realmente o retorno nos aguardava dessa forma e eram as medidas de prevenção. Eu lembro inclusive que tivemos em outubro uma reunião com a coordenação sobre a festa de Halloween. E foi dito que não iríamos fazer festa de Halloween na escola. Ainda está com muitos casos de coronavírus. Do vírus que está circulando ainda e eu lembro que eu fui a favor. E eu falei, não, temos que fazer a festa sim, porque estamos com adolescentes e, precisam se distrair um pouco a mente, precisam brincar, precisam saber que a escola é um espaço para isso também de socializar, de se divertir um pouco. E eu lembro que foi bem engraçado esse Halloween que fizemos porque tivemos que ter contato. E eu sempre fui uma professora que tenho muito contato com os alunos. Eu gosto muito de abraçar, gosto muito de estar perto e aí existem algumas professoras que condenavam e falavam: “Olha tem professor que tá abraçando aluno, tem professor que tá se envolvendo ali nas festas e estimulando festa”. Mas eu via como algo positivo que era importante. Algo importante para os alunos também. Esse tipo de iniciativa da escola para mim era positivo de estimular, incentivar e muitas coisas que a escola não teve como acolher, mas providenciar para os alunos, devido a pandemia. Eu vejo que a

escola proporciona diálogos nesse sentido da própria orientação educacional e focou em temas que tinham a ver com aquele momento que estávamos vivendo, para conversar com os estudantes e que trouxeram em alguns momentos também alguns especialistas como, por exemplo, psicólogos nos eventos que estavam ali previstos no calendário escolar. Todos os temas eram voltados para essa questão da pandemia, do acolhimento, da saúde mental dos professores, dos estudantes que estão nas coordenações. Tínhamos para conversar com os professores sobre esse retorno, como acolher melhor os estudantes, como nos acolher, a importância da saúde mental dos professores. E nesse sentido a escola deu um suporte bem significativo.

(Min. 38: 38)(Ana Paula): E em termos de aprendizagem houve projetos alguma coisa que proporcionou essa superação?

(Min. 39: 08:)(Flávia): Aquele momento ainda era crítico, e nós realmente não conseguimos trabalhar em cima do projeto específico. Estava bem difícil ainda. E eu fiquei com os anos finais. Eu fiquei com uma turma de 3º ano e era só uma turma que eu tinha. As aulas eram direcionadas para esse sentido. Já no ano passado que eu já consigo falar melhor. No ano passado eu fiquei com a educação infantil. Trabalhamos muito com o projeto que desenvolvemos. Chama-se Projeto das emoções. Tínhamos na Secretaria o Projeto Cultura de Paz e ele veio muito para trabalhar essa questão da violência nas escolas que aumentou e, eu acredito da pandemia. Retornamos da pandemia ao ensino presencial com casos até graves nas escolas de violência. Um ponto interessante a ser estudado também. Acho que muitos estudantes devem está inclusive estudando essa temática, porque a violência aumentou muito depois da pandemia nas escolas no retorno. E a escola no passado se viu nessa necessidade. É um projeto da secretaria, cultura de paz e cada escola trabalha, personalizando ali, adequando de acordo com a sua escola. Ano passado, trabalhamos o projeto da cultura de paz no meio do projeto das emoções com as crianças. O nosso projeto era baseado em uma história de um grupinho de amigos em que um deles sofria bullying. Sofria críticas dos coleguinhas e um dos colegas fazia de forma agressiva e o outro agia de forma empática e amorosa, e por meio dessa história começamos a trabalhar. E nessa história esse menino que era o que reagia a essa violência de forma pacífica, explicava e os outros questionavam. Mas por que você age assim Aquele ali fica com raiva, fica zangado e você só age dessa forma. Ele conta que a avó sempre contou uma historinha para ele desde criança sobre os animaizinhos. Que era tartaruga, o coelho, o leão, a formiga e o elefante porque cada um desses bichinhos representava uma emoção, a força, a raiva, o amor, a empatia e a responsabilidade. E por meio desses sentimentos, que na verdade eram emoções. O meu projeto são os sentimentos e por meio disso, ele lembrava quando tinha alguma frustração. Eu vou me lembrar da formiga, da responsabilidade, eu vou lembrar do leão que era a força, eu vou lembrar do outro. Eu comecei a trabalhar esse projeto na sala de aula, tínhamos aquele polvo do amor, um roxinho alegre e de outro lado bravo. Eu comecei a trabalhar com ele. Cada sala de aula tinha um e contava a história, trabalhava os sentimentos com as crianças. Com as minhas crianças, eu vi que a necessidade era um pouco maior, porque as minhas crianças estavam muito agressivas. Estava com crianças que nem conseguia falar, só gritava, só falava zangado, raivoso. E eu comecei a trabalhar com eles a partir não só do polvo, mas de outros animais. Comecei a trazer outros bichinhos, virou uma floresta a minha sala de aula e vou começar a trazer outros bichinhos para trabalhar com as crianças dos sentimentos. E eu tive muito suporte da gestão, da orientação educacional que

era um projeto da orientação educacional. As outras professoras e todos se uniram para realizar esse projeto e deu frutos. O comportamento melhorou e a agressividade diminuiu. Os alunos começaram a se tornar menos agressivos, mais empáticos. Esse projeto que desenvolvemos no ano passado foi bem bacana. Esse ano agora no segundo bimestre, vamos começar e soube que é sobre as emoções também. E eu acredito que a secretaria está direcionando, porque as orientadoras elas devem se reunir, discutir, conversar o que vamos trabalhar em sala, propor aos professores. E os professores também nos dão esse retorno do que é interessante. E devido a esse aumento da violência na pós-pandemia, o foco está sendo bem direcionado realmente aos sentimentos, às emoções.

(Min. 43: 22)(Ana Paula): Isso é uma ação dos professores ou em conjunto com a escola?

(Min. 43: 26)(Flávia):É com a escola. Com a própria rede no geral. Para ser trabalhado com eles.

(Min. 43:33)(Ana Paula): E a senhora acredita que essas medidas e estratégias desenvolvidas pela escola e em conjunto com os professores têm dado bons resultados?

(Min. 43: 40)(Flávia): Sim.

(Min. 43: 43)(Ana Paula): E o que a senhora como educadora observou durante o ensino remoto e no ensino presencial. No ensino remoto houve afastamento dos alunos? E após o retorno ao ensino presencial houve um aumento no número de estudantes em sala de aula?

(Min. 44:11)(Flávia): Houve o aumento no ensino presencial e, no ensino remoto, é uma evasão altíssima.

(Min. 44: 24)(Ana Paula): Gostaria de perguntar a senhora se além do que conversamos referente às questões abordadas, se tem mais alguma questão que a senhora gostaria também de comentar que não foi exposto nas outras questões?

(Min. 44:41)(Flávia): O que eu posso dizer é que realmente foi um aprendizado muito grande esse momento da pandemia e a utilização da tecnologia aliado aos desafios. Para nós foram desafios enormes. Nós tivemos que aprender a lidar com um mundo novo. É a questão da sensibilidade, a qual acredito que o professor pode perceber o quanto o seu o papel é fundamental e essencial. Nós realmente tivemos uma mudança de compreensão de que o professor, é o mediador. Acredito que o papel do professor é fundamental e que não existe tecnologia que se compare ao trabalho do professor por maior que seja a tecnologia criada, os avanços e as mudanças no mundo, o que o professor é capaz de fazer, tecnologia nenhuma faz. O professor precisa cada vez mais se apropriar dessa questão da sensibilidade, da empatia com aluno, porque ele realmente consegue fazer com que esse aluno alcance. Às vezes com coisas mais simples. Não são nem coisas tão grandiosas. De um modo mais simples ele consegue alcançar o seu aluno. E os alunos descobriram também e os pais e, já tinham um pouco dessa noção, mas os alunos ainda viam a escola como um mero lugar de transição de conteúdos, mas eles perceberam também que a escola vai muito além disso. E foi importante para as famílias perceberem isso também, que não é só o lugar que você deposita as crianças, deposita seus filhos. É um lugar que é extremamente importante para o crescimento individual e emocional. Para criação de valores morais para vida a toda. O que se aprende, o que constrói dentro da escola. É muito mais que um espaço de paredes e muros. É a escola, um espaço de construção do ser humano. A pandemia mostrou uma fragilidade muito grande do espaço escolar, de que nós precisamos de muitos recursos. Melhorar as nossas aulas, melhorar a condição do ensino para os nossos estudantes. Mas também trouxe esse reforço que nós já sabíamos, mas só veio

a reforçar de que a escola é um lugar de construção do ser humano, fazer amizade e de socializar. Uma coisa também que é muito importante foi de que os professores perceberam que é muito mais frutífero para os alunos se unir com seus pares para criar projetos, desenvolver a dinâmica toda que é necessária durante o ano todo na escola. Os gestores mais compreensivos e mais próximos. Menos frios, mais próximos dos seus dos professores e de todos. O corpo docente, os profissionais da escola e os professores uns com os outros. Divide o que você sabe comigo. Olha eu não sei mexer aqui nessa plataforma tenho dificuldade para encher isso aqui e, um ajudar o outro. Um auxiliar o outro. Soube de professores mais velhos que tinham escolas que estavam descartando esses professores. Ah não está acompanhando a tecnologia, não dá conta de mexer no computador. Isso é tão triste porque aquele profissional ali tem a capacidade de aprender e tem outras outras qualidades. Poder ajudar o outro e fazer junto. Vamos aqui juntos em prol dos nossos estudantes é bom para todos os professores, mas muito mais para os nossos alunos. **(Min. 48:37) (Ana Paula):** Agradeço à senhora pela participação na entrevista. Muito obrigada.

(Min. 48:42) (Flávia): Eu agradeço.

Transcrição de Entrevista 5- 3º ano

Participantes:

Estudante: Ana Paula

Professora: Isabel **Turma:** 3º ano

(Min.0:01) (Ana Paula): Bom dia! Vou pedir a senhora para se apresentar?

(Min. 0:06) (Isabel): Bom dia! Eu sou Irismar Torre Franco. Sou professora temporária da Secretaria de Educação do Distrito Federal e já tenho 11 anos de secretaria.

(Min.0:22) (Ana Paula): Poderia contar um pouquinho da sua trajetória pessoal. Onde a senhora nasceu e cresceu?

(Min. 0:28) (Isabel): Eu nasci em Taguatinga no ano de 1970. Estudei a educação básica toda em escola pública e também sou graduada tanto em pedagogia como turismo. Eu sou turismóloga. Tenho pós-graduação na área de orientação educacional e essa é a minha trajetória. Uma professora temporária que ainda não conseguiu passar em um concurso porque estava trabalhando e, não teve tempo para poder dedicar aos estudos. Mas pretendo passar ainda no concurso.

(Min.01:21) (Ana Paula): E onde a senhora se formou? Qual faculdade a senhora realizou os cursos?

(Min. 01:27) (Isabel): Eu fiz 4 anos em escola normal. Fiz o magistério na época em que era muito bem visto e até hoje continua sendo. Uma professora que faz escola normal tem muita experiência na área. Fazemos os estágios também em todas as escolas como, por exemplo, em escola rural e ensino especial e, inclusive a nossa carga horária é bem acima. Depois fiz o curso de turismo que foi algo pelo qual me interessei, mas não cheguei a atuar na área de turismo. Já trabalhei em uma empresa privada e fui assistente administrativa. Trabalhei durante uns seis anos e resolvi, tendo o magistério, entrar na Secretaria de Educação no ano de 2009. Comecei a fazer o curso de Pedagogia. Eu já tinha iniciado um tempo e também porque já exigia o nível superior. E depois tendo horas aulas da escola normal, fiz o meu curso de pedagogia em três anos. Foi na faculdade Albert Einstein. Minha carga horária era muito longa e, eu já tinha muitas horas aulas. Concluí de imediato, pois, o curso de pedagogia foi tranquilo, e também porque agora tenho a prática, o que foi ótimo.

(Min.03:23) (Ana Paula): E quanto tempo de trabalho docente a senhora tem na área da educação?

(Min. 03:29) (Isabel): Eu fiz 11 anos. Entrei em 2009 e fiquei uns 2 anos E, nesse período, não tinha atuado ainda na área da educação. Fui chamada para um concurso, mediante aprovação, mas não deu certo a continuidade. Comecei trabalhando na Regional de Taguatinga. Eu trabalhei em uma escola rural e também em duas escolas do Vicente Pires. E da Regional de Taguatinga fiz concurso para a Regional de São Sebastião. E aqui estou desde 2003.

(Min. 04:15) (Ana Paula): E quais séries/anos a senhora trabalhou?

(Min. 04:25) (Isabel): Já atuei desde a educação infantil como também no primeiro e segundo período. O primeiro ano e o segundo ano são para as turmas que somos chamados. É o grupo daqui que cobrimos o atestado médico dos professores efetivos. O quinto ano também.

(Min. 04:48) (Ana Paula): Levando em consideração a pandemia que foi um momento difícil porque houve essa necessidade de organização em relação ao processo de ensino aprendizagem e também dos professores. Quais as consequências a senhora percebeu em relação ao trabalho docente e adaptação ao novo contexto de ensino-aprendizagem?

(Min. 05:16) (Isabel): A dificuldade foi o acesso à internet e as plataformas em relação aos pais e alunos. Os estudantes mais porque não tinham acesso à internet. O governo prometeu que os alunos teriam acesso à internet e, todavia, nem todos tiveram acesso para o alcance da educação básica. E além disso, havia necessidade de mais recursos como, por exemplo, os aparelhos tecnológicos. No meu caso e dos professores foi muito trabalhoso. Aqueles que não sabiam lidar com as tecnologias sofreram um pouco mais. Eu tinha apoio dos meus filhos para me orientar e logo me adaptei. Acredito que a nossa dificuldade como professores foi atingir todos os alunos por causa também da falta dos recursos que as famílias, muitas vezes, não tinham e, com isso impossibilitou o acesso ao ensino. Mas não que não tenha alcançado os alunos. Não alcançamos todos, mas, a maioria nós conseguimos alcançar. Acredito que pode ser uma tecnologia que vem nos ajudar e acrescentar. Acredito também que quando estivermos mais organizados possamos estar também mais adaptados. Para os estudantes é interessante o contato com a tecnologia como por exemplo, vídeo. Uma coisa que na sala de aula não temos muito recurso para isso.

(Min. 06:59) (Ana Paula): Sim, com certeza. E quais são os desafios que a senhora enfrentou para lidar com o ensino remoto? Esse período de adaptação inicial para lidar com as ferramentas, pois, acredito que tenha sido difícil. Então como a senhora se adaptou a todas essas ferramentas tecnológicas durante esse período?

(Min. 07:19) (Isabel): Tive que comprar equipamentos que não tinha, como por exemplo, a ring light. Eu comprei cadeira, coloquei uma mesa para poder gravar as aulas. O acesso à internet era limitado, pois, muitas vezes, apresentava instabilidade no acesso durante o período de trabalho. Podíamos gravar, mas ao concluir e enviar ficava carregando o que demorava. Houve dias que fui parar de trabalhar meia-noite porque no outro dia já tinha que estar pronto para o acesso dos alunos às sete e meia da manhã, pois, nesse horário tínhamos que já estar na plataforma. Porque enviava para a plataforma os vídeos e tinha que estar carregados uma semana antes. Foi esse tempo que nós não tivemos. Teve muito trabalho que estávamos fazendo no dia para poder colocar na plataforma.

(Min. 08:27) (Ana Paula): Qual foi a plataforma que vocês utilizaram durante esse período?

(Min. 08:34) (Isabel): Usamos para acesso dos alunos e professores o Google sala de aula.

(Min. 08:55) (Ana Paula): Em relação às famílias e aos alunos tiveram dificuldades em participar das aulas e de ter esse apoio constante neste processo?

(Min. 09:10) (Isabel): A própria rotina mudou e nem todos os pais puderam acompanhar porque no horário em que entrávamos na sala de aula muitos pais não estavam em casa. Eles não podiam acompanhar as aulas ao vivo. Uma das aulas deixávamos gravadas e prontas para envio na plataforma e outras entrávamos e, realizávamos as chamadas. Muitos alunos deixavam para fazer as atividades quando os pais chegavam à noite em casa. Eu acredito que para os alunos a partir do terceiro ano é mais tranquilo. Eu fiquei um período com a educação infantil

que foi mais desafiadora e, quando estive nesse período, pude perceber que os pais não podiam acompanhar e as crianças eram muito pequenas. E depois foi um pouco do terceiro ano. E eu já vi que as crianças do terceiro ano já se adaptaram um pouco melhor.

(Min. 10:27) (Ana Paula): Quais foram os resultados que a senhora percebeu que houve alcance a partir do uso das tecnologias e, quais ferramentas tecnológicas a senhora utilizou, como por exemplo, computador e telefone que possibilitasse essa aproximação com a escola?

(Min. 10:55) (Isabel): Usamos o smartphone para fazer as chamadas de vídeo e o aspecto positivo que achei interessante foi ver as crianças em casa junto com os pais no cantinho ou não. Muitos tinham um cantinho improvisado em cima da cama que faziam e o fato de aprenderem a falar com a câmera. Eu acho que esse foi um despertar que antes nós não conseguíamos ver dos alunos se apresentando. No início foi interessante porque uns estavam tímidos, mas na hora que viam a professora ali, olhavam e falavam.

(Min. 11:50) (Ana Paula): E a senhora viu alguma dificuldade na utilização das ferramentas tecnológicas pelas famílias e alunos?

(Min. 11:58) (Isabel): Sim, pois, nem todos tinham aparelho celular, notebook ou computador com câmera para poder realizar todas as atividades. Mas a maioria conseguimos atingir os objetivos. Acredito também que as escolas rurais os acessos foram mais difíceis.

(Min. 12:30) (Ana Paula): E em relação à instituição pensando sobre a pandemia quando houve o fechamento das escolas durante esse período. A instituição colaborou durante esse período e fez com que os professores se adaptassem às tecnologias. Houve formação por parte da instituição ou orientação sobre como utilizar as ferramentas tecnológicas no ensino remoto?

(Min. 12:53) (Isabel): Tivemos minicursos. Aqueles que conseguiram aprender, colocaram em prática e tiveram também aqueles que não conseguiram compreender de imediato os conteúdos e teve que se esforçar mais para conseguir acompanhar. Apesar de ter fechado as escolas continuamos trabalhando em casa, pois tínhamos reunião e coordenação. As videochamadas em nosso trabalho não parou. Tivemos que parar para repensar o que iria fazer. Depois começamos a realizar alguns cursos para poder auxiliar na utilização das ferramentas tecnológicas, como por exemplo, fazer desenhos e videochamadas. É um processo mais tranquilo, até porque estou mais adaptada. E fazíamos também o registro do diário eletrônico no celular ou notebook estando em casa ou na escola. Apesar de serem poucos conseguimos realizar.

(Min. 14:10) (Ana Paula): Quais foram as medidas tomadas para ajudar as crianças com dificuldades, como por exemplo, projetos que tenham colaborado para superação das dificuldades que possam ter enfrentado durante toda essa readaptação e que não vivenciaram a sala de aula de forma presencial. Como foi essa adaptação e as medidas que foram tomadas para ajudar com todo esse retorno ao ensino presencial?

(Min. 15:04) (Isabel): No início teve todo aquele problema da higienização. Tanto da escola como também dos professores, pois, todos estavam usando as máscaras e as crianças foram difíceis para se adaptar. Os projetos que fizemos chama-se Projeto Interventivo que foi justamente verificar essas dificuldades na alfabetização por que ficou prejudicado. Há muitos alunos que só fazem as atividades se os professores sentarem ao lado e como pode ver temos em uma sala, trinta e três alunos. Hoje tem vinte e nove. Mas a nossa realidade é essa. A dificuldade que temos agora depois da pandemia é o aumento nas salas de aula, pois, encheram muito. Muitos alunos saíram da escola particular e vieram para as escolas públicas, porém,

começou a ser normalizado devido a esse aumento. E os projetos interventivos estão funcionando melhor, mas, no início foi muito difícil porque até voltar todos, havia ansiedade, pois, ficaram muito tempo em casa também, sem contar o contato com os demais que não tiveram. Para os professores poderem estar perto e ver o que está acontecendo é importante, pois, é a nossa responsabilidade como professores da educação e também quanto ao ensino de português e matemática. Percebe-se que os alunos já estão na rotina novamente, pois, no início do retorno às salas de aula foram difíceis, porque teve criança que chorava que queria ficar em casa mesmo, não queria vir mais para a escola.

(Min. 17:15(Ana Paula): E como a senhora avalia o projeto interventivo para que houvesse essa superação das dificuldades e que colaborassem para que houvesse essa readaptação?

(Min. 17:41) (Isabel): Eu acredito que no dia a dia da rotina e estar explicando e relembrando da importância de se cuidar. Nem todos os alunos estão no mesmo ritmo, tentamos equalizar e fazer com que todos estivessem no mesmo ritmo, mas nem sempre conseguimos alcançar a todos. Quanto aos projetos que fizemos, acredito que poderia ter sido melhorado, mais especificamente nas dificuldades da escola, que é justamente isso, é a diversidade e de condições das famílias e alunos. Dos pais que cobram mais os filhos e os que não cobram nada, mas em sala de aula fazemos o que é possível fazer. É cobrando, é correção.

(Min. 19:31(Ana Paula): Nesse retorno ao ensino presencial a senhora percebeu esse aumento no número de alunos e no ensino remoto houve o mesmo quantitativo de estudantes que participaram das aulas?

(Min. 20:04) (Isabel): No ensino remoto houve afastamento de muitos alunos justamente por conta das condições. O ensino remoto não alcançou uma parte dos alunos. Eu acredito que no retorno ao ensino presencial houve aumento nas escolas. Naquele período em que os alunos estavam em casa queriam vir para a escola e, observamos que não tinha tanta ausência como agora. Esse ano já começou a ter várias ausências e, o que vemos é mais em relação às famílias, porque muitas se mudam e vão de uma escola para outra. E nisso ficava faltando e, depois fazia transferência. Uma dificuldade que tínhamos quando voltamos foi em relação a localizar as famílias porque trocavam de número e não passava para a escola o novo número, e ficávamos naquela busca ativa e não encontrávamos os alunos.

(Min. 21:43(Ana Paula): E de tudo que nós conversamos, a senhora gostaria de comentar mais algum assunto que não foi abordado nas questões anteriores?

(Min. 21:56) (Isabel): Depois que passamos pelo ensino remoto e voltamos ao ensino presencial, tentamos sanar as dúvidas da melhor forma. Gostaria que a escola fornecesse para os professores a possibilidade de ofertar o ensino remoto como uma complementação de estudo para os alunos, no que diz respeito ao acompanhamento do ensino dos estudantes também em casa. Fizemos na época da pandemia. Seria interessante. Vamos supor as nossas aulas de 5 horas, porque ficamos na escola 5 horas com os alunos de forma presencial e depois tem um tempo também para ver essa parte do ensino remoto com eles. Eu acredito que ia acrescentar bastante para os alunos e também para os professores até na questão do ensino aprendizagem dos estudantes, e a nossa avaliação por ser formativa. E daria mais uma visão melhor do aluno para os professores para a realização da avaliação.

(Min. 23: 38(Ana Paula): Agradeço à senhora pela participação.

(Min. 23:40) (Isabel): Ah, obrigada!

